



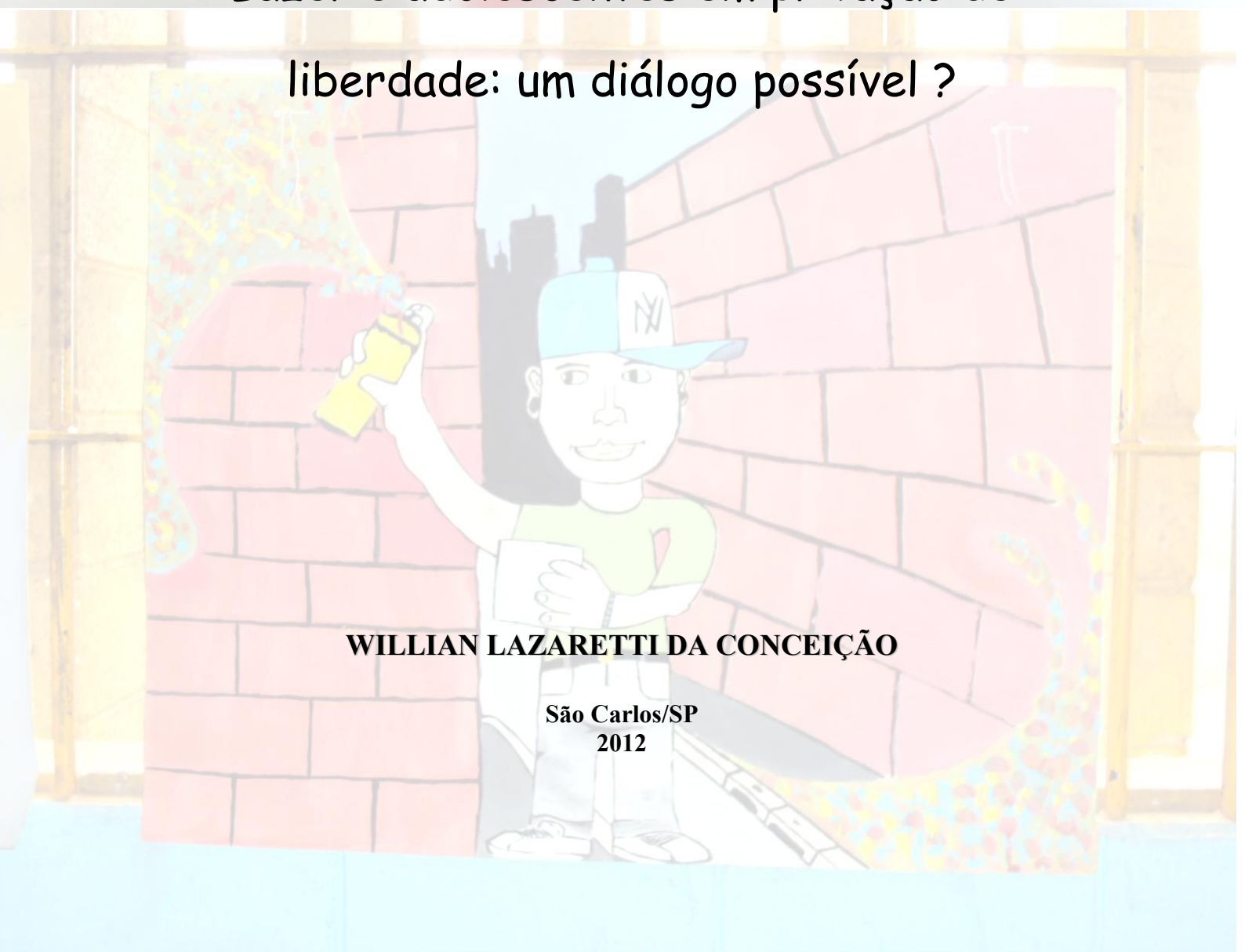
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Lazer e adolescentes em privação de
liberdade: um diálogo possível ?

WILLIAN LAZARETTI DA CONCEIÇÃO

São Carlos/SP
2012





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



WILLIAN LAZARETTI DA CONCEIÇÃO

Lazer e adolescentes em privação de liberdade: um diálogo possível?

Dissertação apresentada à banca examinadora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos de Ensino e Aprendizagem, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Orientadora: Prof. Dra. Elenice Maria Cammarosano Onofre

São Carlos/SP
2012

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C744La Conceição, Willian Lazaretti da.
Lazer e adolescentes em privação de liberdade : um diálogo possível? / Willian Lazaretti da Conceição. -- São Carlos : UFSCar, 2012.
145 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2012.

1. Educação. 2. Lazer. 3. Processo educativo. 4. Educação de jovens e adultos em privação de liberdade. 5. Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Elenice Maria Cammarosano Onofre

Prof. Dr. Fernando Alves Donizete

Prof. Dr. Edmur Antonio Stoppa

Embr
Fernando Donizete Alves
Edmur Antonio Stoppa

"Só um recado para quem vai ouvir ou ver, se nós tamo aqui dentro foi por um erro nosso, e aqui dentro a gente aprende muita coisa, temos curso, escola, é as amizades. A pessoa amanhã pode ser alguém na vida, basta a pessoa querer se dedicar, basta ela querer, que ela pode ser uma pessoa melhor, quem sabe um professor, um médico, aqui nós tem muitos exemplos de vida se a pessoa quiser se espelhar se espelha em coisas boas."

Flamengo

Dedico primeiro a Deus por ter colocado a minha querida e amada mãe Vera Lúcia Lazaretti, para guiar meus passos nos bons e nos maus momentos de minha vida, e mesmo quando ausente devido a necessidade de trabalhar, sempre cumpriu sua função de mãe e de pai também, apoiando e ensinando-me com sua humildade e com as suas experiências de vida.

Pãe! Minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

Diante da impossibilidade de contemplar todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para este trabalho, gostaria que o vento levasse a cada um de vocês um afago como agradecimento a contribuição prestada neste percurso de minha vida.

Agradeço imensamente à minha amiga, professora e orientadora, Elenice Maria Cammarosano Onofre, pelo acolhimento e carinho, por me acompanhar e apoiar e por toda a confiança em mim depositada.

Ao professor Edmur Stoppa, que desde a graduação, contribui com a minha formação profissional e para a vida!

A professora Lúcia Williams e Fernando Donizete Alves, que prontamente aceitaram participar da minha banca de qualificação e de defesa respectivamente.

Ao professor e as professoras que fizeram com que eu me questionasse diariamente por um semestre ou mais, sobre o que seria uma prática social? Meus agradecimentos a Luiz Gonçalves Junior, Maria Waldenez, Aida Victória, Petronilha, Ilza Joly, e Emilia Freitas, afinal o que abunda não compromete, por isso agradeço a todos os docentes, amigos e amigas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

A AfriTati minha amiga do coração, que juntos passamos por bons momentos, e também alguns bem angustiantes. A Liandra Gregoracci, Aline Fávaro, Joana D'arc, Rubia Caparrós, minhas companheiras de orientadora e que também pesquisam sobre medidas socioeducativas.

A Sandra, Claudinho e Ivone que por vezes me acolheram em seu lar. Eva Teles, Flávitus, Clóvis Bento, Ellen, Iraí, Rafa Ramassote, Gisele Paez, Terence, PauloKim, Débora, Carlitos, Abel, Denise Martins, Karina “Cristais”, Edu Fiorussi, Gui Pimentel, Manu Souza e Sabine Saraiva “que saiu à francesa” meus agradecimentos.

Aos amigos da Associação de Pós-Graduandos da UFSCar, Léo Reis, Vini Dantas, Uaiana e Diogo, Claudinha, Luciana Caretti, Ale Nishiwaki e Nati Rossati, vocês são demais galera!

Aos professores e professoras do grupo de estudo sem vínculo com instituição de ensino: Leandro Pedro, Luizito e Lu Venâncio, André e Cláudia, Marcelo Merce, Tiemi Kerr, Carla Ulasowicz, Adriano Mastrorosa, Jéssica Negresse pelo incentivo constante a busca do conhecimento e a todos os demais que estão na página do grupo de

Professores Pesquisadores em Educação Física Escolar por compartilhar experiências e inquietações.

As(os) professoras(es) e amigas(os), Alê Monteiro, Aline Barros, Ju Aversente, Rafael Ramos, André Minuzo Telma Teixeira, Ruy Cezar pelos momentos que compartilhamos em minha trajetória profissional.

Aos amigos e amigas do FEF e FEFEF - Luciano Corsino, Raquel Aulicino, Daniele Oliveira, Elimar Martino, Luiz Fernando e Aline Medeiros que juntos partilhamos as dificuldades e alegrias da graduação.

A Fundação CASA representada pela equipe multiprofissional do Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, em especial a equipe pedagógica que com todas as limitações, supera a cada dia os obstáculos encontrados.

Aos adolescentes excluídos da sociedade, e que cumprem/cumpriram medida socioeducativa de internação, meus agradecimentos ao Joãozinho, Emanuel, Flamengo, Otávio e Noel, colaboradores desta pesquisa.

A minha família, minha irmã Letícia, minha tia Regina, tia Neusa, tio Luiz e minha avó Luzia, sustentação de minha vida.

Ao Eduardo Duarte, que incondicionalmente faz parte da minha vida de maneira singular, sempre me apoiando nas minhas escolhas. Obrigado pelo apoio constante, pela dedicação incansável no término deste dissertação e em todos os outros momentos em que precisei de você. Admiro a sua garra, a sua inteligência e o seu caráter. Você é um exemplo de ser humano em minha vida.

CONCEIÇÃO, WILLIAN LAZARETTI DA. **LAZER E ADOLESCENTES EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?** Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2012. p.145.

RESUMO

A presente investigação busca um aprofundamento das discussões existentes em relação ao lazer e aos adolescentes que cometeram ato infracional e cumprem medida socioeducativa de internação na Fundação CASA. Trata-se de estudo de natureza qualitativa e buscou compreender os processos educativos decorrentes da prática social do lazer, entendida como um direito de todos. Participaram deste estudo, cinco jovens que cumpriam medida socioeducativa de internação, ao longo do ano de 2011. Os dados foram coletados utilizando-se as técnicas de análise documental, observação participante, entrevistas semi-estruturadas e registros de imagens. Para a construção dos resultados, foi utilizada a análise de conteúdo, sendo possível identificar três grandes focos de análise: a) concepção de lazer; b) atividades de lazer; c) processos educativos. O foco atividades de lazer (b) foi analisado em três perspectivas: antes da privação, durante o cumprimento da medida de internação e durante o cumprimento de sanção disciplinar. O foco processos educativos foi analisado em dois eixos: os que são decorrentes das atividades de lazer em privação de liberdade e os que decorrem da institucionalização. O estudo evidencia que os adolescentes compreendem vivências de lazer como as que geram prazer e momentos de ludicidade, mesmo quando são obrigatórias, e o cumprimento de sanção disciplinar e restrição em participar de atividades, pode se constituir em possibilidade de reflexão desde que aliada ao diálogo, uma vez que, este subsidia todos os processos educativos, independente do espaço em que as pessoas estejam inseridas.

Palavras - chave: Lazer; Processos-educativos; Adolescentes em privação de liberdade; Fundação CASA.

CONCEIÇÃO, WILLIAN LAZARETTI DA. **LEISURE AND ADOLESCENTS DEPRIVED OF LIBERTY: A FEASIBLE DIALOGUE?**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2012. p.145.

ABSTRACT

The present study aims for a more consistent approach of the existing debates concerning leisure and the adolescents who committed infractions and are fulfilling socio-educational measures in confinement at Fundação CASA. This is a study of qualitative nature trying to understand the educational processes derived from leisure while a social practice, that should be considered a right for everyone. Five confined youths fulfilling socio-educational measure were enrolled in this study, along all the year of 2011. Data were collected from documentary analyses, observation of participants, semi-structured interviews, and image recordings. In order to build the results, we performed a content analysis in which we could identify three major instances: a) leisure concept; b) leisure activities; c) educational processes. The leisure activities instance (b) was evaluated under three perspectives: before privation, while fulfilling confinement measure, and while fulfilling disciplinary action. The educational processes instance was analyzed under two spots: that resulting from leisure activities in deprivation of liberty, and that derived from institutionalization. Our study makes evident that the adolescents understand leisure experiences as a source of pleasure and playfulness, even when they are mandatory, and that the fulfillment of disciplinary action restricting the participation in activities appears as a possibility for reflection, since it comes associated to dialogues, assuming that dialogues subsidize every educational process, regardless the context where people are inserted.

Keywords: leisure; educational processes; adolescents in deprivation of liberty; Fundação CASA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa parte superior – Adolescentes ensaiando coreografia de break **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 02 – Capa parte inferior – Trabalho elaborado na oficina de grafite **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 03 – Plantação nas imediações do CASA **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 04 – Arredores do CASA **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 05 – Carro abandonado na rua do Centro de Atendimento

Figura 06 – Integração entre SINASE e áreas que compõem o Sistema de Garantia de Direitos **Fonte:** SINASE

Figura 07 – Pátio do módulo **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 08 – Curso de Lancheteria **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 09 – Curso de Colocação de Pisos e Azulejos **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 10 – Oficina de Pintura em Tela – ministrada por agente educacional **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 11 – Atividade realizada na oficina de grafite **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 12 – Educador com adolescente em oficina de grafite **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 13 – Apresentação cultural de break em Mostra Pedagógica **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 14 – Apresentação cultural de capoeira em Mostra Pedagógica **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 15 – Vivência esportiva no Centro **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 16 – Aquecimento no Torneio Regional de Futebol **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 17 – Jogo do Torneio Regional de Futebol **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 18 e 19 – Evento realizado pela Igreja **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 20 – Planta do prédio administrativo **Fonte:** PPP, 2011.

Figura 21 – Sala setor pedagógico e administrativo **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 22 – Planta do piso térreo do módulo **Fonte:** PPP, 2011.

Figura 23 – Corredor piso térreo **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 24 – Refeitório com antessala **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 25 – Refeitório com Pia com Azulejo colocado pelos adolescentes **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 26 – Sala para atendimento médico **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 27 – Antessala do refeitório **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 28 – Sala para atendimento odontológico **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 29 – Sala para atendimento técnico – Psicossocial ou pedagógico **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 30 – Sala Multiuso/Sala de aula **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 31 – Ambulatório de Enfermagem **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 32 – Planta do primeiro piso **Fonte:** PPP, 2011.

Figura 33 – Dormitório **Fonte:** PPP, 2011.

Figura 34 – Sala de Leitura **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 35 – Acervo da biblioteca **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 36 – Sala de leitura da biblioteca **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 37 – Planta da quadra poliesportiva **Fonte:** PPP, 2011.

Figura 38 – Quadra poliesportiva **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 39 – Quadra poliesportiva com três banheiros **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 40 – Quadra poliesportiva com grafite nas paredes **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 41 – Quadra poliesportiva com grafite nas paredes **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Figura 42 – Compartilhando o alimento na formatura da Educação Profissional **Fonte:** Lazaretti, 2011.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Cursos na área de Telemática/Informática e Turismo e Hotelaria

Quadro 02 – Cursos na área de Administração e Alimentação

Quadro 03 – Cursos na área de Artesanato e Construção e Reparos

Quadro 04 – Cursos na área de Serviços e Serviços pessoais

Quadro 05 - Áreas e atividades de Arte e Cultura

Quadro 06 – Parceiros da Gerência de Arte e Cultura

Quadro 07 – Síntese dos Focos de Análise

SUMÁRIO

Introdução e Justificativa	14
O caminhar da pesquisa: justificativa e objetivos.....	30
CAPÍTULO 1 – A caminhada na privação de liberdade.....	35
1.1 Com a trajetória institucional do adolescente em situação de privação de liberdade na Fundação CASA	42
1.2 Plano Individual de Atendimento – PIA	43
1.3 Sistematização das Práticas Sociais	45
1.3.1 Gerência Escolar	45
1.3.2 Gerência de Educação Profissional	47
1.3.3 Gerência de Arte e Cultura	51
1.3.4 Gerência de Educação Física e Esporte	56
1.3.5 Quesito Cor	59
1.3.6 Programa de Assistência Religiosa – PAR.....	60
CAPÍTULO 2 – DIVERTINDO E DESENVOLVENDO	62
2.1 Conteúdos culturais do lazer	64
2.2 Duplo processo educativo, transcendendo o utilitarismo.....	67
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO	74
3.1 Caracterização do ambiente de pesquisa	75
3.2 Referencial Teórico Metodológico.....	89
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	99
4.1 Concepção de Lazer	100
4.2 Atividades de Lazer.....	105
4.3 Processos Educativos	111
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE – Quadros de Focos de Análise.....	129
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	144

Introdução e Justificativa

“... um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil mas é possível. É o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer”.

(Paulo Freire)

Primeiros passos da caminhada...

No decorrer das experiências escolares, mais precisamente nas relacionadas às aulas de Educação Física do ensino fundamental II e ensino médio, percebi que gostava de ajudar os colegas que tinham dificuldade em realizar movimentos, principalmente os relacionados ao voleibol. À época, eu fazia parte da turma de treinamento e competia contra outras escolas do município.

O voleibol sempre fez parte do meu cotidiano. Participava de campeonatos escolares, municipais, intermunicipais e interestaduais, experiência que enriqueceu minha visão de mundo. A cada dia, maior era a vontade de compartilhar os aprendizados adquiridos ao longo desta trajetória, nem sempre marcada por vitórias e conquistas, mas também por lesões, dificuldades financeiras e outras adversidades, que deveria superar para seguir carreira. Mas infelizmente não foi possível, uma patologia tirou-me das quadras e também dos campeonatos de alto rendimento.

O forte vínculo com o esporte fez com que eu me interessasse e optasse por cursar Educação Física. Quando fui fazer a matrícula, sequer sabia da distinção entre licenciatura e bacharelado no curso. Somente nas primeiras aulas, os professores começaram a apresentar as diferenças e possibilidades entre uma área e outra. Resumidamente, explicaram que a licenciatura capacitava o aluno para trabalhar em escolas e o bacharelado em academias, treinamento esportivo, entre outras áreas pertinentes, e que era possível fazer os dois cursos. Apesar de toda a minha trajetória e experiência como atleta, optei pela licenciatura; queria trabalhar com Educação Física escolar, onde também teria a chance de atuar treinando as equipes para jogos escolares.

Meu primeiro ano de trabalho como profissional de Educação Física teve início em 2008, quando atuei como professor eventual na escola em que cursei o ensino fundamental II e ensino médio. Após um mês de trabalho na escola, teve início um processo seletivo objetivando contratar professores para atuar na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (CASA), recém-inaugurada na cidade, cujo o nome não será mencionado para preservar a identidade dos adolescentes - instituição anteriormente denominada Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM)¹.

¹ Por muito tempo conhecida pelo uso da tortura e da violência física como táticas de controle e disciplina, mesmo após a substituição de policiais militares, soldados e guardas por monitores e educadores (ver PAULA, Liana de. 2011).

Devido a demanda de adolescentes que entram em conflito com a lei no município, os quais eram encaminhados a outras cidades, houve a necessidade de construir três Centros de Privação de Liberdade no ano de 2008, dois deles para atender ao público masculino e o terceiro para o feminino. Esta ação foi em virtude da implementação da descentralização político-administrativa e a regionalização de atendimento da Fundação CASA . Tal iniciativa visava assegurar que estes adolescentes permanecessem próximos a suas residências, para que as respectivas famílias pudessem visitá-los e participar ativamente do processo de cumprimento da medida socioeducativa.



Após algumas discussões e resistências por parte do poder público municipal, dos moradores do bairro e do município, estes Centros foram alocados na periferia da cidade, na divisa com outros dois municípios, região desprovida de iluminação, pavimentação asfáltica e meios de transporte, com ruas a servirem de verdadeiros depósitos de entulhos e cadáveres de animais, atraindo um grande número de aves, que se alimentavam dos restos. Além disso, também se depositavam ali carcaças de carros, possivelmente advindos de furto e roubo.

Figura 05 – Carro abandonado na rua do Centro de Atendimento **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Em todos os Centros de atendimento a adolescentes em privação de liberdade, a educação escolar é um direito que deve ser assegurado. Nesse sentido, a Diretoria de Ensino realizou o processo de atribuição de aulas e, como requisito para participação, deveria haver uma proposta de trabalho que observasse alguns critérios, dentre eles: o

objetivo do docente para o trabalho em unidade da Fundação CASA; a didática para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem; a concepção do docente sobre o adolescente em cumprimento de medida socioeducativa; a bibliografia utilizada na concepção da proposta; além de um currículo resumido, onde constassem as experiências dos profissionais na área da Educação.

A etapa seguinte deste processo foi uma entrevista sobre a proposta de trabalho, em banca com um representante da Fundação CASA, onde foram avaliadas as seguintes habilidades: clareza na exposição; uso dos recursos da língua; conteúdo pertinente à proposta de trabalho; postura estética e ética.

A mencionada entrevista foi realizada no próprio Centro de Internação, onde cheguei para ser entrevistado às 17h. Ao adentrar as duas portas de ferro, fui revistado superficialmente pelo vigilante, ele me pediu para abrir a mochila e dela retirar todos os objetos para revista e também fui submetido ao detector de metais.. Meu celular ficou desligado na portaria; por alguns segundos, tive a sensação de estar preso.

Como a coordenadora pedagógica não se encontrava no local, fui entrevistado pela Encarregada da Área Técnica², que me recepcionou e deu início aos procedimentos. Pediu-me para responder a um questionário destinado a avaliar minha concepção sobre um adolescente infrator, meus conhecimentos sobre o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA)³, suas competências e habilidades, e a forma como pretendia desenvolver meu trabalho nesta perspectiva. Fui sincero ao preencher este questionário, pois não sabia o que era o ENCCEJA (BRASIL, 2002a; 2002b). Respondi as questões que sabia e, nas demais, deixei explícita a minha falta de conhecimento, porém, sem deixar de enfatizar que estava disposto a estudar a matriz de competências e habilidades e todo o projeto político-pedagógico⁴ para poder desenvolver minha proposta de trabalho.

Ao término da entrevista, por volta das 19h, a Encarregada teceu comentários sobre minha trajetória profissional e implicitamente fui informado de que tinha chance de me tornar professor daquela Unidade. Estava concorrendo com outro professor que

² Encarregada de Área Técnica: cargo que corresponde à chefia imediata da Coordenação Pedagógica.

³ Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos é uma avaliação voluntária e gratuita ofertada às pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos em idade apropriada para aferir competências, habilidades e saberes adquiridos tanto no processo escolar quanto no extraescolar. É baseada nos termos do artigo 38, §§ 1º e 2º da Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996).

⁴ Os Centros de atendimento da Fundação CASA devem, anualmente, elaborar seu Plano Político Pedagógico, e este deverá compor o corpo do Planejamento da Divisão Regional. O Plano deve ser discutido pela equipe multiprofissional, sob a coordenação do Diretor, e deve ainda conter o Diagnóstico de Realidade, o Modelo de Atenção e seu Referencial Teórico.

tinha pontos na mesma Diretoria de Ensino. Entretanto, nesta função, o que contava era o projeto e a entrevista. Na saída, após ter novamente a mochila revistada, peguei meu celular e atravessei o portão. Lá estava eu na rua de terra pouco iluminada e sem saber para onde ir.

Poucos dias depois, saiu o resultado. Positivo. Fui então contratado como professor de Educação Física no Centro de Internação masculino, com escala de quatro aulas semanais, sendo uma em cada dia. Estava mesmo disposto a encarar o desafio, pois o valor recebido por essas quatro aulas, distribuídas em diferentes dias, quase não dava para cobrir o custo com transporte. Mas, para muito além da remuneração pouco atraente, estava o valor do aprendizado que poderia adquirir na convivência com esses adolescentes.

Comecei a estudar e pesquisar textos (NOGUCHI, 2006; VOLPI, 2008) que pudessem subsidiar minha prática docente, todos relacionados ao ensino no contexto socioeducativo. No decorrer das aulas, fui compreendendo melhor algumas ações dos adolescentes, bem como suas trajetórias de vidas, fator que muito contribuiu para minha experiência docente, considerando que não tinha vivência alguma relacionada com a Educação quando esta envolvia privação de liberdade e especificidades típicas de tal condição.

Ao ler um determinado trabalho que abordava as especificidades da medida socioeducativa de privação de liberdade, marcado por um viés psicológico, devido à formação da pesquisadora, pude identificar o programa de mestrado no qual o estudo⁵ se inseria e me interessei. Assim, propus-me a cursar, como ouvinte, a disciplina “A Construção Cognitiva, Moral e Cultural do Si Mesmo⁶” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

No primeiro dia, fizemos uma apresentação expondo o objetivo de cursar a disciplina. Lembro-me claramente da sensação que tive por estar ali interagindo com o professor Yves e com os demais alunos - mestrandos e doutorandos regulares do Programa e/ou de Programas de outras instituições. Apesar de um tanto acanhado, não

⁵ NOGUCHI, Natalia F. de C., Seguro na FEBEM-SP: Universo moral e relações de poder entre adolescentes internos. São Paulo, 2006. Dissertação. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

⁶ Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Yves de La Taille, pela Prof^a. Dra. Maria Isabel da Silva Leme e pela Prof^a. Dra. Maria Thereza Costa Coelho de Souza. Texto construído com base nas leituras e registros das explicações e debates realizados em aulas, no segundo semestre de 2008.

conseguia esconder o contentamento de poder estar ali, presente naquele espaço que me permitia participar de discussões com profissionais de diversas formações.

Os docentes dividiram a disciplina em três temas, e cada um ficou responsável por apresentá-lo e propor a discussão. A professora Maria Thereza iniciou as primeiras aulas no temário da *construção cognitiva do si mesmo*, fazendo uso de aportes piagetianos. Sob esta abordagem, apresentou os processos de desenvolvimento cognitivo da criança e da construção do Eu. Explicou que a construção cognitiva do *si mesmo* se dava nos dois primeiros anos de vida, juntamente com as construções práticas de objeto, espaço, tempo e causalidade. E que a construção do *eu/mundo* ocorria num momento da vida em que a criança se encontrava menos submetida aos efeitos advindos de um contato social e cultural mais amplo, e era, portanto, movida mais diretamente por suas capacidades biológicas e psicológicas iniciais.

Na segunda etapa, o professor Yves apresentou a questão da *moralidade* com base nos processos de desenvolvimento cognitivo discutidos nas aulas anteriores. Ele iniciou as tarefas indagando-nos sobre a diferença entre a moral e a ética, e levantando uma produtiva discussão a respeito do tema. Posteriormente, apresentou os conceitos por ele defendidos, sendo a moral um conjunto de regras que regem a convivência social, incidindo sobre a dimensão das leis e do dever de obedecê-las, e a ética um conceito ligado ao trabalho de reflexão sobre os princípios e fundamentos dessas regras, incidindo sobre as razões que legitimam a obediência.

Depois desta explicação e de explorarmos questões sobre como e por que devemos agir embasados na moral e na ética, seguiram-se outros debates envolvendo questões relacionadas a diversas práticas sociais e condutas dos sujeitos envolvidos, onde ficou evidenciado que não devemos desconsiderar a cultura na qual estes sujeitos estão inseridos.

A *construção do si mesmo cultural* ficou sob responsabilidade da professora Maria Isabel da Silva Leme, que apresentou pressupostos teóricos que apóiam a tese da constituição cultural do psiquismo humano. Foram aí discutidos os conceitos de *cultura* e *si mesmo*, analisando-se as bases psicológicas necessárias do *si mesmo* cultural, sua organização mental, bem como a expressão da cultura e da subjetividade.

Tal disciplina contribuiu para uma melhor compreensão do processo de desenvolvimento cognitivo destes adolescentes, das diversas experiências, boas ou ruins, que tiveram, e também para uma interpretação clara do desenvolvimento ético e moral,

considerando a cultura na qual estavam imersos e as interferências destes processos na aprendizagem infantil e adolescente.

Desde os últimos semestres da graduação, já participava de congressos, seminários, cursos e eventos que discutiam a Educação e a Educação Física na escola. Com isso, pude perceber a importância do processo de formação continuada e que a graduação proporcionava alguns subsídios para uma formação inicial e básica. Compreendi que seria necessário ter uma formação permanente não só para me manter atualizado como também para estudar o que não foi possível na formação inicial.

Assim, ainda no primeiro ano de docência, ingressei na especialização em Educação Física escolar⁷, no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar).

As discussões que surgiram dentro das disciplinas foram bastante enriquecedoras. Na turma, havia professores com formações distintas, ocorridas em épocas diferentes. Alguns haviam se graduado em instituições públicas, outros em privadas, e a diversidade no currículo de cada curso valorizou os debates.

Os conteúdos e temas tratados pedagogicamente nas disciplinas da especialização não se diferenciaram muito daquelas cursadas na graduação. O que realmente fez a diferença foram os debates travados e também os diálogos trocados ao longo do trajeto São Paulo - São Carlos, onde eu e mais dois colegas costumávamos discutir nossas aulas da semana, as experiências bem-sucedidas e os temas que seriam abordados em aula.

Em algumas disciplinas aprendi novos jogos, brincadeiras, estratégias de ensino, atividades que passei a implementar nas aulas com os adolescentes em privação de liberdade. Mantinha-me atento, também, à postura dos docentes, observando-os e registrando aspectos que poderia adotar futuramente, quando tivesse a oportunidade de lecionar no ensino superior.

Quanto ao trabalho de conclusão de curso⁸, decidi pesquisar sobre um tema relacionado à participação dos adolescentes em situação de privação de liberdade na aulas de Educação Física. Esta escolha deveu-se ao fato de ter percebido, no trabalho já iniciado junto a estes adolescentes, que estes não demonstravam interesse em participar das atividades por mim propostas. Considerando tal cenário e refletindo sobre as

⁷ O curso de Pós-Graduação “Lato-Sensu” foi realizado no período de 02/08/2008 a 02/08/2010, de acordo com as disposições da Resolução nº 01 de 08/06/ 2007, da Câmara de Educação Superior do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFSCar e da legislação vigente ao assunto.

⁸ CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Educação física escolar: uma experiência com adolescentes em privação de liberdade.** In: III Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, 2010, São Carlos. Anais... São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2010b, p.9-43.

estratégias que utilizava, comecei a elaborar novos planejamentos para esses alunos, adotando uma perspectiva diferente de tudo o que vinha realizando até então e priorizando conteúdos que julgava ser importante para a formação dos educandos.

No primeiro planejamento que desenvolvi, nem sequer ouvi os adolescentes, não os indaguei sobre o que consideravam relevante estudar, vivenciar ou aprender. Apenas elaborei as aulas baseando-me nos temas propostos nos cadernos do ENCCEJA (BRASIL, 2002a; 2002b).

Uma vez constatada essa falta de participação discente, de diálogo entre professor e aluno, no semestre seguinte, realizei o planejamento com base na pedagogia dialógica de Paulo Freire (2005).

De acordo com Freire (2005), o diálogo não se dá de um sobre o outro, mas com o outro, sendo necessário exercitar a humildade e estar livre de relação de opressão. Não deve haver um detentor da sabedoria absoluta.

Esta estratégia defende a ideia de se estabelecer um diálogo com os adolescentes e demais envolvidos no processo educativo dentro do contexto da privação de liberdade. Assim, dentre os envolvidos estão também os agentes de apoio socioeducativo, que cuidam da segurança e disciplina, e agentes educacionais, que acompanham as atividades pedagógicas.

No referido trabalho concluiu-se que as aulas de Educação Física, por permitirem a participação dos discentes não apenas como reprodutores de movimentos, mas como agentes interativos desde o planejamento, assumem uma importância significativa na vida dos educandos. Estes passam a atribuir sentidos diversos ao que fazem, realizando as atividades com a intencionalidade direcionada às suas ações.

Após um ano e meio desenvolvendo atividades como professor escolar (ensino formal), fui contratado como agente educacional⁹ na área de Educação Física, o que me permitiu passar mais tempo junto aos adolescentes. Com isso, pude compreender melhor as peculiaridades do cotidiano: despertar, refeições, encontros religiosos, festas e datas comemorativas, etc. Vieram os plantões pedagógicos nos finais de semana e a oportunidade de estar mais próximo das relações entre adolescentes, dos servidores, além de presenciar condutas e discursos cuja dimensão desconhecia enquanto atuava como professor, que os via somente durante as aulas.

⁹Agente Educacional/Prof. de Educação Física: cargo cuja função é ministrar aulas de Educação Física, acompanhar atividades esportivas externas e fazer avaliações que deverão compor o parecer pedagógico.

Em meados de fevereiro de 2010, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos e tive que me desligar do Centro de Internação para me dedicar às disciplinas do mestrado. À época, não era possível conciliar trabalho e estudo, dividindo-me entre o interior e a capital. As disciplinas cursadas contribuíram de maneira decisiva para a minha concepção sobre o adolescente em conflito com a lei, considerando a relevância e proximidade da linha de *Práticas Sociais e Processos Educativos* com a área de atuação e pesquisa.

No primeiro semestre, cursei um número determinado de créditos em três disciplinas, que eram oferecidas no próprio Programa: Pesquisa em Educação; Seminários de Dissertação; e Tópicos Específicos em Metodologia de Ensino: Práticas Sociais e Processos Educativos I. A primeira, Pesquisa em Educação, unia estudantes de todas as linhas de pesquisa e ensejava discussões permeadas por olhares distintos no que tange à concepção de educação e métodos de pesquisa. A segunda, Seminários de Dissertação, orientava-nos a construir e reconstruir o projeto de pesquisa, de modo colaborativo. Nesta disciplina, elaborávamos, passo a passo, todos os tópicos necessários à construção dos projetos, com discussões, reflexões e contribuições produtivas entre os colegas. A terceira, Tópicos Específicos em Metodologia de Ensino: Práticas Sociais e Processos Educativos I, era um módulo marcado por encontros semanais com pesquisadores experientes e pesquisadores em formação, cujos trabalhos e pesquisas eram focados nas práticas sociais e na identificação dos processos educativos, principalmente dentro do contexto latino americano. Esta foi, a meu ver, a mais densa das disciplinas, devido a leituras aprofundadas de autores como Paulo Freire, Enrique Dussel e Ernani Maria Fiori, nomes de referência na linha de pesquisa. Seus estudos abordavam essencialmente a educação dentro da perspectiva latino-americana, envolvendo um viés multicultural, dialógico e humanizante.

Logo após ter deixado o ambiente de privação para realizar os estudos da Pós-Graduação no interior do estado de São Paulo, prestei um concurso, ainda no primeiro semestre, para trabalhar na Fundação CASA como Analista Técnico/ Professor de Educação Física. Continuei a cursar as disciplinas obrigatórias enquanto os procedimentos do concurso aconteciam. E, no segundo semestre de 2010, retornei ao mesmo Centro de Internação no qual trabalhava como professor da rede estadual de ensino e como agente educacional em Educação Física. Só que agora estava ali como servidor do quadro efetivo da Fundação CASA e não mais da Organização Não

Governamental (ONG) que administrava o Centro em gestão compartilhada com o Estado.

O modelo de gestão compartilhada adotado pela Fundação CASA pretendia consolidar a parceria com a sociedade civil no atendimento, que, em consonância com o Caderno de Gestão Compartilhada de Internação (SÃO PAULO, 2009a), conta com organizações não governamentais (ONGs) para oferecer aos adolescentes um atendimento técnico e pedagógico de qualidade, e vários Centros de Atendimento mantem esta parceria apresentando bons resultados na execução da medida socioeducativa..

No segundo semestre, viajava para São Carlos, com o objetivo de cursar duas disciplinas na UFSCar, a saber: Tópicos Específicos em Metodologia de Ensino: Práticas Sociais e Processos Educativos II; Teorias e Práticas Pedagógicas e em Educação. Além delas, cursei ainda na Universidade de São Paulo, uma terceira disciplina: Educação Física, Currículo e Cultura.

Na disciplina de Práticas Sociais e Processos Educativos, demos continuidade aos estudos dos autores anteriormente explorados. A disciplina Teorias e Práticas Pedagógicas e em Educação, foi ministrada pelas professoras Emília Freitas de Lima, Claudia Raimundo Reyes, Roseli Rodrigues de Mello e Maria Aparecida de Mello, que dividiram os temas e promoveram a discussão sobre a questão da linguagem. Aqui exploramos textos, fundamentados em Saussure, Chomsky e Bakhtin, que abordavam basicamente a semiótica, o desenvolvimento cognitivo da criança embasado nas teorias da psicologia, e teorias e práticas pedagógicas com enfoque no multiculturalismo, interculturalidade e na prática dialógica. Apesar de alguns temas se diferenciarem entre si, as discussões foram produtivas, possibilitando-nos relacionar alguns trechos dessas obras com nossos projetos de pesquisa.

Como no programa no qual estou inserido não há cadeiras relacionadas à Educação Física, busquei uma disciplina oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo: *Educação Física, currículo e cultura*, ministrada pelo professor Marcos Garcia Neira.

Nesta disciplina discutimos as ideologias implícitas nos currículos escolares e as implicações da padronização dos conteúdos a serem oferecidos nas escolas de diferentes realidades, tendo como base os estudos culturais. Havia aqui a possibilidade de refletir sobre o papel da escola na transmissão e transformação do patrimônio cultural referente às manifestações corporais e de debater as diferentes concepções de Educação Física escolar.

Participavam deste curso alunos regulares de diversos programas e instituições, públicas e particulares. Além de envolver diferentes olhares por parte dos participantes, em virtude das instituições que estudavam e dos textos que acessavam em suas linhas, outro aspecto favoreceu os debates: a realidade da escola em que lecionavam no momento. Enquanto uns vinham de escola com mensalidade alta, recursos múltiplos e ensino bilíngue, outros eram oriundos da periferia, onde era grande a carência de recursos básicos para ministrar a aula, como, por exemplo, a falta de bola.

Neste ambiente de contrastes, discutimos sobre o currículo de cada um, o projeto político pedagógico, condutas da equipe gestora e dos docentes, diversidade cultural, características da escola de massas e, especialmente, sobre as grandes barreiras impostas às iniciativas homogeneizadoras presentes nas tradicionais propostas de unificação curricular e a avaliação controladora e conteúdos extraídos de uma cultura hegemônica.

Essa experiência, além de me permitir o contato com outras visões fora da linha de pesquisa na qual estou inserido como aluno regular, também me trouxe a oportunidade de participar de discussões entre professores de Educação Física.

Assim, decidi fazer desta apresentação um relato onde reproduzo um histórico de meu percurso, evidenciando de que lugar parte o meu discurso, as minhas ideias e inquietações, as minhas experiências, para posteriormente engendrar na parte específica do objeto de estudo.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se “adolescente” no Brasil toda e qualquer pessoa entre 12 e 18 anos e “ato infracional” como a conduta caracterizada como crime ou contravenção penal. Ao adolescente autor de ato infracional, tido como inimputável, são aplicadas medidas socioeducativas, que variam desde advertência até a internação em estabelecimento educacional (BRASIL, 2008).

O adolescente, segundo o sistema jurídico, pode responder por uma infração de forma diferente do adulto que é penalizado com a lei. O adolescente infrator é aquele considerado culpado pelo cometimento de uma infração. Uma vez comprovada sua culpa, o adolescente não é punido dentro dos moldes da legislação comum, devendo cumprir uma medida socioeducativa, imposta pelo(a) Juiz(a) da Vara da Infância e da Juventude, conforme consta nas Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça, da Infância e da Juventude (Regras de Beijing), conforme podemos ver em Volpi (2008).

O trato conceitual com os autores de ato infracional vem sendo ressignificado ao longo do tempo, mas ainda podemos encontrar o termo “menor”, usado de forma inadequada nos diálogos de jornalistas, familiares, sociedade e até nos discursos dos próprios adolescentes.

Conforme Passetti (1986), o termo “menor” era erroneamente compreendido, pois se associava à ideia de indivíduos provenientes apenas de famílias desestruturadas e desorganizadas, sendo filhos de mãe solteira, fruto de relações extraconjugais ou de pais sem condições de obter seus meios de subsistência pelo trabalho, geralmente residindo na periferia da cidade, ao contrário daquele que provinha de uma família organizada. Este último seria referido como “adolescente” ou “criança”, e não como “menor”.

Podemos refletir que, quando se fala em família, organizada ou não, fala-se também em valores transmitidos pelo trabalho. Neste sentido, o trabalho está relacionado com o poder material, que é adquirido por meio de tal prática social. Mas, conforme afirma Passetti (1986), a sociedade não emprega todos aqueles que têm vontade e necessidade de trabalhar, devido a problemas sociais, como o desemprego presente em nossa sociedade, a fome e os crimes. E as famílias constituídas dentro destas condições seriam tidas como famílias desorganizadas.

Os chamados “menores” podem ser vistos ao mesmo tempo como moleques e malandros. A associação dependerá da situação em que se inserem, já que a relação que estes jovens têm com produtos advindos de furto e roubo determina a classificação em que se enquadram, como podemos vislumbrar na citação abaixo:

Para o menor o sentido das coisas só existe num momento, e deste momento ele tem de sair limpo. Quando sai, diz se que ele é um malandro, quando não, um moleque. Apanhado, se torna o otário ou “laranja”, porque vai ser recolhido para uma instituição de menores e lá dentro pode vir a se atualizar na malandragem. Enfim, ele é malandro ou moleque por determinados períodos, porque o arranjo entre criminosos e autoridades pode transformar um grande malandro em otário e vice-versa, dependendo do que está em jogo (PASSETTI, 1986, p.57).

O autor assinala que, quando juízes, psicólogos, assistentes sociais e sociólogos se referem a “menor” como criança ou adolescente proveniente de família desorganizada, estes acabam por associá-lo ao mundo do crime. Enfatiza, ainda, que tais afirmações, feitas a partir de casos isolados, se tornam generalizantes. Mas o mundo do

crime é composto também por malandros, moleques, menores, autoridades, intelectuais, gente (PASSETI, 1986). Sendo assim, em qual classificação se enquadrariam os criminosos que são intelectuais, políticos, autoridades de um modo geral?

A situação social, na maioria das vezes, é o fator determinante, tendendo a punir negros, mexicanos, turcos, nordestinos, chineses, judeus com mais severidade. Dependendo de sua origem social, tornam-se suspeitos (PASSETTI, 1986). No meu entendimento, quando se trata de adolescentes a situação se agrava ainda mais.

Muitos destes adolescentes provêm de famílias monoparentais, nas quais a mãe geralmente é a referência do lar. Segundo Passetti (1986, p.11), “a vida em família é, para a nossa sociedade, a forma primeira de sociabilidade porque é através dela que entramos em contato com as normas sociais fundamentais que devem ser aprendidas”.

Outra forma de contato com as normas sociais é o ambiente escolar, do qual muitos destes adolescentes são excluídos, segundo Passetti (1986), por deficiências elementares de proteínas, concentração e reflexão nos estudos, estando subordinados à rigidez escolar.

No que tange à área escolar, Gallo e Williams (2008) diagnosticaram que muitos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação fazem parte da massa de jovens privada das possibilidades de estudar de forma regular. Geralmente, aqueles que, por necessidades tidas como mais urgentes que o estudo, devido a pressões ou contingências socioeconômicas, abandonam precocemente o ambiente escolar, alegando desinteresse frente às dificuldades apresentadas pelas respectivas escolas para mantê-los em sala de aula. As demais justificativas são associadas ao uso de drogas, mudança de cidade, trabalho, gravidez e doença. Em muitos casos, esses fatores são determinantes para alguns adolescentes cometerem o ato infracional.

A medida de internação poderá ser aplicada quando se tratar de ato infracional cometido com grave ameaça ou violência, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificado de medida anteriormente imposta, conforme consta no ECA (BRASIL, 2008).

Os adolescentes que forem submetidos à privação de liberdade terão o exercício do pleno direito de ir e vir limitado, mantendo-se os outros direitos constitucionais, ressaltando-se que a internação é uma condição para que a medida socioeducativa seja aplicada (BRASIL, 2008).

De acordo com artigo 154 do ECA (BRASIL, 2008), durante o período de internação, inclusive provisória, são obrigatórias as atividades pedagógicas, ou seja, na

internação provisória, desenvolvem atividades ligadas ao Projeto de Educação e Cidadania (PEC). São atividades de curta duração, tendo em vista que o período de permanência é de no máximo quarenta e cinco dias.

As atividades desenvolvidas no Projeto de Educação e Cidadania estão sistematizadas por meio da Resolução/SEE¹⁰ 109/2003 e giram em torno dos respectivos eixos norteadores:

- Cidadania: permite ao(à) adolescente discutir e se reconhecer como sujeito de direitos e deveres, desenvolvendo valores e atitudes correspondentes à prática democrática de convívio social e tornando-se capaz de articular projetos individuais e projetos sociais.
- Ética: busca o reconhecimento e convívio com a diversidade, a compreensão da diferença como singularidade e a visão crítica de atitudes discriminatórias que geram desigualdade. Desenvolve-se aí a noção de justiça, no que tange ao valor ético voltado para o bem comum e a organização do sistema de justiça e alternância eu/outro, favorecendo a construção da reciprocidade, a capacidade de se colocar no lugar do outro.
- Identidade: visa propiciar reflexões sobre o processo de permanente construção, com momentos de continuidade e rupturas, dimensão da identidade pessoal e cultural e protagonismo juvenil.

A partir destes eixos norteadores, é possível um desdobramento para os seguintes conteúdos: Educação – ponte para o mundo; Justiça e cidadania; Família e relações sociais; Saúde – uma questão de cidadania e o Trabalho em nossas vidas.

Segundo Fortunato (2011, p.4), o Projeto Educação e Cidadania

Possui organização curricular diferenciada atendendo ao caráter transitório de permanência do aluno na Unidade, apresentar metodologia reflexiva e proposta de trabalho com finitude diária, buscando auxiliar o aluno na construção de seu projeto de vida. Portanto, o foco do trabalho na reflexão dos adolescentes sobre assuntos que lhes dizem respeito no mundo contemporâneo. Os conteúdos multisseriados, possibilitam o agrupamento dos alunos independente do seu nível de escolaridade e do seu domínio da escrita.

¹⁰ SÃO PAULO. Dispõe sobre o atendimento escolar dos adolescentes privados de liberdade nas Unidades de Internação - UI e Internação Provisória - UIP da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor - Febem-SP Resolução/SEE 109/2003.

As atividades do Projeto Educação e Cidadania são realizadas por um(a) professor da Rede Estadual de Ensino vinculado à Escola Estadual, geralmente a mais próxima do Centro de Atendimento Socioeducativo.

A medida socioeducativa de internação consiste na medida privativa de liberdade, sujeita aos princípios da *brevidade*, *excepcionalidade* e *respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento*, conforme consta no ECA (BRASIL, 2008) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE (BRASIL, 2006).

Podemos vislumbrar esses conceitos mais explicitamente no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE (BRASIL, 2006) e em Volpi (2008). Esses princípios são complementares e fundamentam-se na premissa de que o processo educativo, no cumprimento da medida, a *brevidade* deve ser assegurada. O adolescente não deve permanecer por tempo prolongado no Centro de Internação, onde vive em situação de isolamento do convívio social. Dentro deste contexto, relatórios técnicos devem ser encaminhados à Vara da Infância e Juventude no prazo máximo de seis meses.

Nesse sentido, a privação de liberdade deve ocorrer somente quando for *imprescindível*, ou seja, quando se tratar de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa, e por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou descumprimento injustificável da medida anteriormente imposta (BRASIL, 2006; VOLPI, 2008).

A respeito do caráter *excepcional* da institucionalização, consta nas Regras Mínimas das Nações Unidas para a administração da justiça da infância e da juventude (Regras de Beijing) que a internação de um jovem em instituição de privação só deve ocorrer como último recurso a ser adotado e pelo mais *breve* período possível, tendo-se assegurado ao mesmo os seus direitos de Proteção Integral (VOLPI, 2008).

O conceito de proteção integral, baseado no sistema de garantia, trouxe a descontinuidade do antigo Código de Menores, uma vez que redimensionou a possibilidade de diferenciar o atendimento destinado a crianças e adolescentes, priorizando políticas públicas para tentar dirimir a suspeita sobre o empobrecimento como causa geral do ato infracional.

É considerada aí a *condição peculiar de pessoa em desenvolvimento*. A prática do ato infracional não deve ser compreendida como inerente à identidade da pessoa, mas vista como uma circunstância de vida que pode ser modificada. O adolescente não nasce com tais condutas, estas são advindas de suas experiências de vida.

A Doutrina de Proteção Integral engloba os direitos fundamentais inerentes ao ser humano. Assim, mesmo o adolescente em situação de privação de liberdade tem por lei todas as oportunidades e facilidades. Objetiva-se com isso seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em condições de dignidade (BRASIL, 2008). Para assegurar essas condições, foi estabelecido o Sistema de Garantia de Direitos (SGD).

De acordo com o SINASE (BRASIL, 2006), o SGD tem princípios e normas que regem a política de atenção a crianças e adolescentes, com ações promovidas pelo Poder Público (nas esferas da União, Estados, Distrito Federal e Municípios), através dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e pela sociedade civil, nos seguintes eixos: Promoção, Defesa, Controle Social. No Eixo da Promoção dos Direitos, a política de atendimento aos direitos humanos de crianças e adolescentes operacionaliza-se através de serviços e programas inseridos em políticas públicas, especialmente em políticas sociais, afetos aos fins da política de atendimento aos direitos humanos de crianças e adolescentes; dos serviços e programas de execução de medidas de proteção de direitos humanos; e dos serviços e programas de execução de medidas socioeducativas e assemelhadas.

Neste eixo, o Controle e Efetivação do Direito é realizado através de instâncias públicas colegiadas próprias, tais como: a) conselhos dos direitos de crianças e adolescentes; b) conselhos setoriais de formulação e controle de políticas públicas; e c) órgãos e poderes de controle interno e externo definidos na Constituição Federal. Além disso, de forma geral, o controle social é exercido soberanamente pela sociedade civil, através das suas organizações e articulações representativas.



Figura 06: Integração entre SINASE e áreas que compõem o Sistema de Garantia de Direitos **Fonte:** BRASIL (2006, p.23).

O sistema de garantia de direitos apresentados no SINASE (BRASIL, 2006) apresenta uma figura de integração (Figura 06) entre os sistemas e políticas de educação, saúde, trabalho, previdência social, assistência social, cultura, esporte, lazer, segurança pública, entre outras, para a efetivação da proteção integral. Deste modo, a política de aplicação das medidas socioeducativas não permanece isolada das demais políticas públicas.

O eixo esporte, cultura e lazer é comum a todas às entidades e/ou programas que executam a internação provisória e as medidas socioeducativas. Tendo como objetivos a consolidação de parcerias com as secretarias de esporte, cultura e lazer, propiciando acesso a programações culturais, de teatro, literatura, dança, música, artes, esportivas e promover o ensinamento de valores por meio dessas atividades (BRASIL, 2006).

A operacionalização da formação da rede integrada de atendimento constitui requisito essencial para a efetivação das garantias dos direitos dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, contribuindo efetivamente no processo de inclusão social do público atendido.

O caminhar da pesquisa: justificativa e objetivos

Para iniciarmos nossa reflexão, cabe abordar os aspectos que envolvem o direito ao lazer como um *direito social*, segundo o contido no sexto artigo da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 2011), observando que é

dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Art. 227).

O direito ao lazer aparece junto a outros essenciais, tanto que, no cumprimento da medida de internação, o ECA pressupõe que o adolescente tenha esses direitos e os organiza em cinco grandes dimensões: 1- Vida e saúde; 2- Liberdade respeito e dignidade; 3- Convivência familiar e comunitária; 4- Educação, cultura, esporte e lazer; 5- Profissionalização e proteção no trabalho (BRASIL, 2008).

Na presente pesquisa, são destacadas as práticas sociais relacionadas ao direito à Educação, cultura, esporte e lazer, expressos nos artigos 53 a 59 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Nesses direitos se incluem o pleno desenvolvimento, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Ainda, nas práticas sociais relacionadas à garantia desses direitos, deve ser respeitada a diversidade cultural pertinente ao contexto social da criança e do adolescente, garantindo assim a liberdade da criação e o acesso a fontes de cultura, bem como o acesso a espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas ao público infante-juvenil. São direitos assegurados nos artigos 58 e 59 do ECA (BRASIL, 2008), e mesmo os adolescentes em situação de privação de liberdade não devem sofrer prejuízo no atendimento destas práticas. Neste sentido, no segundo capítulo será apresentada a perspectiva de lazer da instituição e relacionando com o referencial teórico da área do lazer.

Podemos identificar esse direito também no Regimento Interno da Fundação CASA, publicado na Portaria Normativa n.º 136, em vigor desde 2007, o qual será em breve substituído por novo Regimento, atualmente em fase de implementação pela Portaria Normativa 217/2011. Ambos serão utilizados como referência neste trabalho, para compararmos os aspectos relativos à questão da pesquisa.

Nos dois Regimentos, a assistência educacional, cultural, esportiva e ao lazer aparecem como assistências básicas ao adolescente. Essas assistências são detalhadas e seus objetivos definidos, evidenciando os fins educacionais e de desenvolvimento à saúde das atividades de esporte, recreação e lazer, com metodologia inclusiva às diversas atividades físicas, aliadas ao conhecimento sobre o corpo e à socialização (SÃO PAULO, 2007, 2011). Esses direitos foram garantidos pelo ECA e, posteriormente, pelo SINASE.

Se no Estatuto da Criança e do Adolescente o tema da educação, cultura, esporte e lazer é tratado superficialmente, no SINASE buscou-se especificar caminhos para efetivar a garantia desses direitos.

O eixo Esporte-Cultura-Lazer é comum às entidades que executam as medidas socioeducativas. As instituições se comprometem a ofertar programas culturais, esportivos e de lazer aos adolescentes, bem como garantir que as atividades esportivas, de lazer e culturais previstas no projeto pedagógico sejam efetivamente realizadas (BRASIL, 2006).

De acordo com o Regimento Interno de 2007, as faltas disciplinares cometidas pelo adolescente acarretariam sanções disciplinares leves, médias ou graves. Já no atual Regimento Interno (Portaria Normativa 217/2011) algumas alterações são observadas neste ponto. “Faltas disciplinares” e “atos de indisciplina” assumem aí conotações distintas, onde somente as primeiras acarretam sanções.

No artigo 59 do Regimento Interno de 2007, constituem sanções disciplinares: a advertência verbal, a repreensão, a suspensão de atividades recreativas e de lazer, a suspensão de saída autorizada; e o recolhimento em local adequado e separado, com diminuição do tempo de recebimento de visita para 30 minutos.

No novo Regimento sofre alteração a sanção de recolhimento em local adequado e separado, pois a redução do tempo de visita para 30 minutos se torna flexível, passando a ser determinada pela Comissão de Avaliação Disciplinar (CAD).

Esta Comissão é composta por quatro membros: o presidente, que é o (a) Diretor (a) do Centro de Atendimento, e mais três representantes das áreas de segurança, pedagogia e psicossocial.

Quando o adolescente comete uma falta disciplinar, pune-se com a sanção na medida de sua participação, que será devidamente analisada pela equipe da CAD, com base nas testemunhas e registros realizados.

As sanções previstas no Regimento de 2007 são listadas nos parágrafos 1 a 7. No terceiro parágrafo está descrito que “a suspensão de atividades recreativas e de lazer, que se entende como aquelas que são realizadas sem orientação de profissionais, é sanção disciplinar aplicável no caso de reincidência ou reiteradas reincidências em faltas disciplinares de natureza leve e média, não podendo ultrapassar a 30 dias.”

Já no Regimento Interno em fase de implementação pela Portaria Normativa 217/2011, a seção que diz respeito às sanções assinala que ficam proibidas a incomunicabilidade e a suspensão de visita, ou qualquer sanção que prejudique as atividades obrigatórias, consistentes com a educação escolar e profissional, atividades de arte e cultura, atividades esportivas ministradas dentro do ensino formal e com as medidas de atenção à saúde.

Apesar das alterações no Regimento Interno no quesito “sanções”, observa-se que a privação de atividades físicas, esportivas e de lazer continua como recurso a ser utilizado quando do descumprimento das normas, dos deveres do adolescente dispostos nos artigos 16 e 17 do regimento Interno (SÃO PAULO, 2011)

A partir dos aspectos acima expostos, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: como as práticas sociais relacionadas as vivências de lazer dentro do contexto da privação de liberdade de um Centro de Internação podem contribuir com a educação dos adolescentes?

O objetivo geral deste estudo consiste em compreender os processos educativos decorrentes da prática social do lazer para a educação de adolescentes em situação de privação de liberdade. Este objetivo geral desdobra-se em outros específicos, que são:

1. Descrever as práticas sociais relacionadas ao lazer existentes no contexto da privação de liberdade;
2. Identificar e descrever como os adolescentes aprendem por meio das vivências de lazer;
3. Identificar a compreensão dos adolescentes sobre o cumprimento de sanção e propor encaminhamentos que possam proporcionar processos educativos no cumprimento das sanções.

A proposta justifica-se pela escassez de discussões acerca do lazer sob a perspectiva das relações sociais contidas nos processos educativos desencadeados por esta prática. O tema possibilita uma reflexão sobre o caráter educativo do lazer no cumprimento da medida de internação, sobrepondo-se ao caráter meramente sancionatório da privação do direito de ir e vir. O tema do lazer tem sido frequentemente abordado em seus aspectos conceituais, poucos são os trabalhos na perspectiva do lazer como direito social em situação de privação de liberdade.

No capítulo I, **A Caminhada no CASA**, serão apresentadas as práticas sociais presentes no contexto socioeducativo, como educação escolar, educação profissional, educação física, oficinas de arte e cultura, atividade religiosa e educação etnicorracial.

Alguns conceitos sobre o lazer estão no segundo capítulo intitulado **Divertindo e Desenvolvendo**. Neste é apresentado o referencial teórico do lazer e as peculiaridades do temário que é repleto de entraves e visões distintas entre estudiosos da área. Considerando este aspecto, a discussão apresentada tem como objetivo subsidiar uma reflexão acerca da compreensão de lazer dos adolescentes em situação de privação de liberdade.

No terceiro capítulo é apresentado o **Percurso Metodológico**, sendo expostos a trajetória de autorizações necessárias a pesquisa em ambiente de privação de liberdade,

o campo empírico da pesquisa, algumas pesquisas realizadas no temário, os referenciais teórico-metodológicos que orientaram a investigação, os seus participantes, bem como os procedimentos e instrumentos utilizados na coleta e análise dos dados. Nesse capítulo, o Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente será apresentado como o local onde a pesquisa se desenvolveu.

Na **Análise dos Dados**, estes são apresentados e os significados atribuídos pelos jovens à escola são explicitados e discutidos, à luz da literatura estudada, através dos focos de análise que emergiram das falas dos participantes, dos documentos analisados e das observações. No último capítulo são desenvolvidas algumas **Considerações Finais**, buscando apontar caminhos que favoreçam a garantia do direito ao lazer em espaços de privação de liberdade, bem como propiciar uma melhor compreensão da instituição e valorização do lazer para os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Internação, e uma ampliação da discussão acerca da relação do lazer com as demais práticas sociais do Centro.

CAPÍTULO 1

A CAMINHADA NA PRIVAÇÃO DE LIBERDADE



Figura 07- Pátio do módulo **Fonte:** Lazaretti, 2011.

“Acaso não sabeis que, no estádio, todos correm, mas um só ganha o prêmio? Correi de tal maneira que conquisteis o prêmio.”

Paulo, I Coríntios 9:24

O título deste capítulo foi pensado a partir da expressão utilizada pelos adolescentes em privação de liberdade quando querem comentar sobre o período de internação no que concerne ao andamento do processo judicial. Eles costumam fazer uso da palavra “caminhada” para questionar ou comentar condutas nas práticas sociais realizadas que podem contribuir positiva ou negativamente em sua “caminhada na Casa”. Ou seja, se tais condutas podem ajudar ou atrapalhar em seu processo de mudança ou extinção de medida socioeducativa.

Serão examinados aqui conceitos acerca do que se compreende como prática social neste trabalho relacionando à cultura. Serão também abordadas as práticas sociais propostas no Caderno *Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos*, elaborado pela Superintendência Pedagógica da Fundação CASA, que tem por objetivo orientar a execução das atividades pedagógicas existentes na medida socioeducativa de privação de liberdade, enfatizando-se os direitos assegurados pela Fundação CASA no cumprimento do ECA e apresentando práticas sociais decorrentes dos direitos garantidos.

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA e col., 2009).

De acordo com a citação acima, toda prática social acontece quando há interação entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, que são ou podem ser de ordem natural, social ou cultural. Podemos identificar na afirmação das autoras e do autor, conceitos importantes, como *interação, ambiente, natural, social e cultural*, os quais subsidiam a constituição de uma prática social, mas não apresentam um panorama sobre o que podem ser, nem sua relevância no que concerne às práticas sociais.

A interação implica modificação dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelece entre eles. De acordo com Oliveira (2010), podemos presenciar dois tipos de contatos sociais: os primários, que são contatos pessoais com forte base emocional, uma vez que as pessoas envolvidas compartilham suas experiências individuais, familiares, amigos de escola; e os secundários, que são contatos impessoais, formais, como, por exemplo, o contato do passageiro com o cobrador do ônibus ao pagar a passagem.

Desse modo, podemos compreender que, por meio dos contatos sociais, podem ocorrer interações, mas que o simples contato físico não é suficiente para fazer delas interações sociais. Tudo dependerá de como se dá a relação e do ambiente em que os sujeitos estão inseridos.

Segundo Sanches Neto e col. (no prelo), “[...] o ambiente consiste no contexto, em tudo aquilo que há no mundo, é formado pelos diversos fenômenos que se passam à nossa volta, sendo o que nos envolve, influenciando e sendo influenciados pelos acontecimentos cotidianos.”

Ou seja, o ambiente deve ser compreendido de forma ampla e de acordo, ainda, com o que afirmam Sanches Neto e Lorenzetto (2005, p. 140): “[...] uma possibilidade refere-se a uma integração do ser humano com o meio, e o corpo representaria uma continuidade entre a individualidade e o amplo contexto ambiental, que é físico, social, cultural, político, econômico etc.”.

Ao refletir sobre as *interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes*, como escreve Oliveira e col. (2009), e relacionando a visão destes com a abordagem de Sanches Neto e col. (no prelo) e Sanches Neto e Lorenzetto (2005) sobre o tema, é possível afirmar que há uma continuidade entre o ser humano e o mundo, e que a noção de ser o corpo ao invés de meramente tê-lo é, de certa forma, o que se pode chamar de *ser-no-mundo*, tal qual propõe a fenomenologia.

Esta noção de ser o corpo e não de possuí-lo está relacionada ao corpo próprio ou fenomenal. Ou seja, aquilo que se vivencia nas experiências com sua dimensão de temporalidade e transcendência, as quais são exercidas pelo movimento intencional (BETTI e col., 2007).

O movimento poderia então ser compreendido como parte do processo de interação, pois, se as ações implicam modificação dos envolvidos ou, em outras palavras, que nos modifiquemos e também ao outro, isto se dá mediante os movimentos intencionais dessas ações. De acordo com Merleau-Ponty (2006, p.431), “O corpo por ele mesmo, o corpo em repouso, é apenas uma massa obscura, nós o percebemos como um ser preciso e identificável quando ele se move em direção a uma coisa, enquanto ele se projeta intencionalmente para o exterior [...]”.

Para Merleau-Ponty, toda expressão humana, até mesmo a fala, é gestual, e o gesto, experimentado como figura sobre o fundo do corpo, produz sua própria significação: “[...] uma certa maneira de desempenhar de nosso corpo, deixam-se repentinamente investir de um sentido figurado e o significam fora de nós”

(MERLEAU-PONTY, 2006, p.263). Ou seja, a falas são significadas nas interações, nas relações com o outro.

Nas relações interpessoais são consideradas as experiências de vida de cada um, experiências adquiridas na cultura em que estes cidadãos estão imersos. Para contribuir com a discussão sobre o que é cultural e o que é natural, Chauí (2000, p.62), diz haver uma cultura de culturas. A autora defende que há “[...] **culturas** diferentes, e que a pluralidade de culturas e as diferenças entre elas não se devem à nação, pois a idéia de nação é uma criação cultural e não a causa das diferenças culturais”.

Chauí aponta a cultura como o modo próprio e específico da existência dos seres humanos. Portanto, os humanos são seres culturais e os animais seres naturais, onde a natureza, governada por leis necessárias de causa e efeito, sofre interferência da liberdade de nossa cultura, das ações dos seres humanos.

Cada cultura inventa seu modo de relacionar-se com o tempo, de criar sua linguagem, de elaborar seus mitos e suas crenças, de organizar o trabalho e as relações sociais, de criar as obras de pensamento e de arte. Cada uma, em decorrência das condições históricas, geográficas e políticas em que se forma, tem seu modo próprio de organizar o poder e a autoridade, de produzir seus valores (CHAUÍ, 2000, p.62).

É necessário que consideremos estas condições apontadas pela autora, para não seguirmos o senso comum de dicotomizar a cultura em boa ou ruim, de distinguir o cidadão que tem cultura daquele que é desprovido de tal.

Silva (2000) trata a questão cultural de modo que nos permite relacioná-la ao contexto latino-americano. O autor afirma que o domínio simbólico por excelência da cultura tem um mecanismo astuto, por adquirir sua força definindo a cultura dominante como sendo “a cultura”. Assim, valores, hábitos e costumes, bem como comportamentos da classe dominante passam a determinar a cultura, o que significa dizer que os hábitos de outras classes podem ser qualquer outra coisa que não a cultura ou manifestações menos valorizadas.

Para Miranda (1998), por vezes negamos categorias de indivíduos, classes sociais e movimentos sociais, de pessoas cuja identidade pouca importa, simplesmente pelo fato de nos ser dada a referência pela diferença. Diferença entre mulheres, homossexuais, sem-terra, sem-teto, sem-educação, sem-saúde, enfim, os oprimidos: os *Sem*. Do outro lado temos os *Com*. *Com*, que significa *com poder aquisitivo para o consumo*, em todas as esferas possíveis, mas principalmente *com reconhecimento* em

determinados espaços. Dependendo do contexto, os *Com* podem ser vistos também como os diferentes, como não pertencentes àquela cultura.

A cultura que tem prestígio e valor social é justamente a cultura das classes dominantes: seus valores, seus gostos, seus costumes, seus hábitos, seus modos de se comportar e agir. Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais; na medida em que ela vale alguma coisa; na medida em que ela se faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural (SILVA, 2000, p.88).

Os valores culturais de quem não pertence à classe dominante são tratados como fenômenos naturalistas. Ou seja, é natural do pobre agir de tal modo, é natural do oprimido ser como é. As ações, portanto, são naturalizadas, quando há imposição de uma determinada classe sobre a outra.

Do mesmo modo, ocorre a dominação na elaboração dos currículos escolares. Segundo Silva (2000), a ideologia atua de forma discriminatória, direciona as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto a população das classes dominantes aprende a comandar.

Agindo de tal forma, a escola contribui para a reprodução da sociedade capitalista, por meio de seu currículo baseado na cultura dominante. “Não é possível estabelecer nenhum critério transcendente pelo qual uma determinada cultura possa ser julgada superior a outra” (SILVA, 2000, p.91).

Na perspectiva do currículo dominante, é possível ver também em Fiori (1991) que a prática de reproduzir os conteúdos vai ao encontro dos interesses dominantes:

O saber já não exerce a função intra-estrutural da cultura que se sabe, para evadir-se num plano de consciência social supra-estrutural e “separada”. Com a divisão social do trabalho e as consequentes classes sociais, o saber encontra sua mistificadora institucionalização na escola, que deve limitar-se a transmitir as idéias e os valores que mantêm, justificam e aumentam a dominação (FIORI, 1991, p.87).

Na tentativa de superar esta prática de dominação e iniciar uma prática de libertação, teve início um processo de integração dos dominados no processo escolar de dominação. Mas, conforme afirma Fiori (1991, p.87), “[...] esta prática é a maneira mais eficaz de funcionalizar os dominados ao sistema de dominação”.

É como inserir um estrangeiro em um contexto no qual ele não compreende a linguagem, conforme podemos observar em Silva (2000, p. 89), ao relatar que: “[...]”

para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável [...]”. Na verdade, trata-se de evidenciar o fracasso da classe dominada, pois “[...] a vivência familiar das crianças e jovens das classes dominadas não os acostumou a esse código, que lhes aparece como algo estranho e alheio [...]” (SILVA, 2000, p.89). Enfim, um contexto repleto de outras ideologias, as quais a classe dominada não teve oportunidade de acessar anteriormente.

De acordo com Fiori (1991, p.88), “[...] a educação, pois, há de ser desideologizante. A desideologização, contudo, significa voltar a verdade do real, que não é representação especular de um mundo estranho, é expressão e conquista da práxis transformadora do mundo e re-criadora do homem.”

A ideologia está relacionada com a ocultação da verdade, sendo por vezes uma ideologia fatalista, que convence os prejudicados de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a ser feito, de que é um processo natural (FREIRE, 1996), mantendo-se distante de uma prática libertadora, processo desenvolvido em comunhão.

A formação humana parte de uma educação libertadora em que o saber não se transforma em instrumento de mistificação das consciências que justifica a servidão, que impõe valores dominantes por meios massificadores de comunicação. Aprendizado em que o aprender não é receber, repetir e ajustar-se; é interagir, opinar, transformar e recriar, é colocar-se no lugar da outra pessoa e viver o princípio da alteridade.

Essa alteridade é apresentada por Fiori (1986) da seguinte maneira:

A consciência é “para si”, sendo “para o outro”: simultaneamente, implicadamente, dialeticamente. Uma consciência que fosse presença presente a si mesma, sem a mediação de presente algum, não seria “para si”, mas o “si mesmo” absoluto. Por isso o “para si” da consciência é uma abertura, que seria nada, se o outro não fosse, na relação para o qual ela, a consciência, se constitui (FIORI, 1986, p.4).

Em outras palavras, não seria possível a consciência para si na ausência do outro. Este processo necessita de interação, que pode ou não ser de dominação; é possível compreender como se dá essa relação interpessoal, produção discursiva que decorre e gera prática social em Stuart Hall (1997, 2006).

Para Hall (1997), os seres humanos são seres interpretativos e instituidores de sentido. A ação social é significativa para quem a pratica e para quem a observa, valendo-se dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular a conduta de uns em relação aos outros.

Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (HALL, 1997, p. 01).

A cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas, à produção de conhecimento através da linguagem e da representação quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997).

Com base neste quadro, é possível afirmar que muitos acontecimentos que são da natureza são significados pela cultura e pelo ser humano. Evidentemente, há conflitos no modo como cada um faz esta significação. Enquanto uns valorizam a pureza do ar, por exemplo, outros o poluem. E o mesmo ocorre em várias instâncias naturais; só não podemos afirmar em todas, por conta da incerteza de o ser humano já ter significado tudo o que há na natureza.

Dizer, portanto, que uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório não é negar que a mesma tenha existência material, mas é dizer que seu *significado* é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo (HALL, 1997, p.9).

O significado nasce considerando a linguagem e o sistema de classificação nos quais os elementos são inseridos, o que torna os fatos ditos naturais também fenômenos discursivos.

O autor discorda de que tudo seja cultura. Não acredita em um *idealismo cultural*, que não há nada senão a cultura, reforçando sua tese com pensamentos de dois autores: o primeiro de que “não há nada fora do texto” (Jacques Derrida); e o segundo de que “não há nada além do discurso” (Foucault). Segundo Hall, esse pensamento estaria apenas substituindo o *materialismo* ou o *socialismo econômico*, que ameaçavam dominar estas questões nas ciências sociais, trocando uma forma de argumento reducionista por outra.

[...] não é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com o significado: conseqüentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social

tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social *tem o seu caráter discursivo* (HALL, 1997, p.12).

Com base nos argumentos dos autores anteriormente citados, podemos considerar que não se trata de mudar a centralidade de quem está no poder, de determinar se são oprimidos ou opressores, norte-americanos ou sul-americanos, brancos ou negros etc. Trata-se, portanto, de buscar uma democratização do poder, onde seja possível estabelecer um diálogo respeitando as diferenças. Neira e Nunes (2009) legitimam esta visão ao afirmarem que o poder está além das relações de classe, está nas relações entre todas as identidades – etnia, gênero, sexualidade, idade, profissão, locais de moradia, níveis de habilidades motoras e perceptivas, estéticas e corporais.

Para Sousa Santos (2001), reconhecer as diferenças não implica isolar grupos, ou seja, criar uma *cultura de testemunhos* onde apenas a classe oprimida pode se defender, mas tornar possível o diálogo entre os diferentes. Não se trata de negar as diferenças, elas existem e devem aparecer nas relações, o que precisamos é aprender a nos relacionar diante das diferenças, respeitando-as.

Diante do exposto, a prática social neste trabalho é caracterizada pela interação que se dá no plano da intersubjetividade, implicando relações que considerem a alteridade. Não deve ser discriminada como melhor ou pior, mas considerar seu contexto cultural e as experiências de vida dos envolvidos.

No tópico seguinte serão relatados os processos aos quais os adolescentes que praticam ato infracional e são recolhidos em Centros de Internação da Fundação CASA são submetidos, bem como as práticas sociais decorrentes.

1.1. Compreendendo a trajetória institucional do adolescente em situação de privação de liberdade na Fundação CASA

Quando o adolescente chega a um Centro de Internação, é recebido pela equipe socioeducativa de plantão, submetido à revista pessoal e de seus objetos e identificado de acordo com as normas e procedimentos do setor competente. Em seguida, os pais, familiares ou o responsável legal são comunicados de sua entrada e transferência para o Centro.

Geralmente, necessitam de higienização e troca de vestuário. Depois de realizado este procedimento, são acolhidos pela equipe de referência¹¹, que a eles explicará as regras do Regimento Interno e as demais normas do Centro. Esta equipe de referência realiza uma intervenção coletiva, e, em seguida, cada profissional faz uma entrevista com o adolescente visando à elaboração de um diagnóstico, o qual resultará posteriormente em um diagnóstico polidimensional. Este, por sua vez, será elaborado com a participação do adolescente e de sua família, e é imprescindível para a elaboração do Plano Individual de Atendimento – PIA, conforme exposto no artigo 24 do Regimento Interno (SÃO PAULO, 2011).

Embora o diagnóstico polidimensional deva ser elaborado tão logo o adolescente ingresse no Centro de Internação Provisória¹², é possível perceber que tal prática ainda não se concretizou, devido à alta rotatividade dos adolescentes nos Centros de Internação Provisória. Este procedimento, que culminará no Plano Individual de Atendimento, fica a cargo do Centro de Internação.

1.2. Plano Individual de Atendimento - PIA

Este plano inicia-se com a elaboração do diagnóstico polidimensional, que parte da premissa de que o adolescente é um ser singular, integral e complexo. Em outras palavras, o ponto de partida do PIA tem origem no conhecimento da individualidade do adolescente (SÃO PAULO, 2010).

O SINASE (BRASIL, 2006) permite uma visualização mais detalhada dos aspectos relativos aos conceitos e procedimentos do PIA:

[...] a elaboração do Plano Individual de Atendimento constitui-se numa importante ferramenta no acompanhamento da evolução pessoal e social do adolescente e na conquista de metas e compromissos pactuados com esse adolescente e sua família durante o cumprimento da medida socioeducativa. A elaboração do PIA se inicia na acolhida do adolescente no programa de atendimento e o requisito básico para sua elaboração é a realização do diagnóstico polidimensional por meio de intervenções técnicas junto ao adolescente e sua família, nas áreas: jurídica, saúde, psicólogo, social e pedagógica (BRASIL, 2006, p.52).

¹¹ A Equipe de Referência é formada por servidores das áreas pedagógica, de segurança, de saúde e psicossocial.

¹² O adolescente pode permanecer até o prazo máximo de 45 dias na internação provisória enquanto aguarda julgamento.

O PIA é uma construção coletiva, na qual a equipe de referência, o adolescente e sua família estabelecem metas e compromissos a serem alcançados não só durante o cumprimento da medida socioeducativa como também após o cumprimento desta. Isto porque, no decorrer do cumprimento da medida, o adolescente será orientado a fazer escolhas, de modo que, ao retornar à sociedade, saiba estabelecer critérios para avaliar e tomar decisões fundamentadas.

No processo de acolhimento, a equipe pedagógica identifica aspectos relativos aos cursos de educação profissional que o adolescente já realizou, bem como os que têm interesse em fazer, as oficinas culturais das quais participou, as atividades físicas e esportivas que tem maior habilidade ou identificação. Também averigua-se aí se o adolescente frequentou instituições religiosas e os aspectos referentes à educação escolar, de modo a constatar se ele estava matriculado e/ou se frequentava alguma escola, com vistas a apurar se há defasagem de aprendizagem (SÃO PAULO, 2011).

O Plano tem por objetivo atuar como um instrumento organizador das ações, que serão discutidas, construídas e reavaliadas com o adolescente e sua família. Neste sentido, este planejamento é flexível e deverá ser revisto no cotidiano das ações do adolescente. A equipe de referência deverá, sempre que necessário, reavaliar os programas e metas fixados com base nos subsídios fornecidos desde a avaliação diagnóstica inicial.

De acordo com o Caderno intitulado *Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos* (SÃO PAULO, 2010), deve-se compreender o conceito “diagnosticar” de modo que este transcenda a uma interpretação que aborde exclusivamente a possibilidade de um melhor tratamento com viés da saúde. O sentido de *diagnosticar* no PIA está relacionado ao conhecimento individualizado, tendo como objetivo fazer com que o adolescente inicie o processo de autoconhecimento, para que assim seja protagonista de sua própria história, tendo a possibilidade de modificá-la.

As atividades desenvolvidas no Centro são coletivas, mas não impedem que o adolescente seja visto individualmente pelos profissionais de referência responsáveis por seu acompanhamento em cada área. As atividades são sistematizadas no próprio Centro de Internação, sendo distribuídas nas áreas de Educação Profissional, Educação Escolar, Educação Física, Arte e Cultura e eixos que não dizem respeito exclusivamente à área pedagógica, como é o caso do Quesito Cor e Programa de Assistência Religiosa, os quais serão descritos a seguir.

1.3. Sistematização das Práticas Sociais

As práticas sociais que serão apresentadas a seguir estão relacionadas a: educação escolar; qualificação profissional; educação física e esportes; arte e cultura. Estas quatro áreas possuem uma gerência localizada na sede da instituição, responsável por orientar e acompanhar o trabalho realizado pelas Divisões Regionais e seus respectivos Centros de Acolhimento.

O Quesito Cor, que trata da educação étnico-racial, e o Programa de Assistência Religiosa não possuem uma gerência específica, mas cada Divisão Regional deve sistematizar os procedimentos contidos nas portarias normativas publicadas pela Fundação CASA, de modo a garantir os direitos relativos a estas áreas, atentando-se, inclusive, para as condições do espaço em que estas são desenvolvidas.

De acordo com Fortunato (2011), a Fundação CASA tem buscado garantir todos os direitos essenciais, não se restringindo apenas ao acesso à escola formal, mas também a cursos de educação profissional básica, atividades de arte e cultura, e de esportes e lazer, objetivando o desenvolvimento integral dos adolescentes e assegurando-lhes aquisição de aprendizagens em todas as áreas da vida.

1.3.1. Gerência Escolar

Esta gerência é responsável pelos procedimentos que devem ser realizados para garantir a educação escolar nos Centros de Atendimento. No que tange à educação escolar, as classes existentes dentro das unidades de internação são vinculadas a uma escola da Rede Estadual de Educação – SP, que tem a responsabilidade de administrar os aspectos referentes a professores e alunos. Essas escolas realizam atribuição de aulas para os professores, matrícula, abertura e fechamento de turmas e demais procedimentos de secretaria.

O processo de atribuição de aulas é realizado junto à unidade de internação, ou seja, a coordenação pedagógica participa do processo seletivo, que procura identificar os professores que apresentam perfis condizentes com as especificidades do trabalho docente no contexto da privação de liberdade. Um aspecto interessante é que estes não podem ser professores efetivos, devido à abertura e fechamento de salas a qualquer época do ano, que variam de acordo com a demanda de adolescentes, sua faixa etária e nível de ensino que se encontram.

As classes são formadas por alunos de séries diferentes e seguem os Cadernos do Currículo do Estado de São Paulo. Isto significa que os professores têm de lecionar para alunos de séries distintas e adequar os conteúdos dos cadernos do aluno e do professor à realidade da Fundação, considerando a defasagem escolar de grande parte dos adolescentes e as diferentes realidades de cada Centro.

Consta no caderno *Educação e Medida Socioeducativa: conceito, diretrizes e procedimentos*, publicado pela Superintendência Pedagógica (SÃO PAULO, 2010, p.36), que “[...] historicamente pode-se observar que a escola não tem colaborado para sua inclusão e, conseqüentemente, torna-se pouco representativa para estes adolescentes[...]”. Ou seja, os adolescentes frequentam as aulas, mas não as valorizam, não significam a escola como algo relevante.

Em estudo realizado sobre o tema, Gallo e Williams (2008) identificaram a dificuldade de se desenvolver atividades pedagógicas com os adolescentes, devido à grande defasagem escolar. Podemos observar este aspecto na pesquisa de Conceição e Gonçalves Junior (2010a), ao concluir que, apesar de a maioria dos adolescentes chegar ao Centro de Internação cursando o Ensino Fundamental II, após a avaliação diagnóstica sugerida pela Rede Estadual de Educação e a aplicação dos formulários propostos pela própria instituição, é possível identificar que esses adolescentes passaram de série sem as condições necessárias para tal progressão, alguns deles com histórico de *progressão continuada*¹³.

A avaliação diagnóstica é um instrumental que envolve questões de leitura, escrita e matemática, ao qual o adolescente deve ser submetido ainda nos primeiros dez dias. Tem por objetivo identificar o domínio da competência de leitura e escrita, a capacidade de efetuar cálculos e resolver problemas. A partir dessa avaliação, os professores poderão saber em que nível cada adolescente se encontra quanto a essas habilidades, facilitando a aprendizagem individual dos alunos.

Conceição e Gonçalves Junior (2010a; 2010b) identificaram, em pesquisa realizada, que os adolescentes apresentam dificuldade nas aulas de Educação Física, além do baixo interesse em participar das atividades propostas, demonstram dificuldade na realização de atividades relacionadas a motricidade e também nas atividades teóricas. Diante deste quadro, o professor-pesquisador analisou os aspectos mais relevantes e

¹³ A progressão continuada é um sistema que não prevê a reprovação do aluno ao final da série ou ano letivo. A ideia é que os estudantes que não atingirem o nível de conhecimento desejado recebam acompanhamento contínuo dos professores, de preferência paralelamente às aulas normais, como recomenda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

concluiu que havia necessidade de se ouvir mais esses adolescentes, principalmente no momento do planejamento.

Pensado sob a perspectiva dialógica, o planejamento necessitou de uma investigação temática, por envolver um processo cujo objetivo é identificar aspectos que vão além daqueles que o adolescente já conhece, sobrepondo-se ao que este pensa sobre o mundo e qual assunto lhe é mais interessante. Só assim é possível discutir um tema gerador (GONÇALVES JUNIOR, 2008), que promova um aprendizado onde o conhecimento é construído no coletivo e leve em conta que o professor não é detentor de todo conhecimento, muito menos da verdade absoluta.

A tematização parte do educador que incentiva e motiva a partir da palavra, de um tema gerador. O diálogo se faz necessário para a percepção de posturas, posições, pontos de vista distintos, e para, de modo igualitário, compartilhar conhecimentos. Os adolescentes detêm aprendizados e saberes oriundos de sua experiência, que precisam ser ouvidos e considerados (CONCEIÇÃO E GONÇALVES JUNIOR, 2010b).

A problematização é uma das principais etapas deste processo, uma vez que considera o compromisso emancipador solidário daquele conhecimento, da construção-reconstrução do mundo lido, da transformação das condições de vida, da libertação.

De acordo com os autores supracitados, no contexto socioeducativo, este método de planejar foi realizado com a participação dos agentes de apoio socioeducativo e dos agentes educacionais, além dos educandos, por estarem diretamente envolvidos nos processos educativos e acompanham diariamente o cotidiano dos adolescentes. As demais práticas sociais utilizadas serão verificadas nos tópicos a seguir.

1.3.2. Gerência de Educação Profissional

A defasagem no eixo pedagógico interfere também no desenvolvimento dos cursos de educação profissional básica. Utiliza-se esta nomenclatura educação profissional básica, devido à baixa carga horária e ao espaço físico nem sempre adequado, que não contam com todos os recursos necessários a um curso profissionalizante. Para melhores resultados, seria necessário também que os adolescentes já tivessem concluído o ensino médio. Em síntese, na realidade da privação de liberdade, é impossível estabelecer um curso em que o adolescente perceba completude em sua formação e estabeleça uma relação com o exercício de qualquer profissão (SÃO PAULO, 2010; FORTUNATO, 2011).

A qualificação profissional básica ou inicial pode ser um amplo universo de possibilidades de atendimento à população, no que tange à educação para o trabalho e/ou iniciação para o mundo do trabalho.

Nesse sentido, a preocupação com o processo de formação inicial para o mundo do trabalho transcende práticas de qualificação profissional com finalidade de treinamento e adiestramento, as quais são imediatistas, segmentadas e pragmáticas, e não consideram as dificuldades e peculiaridades dos adolescentes. É voltada para a criação de turmas múltiplas e para a valorização da diversidade de conhecimentos de acordo com as intenções dos adolescentes.

Segundo a Assessoria de Imprensa da Fundação CASA, em texto publicado no site oficial, a instituição oferece mais de 60 cursos de Educação Profissional Básica aos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas no estado de São Paulo. Nos últimos quatro anos, por meio da Gerência de Educação Profissional e de parceiros, a instituição realizou 120 mil atendimentos em cursos e oficinas profissionalizantes.

Atualmente, os parceiros da CASA na área de iniciação profissional são a Associação Horizontes, a Novolhar, o Museu ao Céu Aberto, o Centro Paula Souza e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI.

Nos quadros a seguir é possível visualizar às áreas e cursos.

Quadro 1 – Cursos na área de Telemática/Informática e Turismo e Hotelaria

Cursos da área de Telemática/Informática	Requisitos	Cursos da área de Turismo e Hotelaria	Requisitos
Informática básica com Open Office e Windows	Oficina da área de informática	Recepcionista de Hotéis	Sala de aula
Informática básica com Linux		Guia de Turismo Local	
Manutenção e montagem de micros		Organizador de Eventos	
Informática aplicada à área de comércio e serviços		Inglês para recepção	
Assistente de Vendas em Equipamentos de Informática		Espanhol para recepção	
Web Designer		Cumim	Sala de aula ou oficina da área de alimentação
	Garçon		

Fonte: Caderno Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010).

Quadro 2 – Cursos na área de Administração e Alimentação

Cursos da área de Administração	Requisitos	Cursos da área de Alimentação	Requisitos
Arquivador	Sala de aula	Lancheteria	Oficina da área de Alimentação. Obrigatório uso de E.P.I. e descartáveis.
Analista de Crédito		Chapeiro	
Auxiliar Administrativo		Culinária básica	
Auxiliar de Administração em Hospitais e Clínicas		Panificação artesanal	
Atendente de Laboratório de Análises Clínicas		Cozinheiro auxiliar	
Atendente de Farmácia		Cozinha Regional Brasileira	
Assistente de vendas de automóveis e Autopeças		Salgadeiro	
Contabilidade Básica		Doceiro	
Operador de Telemarketing		Pizzaiolo	
Recepção e Atendimento		Chocolateria	
Almoxarife		Higienização e Conservação de Equip. e Alimentos	
Contínuo (Office Boy/Girl)		Oficina da área de informática	
Técnicas de Vendas			
Administração com ênfase em informática			

Fonte: Caderno Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010).

Quadro 3 – Cursos na área de Artesanato e Construção e Reparos

Cursos da área de Artesanato	Requisitos	Cursos da área de Construção e reparos	Requisitos
Luminárias e Luminárias elétricas	Sala de aula	Colocação de Pisos e Azulejos	Espaço adequado para desenvolvimento das atividades
Velas Aromáticas e Decorativas		Colocação de Gesso	
Customização de Roupas e Acessórios com aplicação de pedraria e tecidos		Texturização e Pintura Decorativa	
Técnicas de Pintura e Colagem em Madeira		Hidráulica	
Entalhe em Madeira		Limpeza de piscinas e caixas d'água	
Trançado com piaçava e palha da costa		Pequenos reparos (Elétrica, Hidráulica...)	
Corte e Costura de artefatos de couro e sintético	Oficina com máquina de costura	Elétrica Residencial	Painel Elétrico

Fonte: Caderno Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010).

Quadro 4 – Cursos na área de Serviços e Serviços pessoais

Cursos da área de Serviços	Requisitos	Cursos da área de Serviços pessoais	Requisitos
Pintura de Faixas e Cartazes	Sala de aula	Corte e modelagem de cabelos	Ponto com água, 02 a 03 cadeiras de cabeleireiro, lavatório e equipamentos para higienização e esterilização.
Decoração de festas		Manicure e pedicure	
Conserto de Bicicletas	Oficina de bicicletas	Maquiador	
Conserto de Eletrodomésticos	Oficina de eletrodomésticos	Recepcionista de salão de cabeleireiros	
Corte e costura	Oficina com máquinas de costura	Maquiador	
Montador de artefatos de couro		Auxiliar de cabeleireiro	
Mecânica de Motos	Oficina com Motos		
Auxiliar de desenhista de móveis	Sala de aula		
Jardinagem	Espaço livre		
Horticultura			
Marcenaria	Oficina de marcenaria		

Fonte: Caderno Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010).



Figura 08 - Curso de Lancheteria Fonte: Lazaretti, 2011.



Figura 09 - Curso de Colocação de Pisos e Azulejos **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Vale destacar que o Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente recebe adolescentes com defasagem de série/idade e muitos destes com histórico de abandono escolar. A maioria cumpre medida de internação durante oito meses (média), o que exige um trabalho conjugado entre a educação escolar (ensino formal), os cursos de iniciação profissional, atividades culturais e esportivas.

Com carga horária mínima de 50 horas/aulas, a educação profissional abre novas possibilidades aos adolescentes em situação de privação de liberdade. Eles recebem informações sobre várias áreas de trabalho, fazem o primeiro contato com as profissões, para, após a desinternação, darem prosseguimento aos estudos na área escolhida.

Além das atividades escolares e de caráter profissional, os adolescentes também têm acesso a atividades da área artística, que são gerenciadas pela gerência de Arte e Cultura.

1.3.3. Gerência de Arte e Cultura

A Gerência de Arte e Cultura, responsável pela gestão de convênios, busca por parcerias para a execução das atividades culturais, além de orientar e controlar as ações

propostas e desenvolvidas pelos próprios Centros. Tem por objetivo estabelecer procedimentos visando à organização, padronização e controle das ações culturais desenvolvidas no e pelo Centro.

Essa padronização implica numa regulação das atividades, que por ventura, pode acometer numa redução da diversidade cultural, ou seja, os centros de atendimento devem desenvolver suas práticas atendendo às áreas indicadas pela gerência, o que pode restringir a oferta de uma determinada atividade que é significativa em uma determinada região, por não se encaixar nas áreas delimitadas.

Quadro 5 - Áreas e atividades de Arte e Cultura

Artes Cênicas – Teatro, Jogos Dramáticos, Circo, entre outras;
Cultura Urbana – Dança de rua, Grafite, Rap, D.J., entre outras;
Artes da palavra – História em quadrinhos, Vídeo, Jornal, Literatura, Rádio, entre outras;
Artes do corpo – Capoeira, dança em geral, entre outras;
Música – Canto coral, cavaquinho, violão, percussão, entre outras;
Eventos, palestras, <i>workshops</i> , exposições, mostras, entre outros integram as atividades visando à possibilidade de trazê-los a público, seja ele interno e/ou externo.

Fonte: Caderno Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010)

Todos os jovens que cumprem medida socioeducativa de internação na Fundação CASA participam de aulas nas oficinas supracitadas, voltadas para diversas áreas. O objetivo é promover atividades conectadas às várias manifestações culturais nacionais e internacionais, às quais muitos desses adolescentes jamais tiveram acesso.

As atividades ocorrem com regularidade para a mesma turma e com carga horária definida, devendo o adolescente participar da oficina, entendendo-se como parte de seus deveres. Foi possível observar também que nem sempre estes participam das atividades propostas, mesmo cientes de que pode implicar em uma avaliação negativa que constará como parte de seu relatório técnico conclusivo.



Figura 10 - Oficina de Pintura em Tela – ministrada por agente educacional **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Quando os adolescentes chegam ao Centro optam por oficinas de arte e cultura que são realizadas no momento, entretanto, observa-se que nem sempre é possível o adolescente participar da oficina escolhida logo quando chega, devido ao número máximo de adolescentes por oficina, sendo assim é inserido em outras, até que seja possível a inserção na atividade que demonstrou interesse.

Nos Centros de Internação que funcionam com gestão plena, as atividades são ministradas por arte-educadores das instituições parceiras. Diferente dos cursos de Educação Profissional, não têm carga horária delimitada para início e término das atividades. Os adolescentes podem fazer um rodízio, desde que atenda à demanda de organização da agenda pedagógica.

O planejamento dos arte-educadores deve conter objetivos que prevejam começo, meio e fim, bem como apresentar os resultados qualitativos e quantitativos por meio de exposições, mostras, apresentações etc. Além das oficinas, é possível a realização de *workshops*, módulos que funcionam como uma aula aberta. Nos *workshops* geralmente as atividades são de curta duração, e seu principal escopo é sensibilizar os adolescentes acerca de uma determinada manifestação cultural.



Figura 11 - Educador com adolescente em oficina de grafite **Fonte:** Lazaretti, 2011.

De acordo com o site da instituição a Gerência de Arte e Cultura firmou convênios com ONGs, como o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec, o Centro de Educação e Assessoria Popular - Cedap, a Ação Educativa e o Grupo de Amparo aos Doentes de Aids - Gada.

Além das parcerias que promovem as atividades culturais, foram estabelecidas pela Gerência parcerias que possibilitem aos jovens o acesso a diferentes manifestações culturais, também em ambientes externos ao Centro de Internação.



Figura 12 - Apresentação cultural de break em Mostra Pedagógica **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Quadro 6 – Parceiros da Gerência de Arte e Cultura

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo – Osesp
Museu da Língua Portuguesa
Pinacoteca do Estado
Memorial da América Latina
Polo Ecoturístico Caminhos do Mar
Museu Paulista da USP
Fundação Bachiana, do maestro João Carlos Martins
Itaú Cultural
Associação Amigos das Oficinas Culturais do Estado de São Paulo – ASSAOC
Museu Afro Brasil
Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM
PraLer
Casa das Rosas
Secretaria de Estado da Cultura .

Fonte: Disponível em <<http://fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/arte-e-cultura>>, acesso em 18 de outubro de 2011.



Figura 13 - Apresentação cultural de capoeira em Mostra Pedagógica **Fonte:** Lazaretti, 2011.

Para a equipe da Gerência de Arte e Cultura, a arte “[...] é produtora das relações que os seres humanos criam para viver em sociedade e por si só não transforma a realidade, mas aliada a outras formas de conhecimento torna-se instrumento fundamental de intervenção e transformação da realidade” (SÃO PAULO, 2010, p.77).

Neste sentido, a proposta das oficinas culturais não é o simples passar do tempo. As atividades podem contribuir com o plano individual de atendimento, no que diz respeito a construção de valores, posturas, atitudes, além de possibilitar espaços de interação entre profissionais e adolescentes.

1.3.4. Gerência de Educação Física e Esporte

As intenções dos adolescentes também norteiam o ponto de partida para as atividades de Educação Física e Esportes. Os educandos tem como direito duas aulas semanais de Educação Física enquanto componente curricular da Educação Básica na Fundação, comumente chamado de Ensino Formal. As aulas são ministradas por

professor da Rede Estadual de Educação e, portanto, seguem o currículo implementado pela mesma Rede.



Figura 14 - Vivência esportiva no Centro **Fonte:** Lazaretti, 2011.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2008), no SINASE (BRASIL, 2006) e no Caderno de Conceito, Diretrizes e Procedimentos (SÃO PAULO, 2010), criado pela Superintendência Pedagógica da Fundação, é possível identificar os direitos destes jovens, bem como as demais atividades promovidas pela Gerência de Educação Física e Esportes (GEFESP).

Nos documentos citados, fica assegurado aos jovens o direito de realizarem atividades esportivas e de lazer. Particularmente no SINASE, é explicitado que tais atividades promovem o ensino de valores como liderança, tolerância, disciplina, confiança, equidade étnico-racial e de gênero, sendo, portanto, consideradas recursos de inclusão social. Portanto, deve-se contar com a participação dos jovens na escolha dessas atividades, respeitando-se os seus interesses.

No Centro de Internação Provisória os adolescentes são submetidos a uma avaliação de Psicomotricidade, onde são observados os níveis de coordenação motora, equilíbrio, agilidade, força, velocidade e concentração. As classificações podem variar entre *bom*, *regular* ou *deficiente*. Diante dos resultados, são estabelecidas metas que os

adolescentes devem alcançar nesta área. Metas que vão desde o aprendizado de valores até as capacidades físicas e coordenativas, que serão verificadas por meio da avaliação em psicomotricidade realizada trimestralmente. O resultado constará do relatório pedagógico anexado em sua pasta e encaminhado em seu processo.

O estudo realizado por Conceição e Onofre (2011) revela que a área de Educação Física na Fundação CASA parece caminhar na direção legalmente proposta, uma vez que prevê a elaboração de relatório individual do desempenho de cada jovem, procedimento que colabora no desenvolvimento do plano individual de atendimento.

É de se enfatizar, porém, que, embora outros aspectos relevantes possam ser sugeridos, como a conduta no decorrer das atividades propostas, o envolvimento e a interação com os demais adolescentes e com o profissional responsável, tais processos educativos transcendem os aspectos psicomotores enfatizados pela avaliação proposta.



Figura 15 – Aquecimento no Torneio Regional de Futebol **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 16 – Jogo do Torneio Regional de Futebol **Fonte:** Lazaretti, 2011.

1.3.5. Quesito Cor

No decorrer de todas as atividades, sejam estas culturais, esportivas, escolares ou profissionais, em oficinas específicas ou não, são discutidos aspectos referentes à educação étnico-racial, sistematizados pelo Comitê Institucional Quesito Cor.

Como é possível visualizar no site da instituição, o Quesito Cor é um órgão vinculado diretamente ao gabinete da Presidência da Fundação CASA. Tem por objetivo discutir questões relativas à diversidade étnico-racial e propor, a partir de um conceito de integração, políticas de atendimento aos adolescentes em medida socioeducativa.

A revista do Quesito Cor contempla as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana, conforme Parecer CNE/CP 3/2004 e Resolução CNE/CP 1/2004.

Para o desenvolvimento dessas atividades, foi elaborada uma revista com sugestões de oficinas a serem implementadas por educadores dos Centros. Cabe

ressaltar que esta a Revista do Quesito Cor foi elaborado por Benjamim Campos Silva e Márcia Aparecida Saúde (2008), profissionais que atuam na execução da medida socioeducativa, ou seja, que conhecem e participam desta realidade.

1.3.6. Programa de Assistência Religiosa – PAR

O Programa de Assistência Religiosa - PAR tem como principal diretriz garantir ao adolescente privado de liberdade, se este desejar e respeitando sua crença, o acesso aos princípios fundamentais da religião, promovendo e facilitando o desenvolvimento de sua fé e criando condições para que tais valores se manifestem no seu cotidiano.

Esta prática social é regulamentada pela Portaria Normativa Nº 166 / 2009 (SÃO PAULO, 2009b), que dispõe das normas para a solicitação de credenciamento das entidades religiosas, as quais serão aceitas a qualquer tempo, desde que atenda os requisitos estabelecidos nas regras editadas pela Fundação.

É possível perceber no documento que subsidia esta prática social que, mesmo para atuar como voluntário, existe uma certa burocratização nas ações, com vista a identificar aqueles que estarão junto aos adolescentes e também a analisar o objetivo do trabalho a ser desenvolvido. Isto se justifica devido ao fato de que a referida prática na internação é desprovida de viés doutrinador, propondo-se apenas a apresentar os princípios fundamentais da religião, crença e fé de cada um.

Esses encontros só devem ocorrer aos finais de semana, e em horários opostos a visita dos familiares. No decorrer das observações foi possível perceber o prejuízo desse empecilho, pois os adolescentes participam efetivamente das atividades religiosas, e também muitos familiares seguem as entidades religiosas disponíveis no Centro de Atendimento, ou seja, observa-se que mesmo em outros dias da semana e com a presença dos familiares, esta seria uma prática social significativa aos adolescentes.

A assistência religiosa assim como as demais práticas sociais ora apresentadas neste capítulo, tem como objetivo possibilitar uma melhor compreensão das atividades desenvolvidas nos Centros de Internação. Também pode contribuir para uma interpretação mais clara quando os adolescentes oportunamente mencionam determinadas práticas no decorrer das entrevistas e para uma visão mais explícita do tema “lazer”, bem como de outros relacionados às práticas sociais desempenhadas.



Figura 17 - Evento realizado pela Igreja Fonte: IURD, 2011.



Figura 18 - Evento realizado pela Igreja Fonte: IURD, 2011.

CAPÍTULO 2

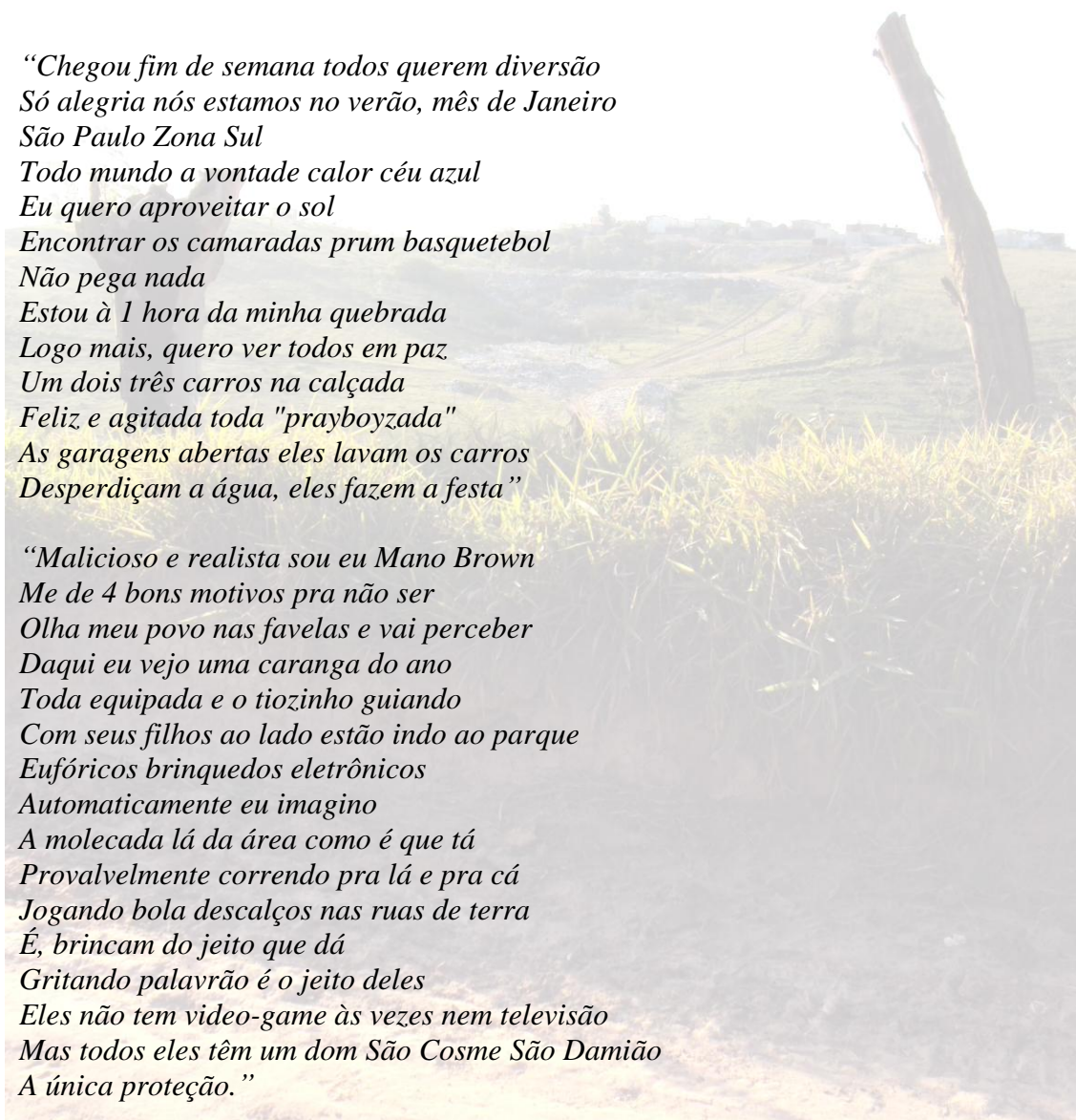
DIVERTINDO E DESENVOLVENDO

“Chegou fim de semana todos querem diversão
 Só alegria nós estamos no verão, mês de Janeiro
 São Paulo Zona Sul
 Todo mundo a vontade calor céu azul
 Eu quero aproveitar o sol
 Encontrar os camaradas prum basquetebol
 Não pega nada
 Estou à 1 hora da minha quebrada
 Logo mais, quero ver todos em paz
 Um dois três carros na calçada
 Feliz e agitada toda "prayboyzada"
 As garagens abertas eles lavam os carros
 Desperdiçam a água, eles fazem a festa”

“Malicioso e realista sou eu Mano Brown
 Me de 4 bons motivos pra não ser
 Olha meu povo nas favelas e vai perceber
 Daqui eu vejo uma caranga do ano
 Toda equipada e o tiozinho guiando
 Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
 Eufóricos brinquedos eletrônicos
 Automaticamente eu imagino
 A molecada lá da área como é que tá
 Provalvemente correndo pra lá e pra cá
 Jogando bola descalços nas ruas de terra
 É, brincam do jeito que dá
 Gritando palavrão é o jeito deles
 Eles não tem video-game às vezes nem televisão
 Mas todos eles têm um dom São Cosme São Damião
 A única proteção.”

Fim De Semana No Parque
Racionais Mc's

Figura 19: Arredores do CASA
Fontes: Lazaretti, 2011.



Iniciamos este capítulo considerando o que Marcellino (2006; 2010) remete a concepção de lazer considerando dois aspectos: tempo e atitude. Segundo o autor, no que tange ao tempo o conceito “livre” não cabe na forma de sociedade em que vivemos. Em tempo algum, o sujeito pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social. Em vista de tal constatação, aponta ser melhor compreender o “livre” dentro de um espaço de “tempo disponível”.

Considerando o ambiente de controle, de obediência a regras e normas e, inclusive, de adestramento do corpo, realidade tipicamente vivenciada pelos adolescentes em situação de privação de liberdade (ALMEIDA, 2004; TEIXEIRA, 2009), não podemos pensar em tempo livre, mas é possível observar que existe um tempo disponível, no qual não se tem as obrigações de escola, cursos e oficinas, tempo este que se quiserem, podem nada fazer dentro de um determinado espaço, mais comumente a quadra.

Deixar-se levar, a si e às sensações, deitado numa rede, é um momento de rara inventividade no reencontro com si mesmo. Poucos, aliás, o conseguem na plenitude, despindo-se dos problemas e das preocupações, e entregando-se à riqueza do momento presente (CAMARGO, 1999, p.18).

Refletindo acerca do trecho anteriormente citado e a privação de liberdade, o deixar-se levar às sensações, mesmo que deitado no chão, no colchonete ou qualquer outro lugar, pode ser um momento de encontro consigo mesmo, de autoconhecimento. Nesse sentido, quando os adolescentes estão sentados, deitados ou em pé observando além das grades e muros, e dizem “estou pensando na família que tá lá no mundão”, há uma mistura de saudade com preocupação, pois muitos destes é que ajudavam em casa financeiramente, e privados de liberdade, encontram-se impossibilitados de ajudar.

Nos momentos de lazer no espaço da quadra, foi possível observar que muitos adolescentes não gostam de praticar exercícios físicos, mesmo quando são organizados campeonatos entre eles e entre os funcionários, e preferem ficar assistindo televisão, ouvindo música ou apenas observando a paisagem, as casas e prédios distantes que são possíveis ver da quadra, e não serão punidos por não praticarem as atividades, têm o direito de escolher o que desejam fazer, o que lhes dá prazer, desde que não se enquadre numa atividade patológica, como já mencionado anteriormente.

Sobre o lazer vinculado à atitude, Marcellino (2010) o define pelo tipo de relação estabelecida entre o sujeito e a experiência vivida e a satisfação decorrente de tal experiência. O autor afirma que não é possível entender o lazer isoladamente, sem relação com outras esferas da vida social, uma vez que influencia e é influenciado no processo de relação dinâmica e social.

Se o lazer influencia e é influenciado pelas práticas sociais, terá relação direta também com a escola, educação profissional, arte e cultura, e demais práticas sociais existentes na privação de liberdade. Sendo assim, as dificuldades encontradas na escola, também tendem a interferir nas atividades de lazer, logo prejudicar a diversidade no acesso aos conteúdos culturais do lazer. Tomemos como exemplo, o déficit de aprendizagem relativa a competência leitora e escritora, que implicará em acessar conteúdos intelectuais, como leitura e escrita de poemas, poesias, ou até mesmo como foi observado na oficina de grafite em que o adolescente escrevia “futebol”, e que o arte-educador corrigiu enquanto participante desse processo educativo. Tendo em vista que o grafite é considerado uma atividade de lazer, podemos perceber que este não está isolado das demais práticas sociais, como a escolar.

Desse modo, temos que pensar o lazer como uma prática social que está relacionada a outras no contexto da privação, seja com a escola que os adolescentes não significam como momentos de lazer, por não gerar prazer e também porque trazem experiências frustradas nesta seara. Alguns fatores que vão desde a falta de acompanhamento familiar na trajetória escolar até salas super lotadas e falta de atenção e compreensão docente e da equipe gestora, que por vezes discriminava-os e os punia, ao invés de acolher, como o mundo do tráfico faz muito bem.

2.1 Conteúdos culturais do lazer

O lazer pode ser dividido em conteúdos culturais que são divididos em áreas de interesses. Dumazedier (1980) diferencia os interesses do lazer da seguinte forma: *interesses físicos*, em que prevalecem as atividades que se baseiam nos movimentos ou na esportividade; *interesses práticos/manuais*, que visam à prática da manipulação de objetos e materiais, como o artesanato, a jardinagem e a bricolagem; *interesses sociais*, que privilegiam as oportunidades de encontro e a companhia de outras pessoas; *interesses artísticos*, onde a imaginação estimulada pelas manifestações da arte, de

alguma maneira, envolve prazer estético; e *interesses intelectuais*, nos quais o conhecimento vivenciado e estimulado pela racionalidade objetiva é o foco central.

Camargo (1999) aponta que esta classificação dos interesses do lazer não é perfeita, pois considera que a realidade é sempre mais complexa do que a capacidade de análise dos cientistas. Em decorrência das transformações na sociedade, Camargo (1999) e Gisele Schwartz (2003) acrescentam mais duas áreas aos interesses culturais do lazer: o *turístico* e o *virtual*.

O interesse turístico (CAMARGO, 1999), que considera a busca por novas paisagens, ritmos e costumes, distintos daqueles vivenciados cotidianamente, é tido como um segmento desdobrado de mais uma opção de lazer. E assim também o é o interesse virtual (SCHWARTZ, 2003), despertado pelos avanços tecnológicos e pelas novas práticas propiciadas pelo ambiente virtual, com suas especificidades.

Segundo Marcellino (2006), cada atividade não cumpre apenas um desses interesses. Neste sentido, é complexo distinguir com precisão os critérios levados em conta para a classificação, tendo em vista que as atividades físicas também são sociais etc. Sendo assim, só seria possível distinguir considerando a predominância, representando as escolhas subjetivas, o que evidencia a opção e que os interesses estão interligados. Desse modo as pessoas podem ter opções de atividades que realizam nas suas diversas esferas de necessidades pessoais e sociais (DELGADO, 2003).

Para Dumazedier (1980), os conteúdos culturais podem ser analisados e desenvolvidos dentro de três níveis e de três gêneros. Sendo gêneros o da prática ou vivência, o da assistência ou fruição e o do conhecimento. A prática acontece quando o indivíduo busca desenvolver praticar sua atividade escolhida de lazer. A assistência ocorre quando o indivíduo acompanha, por algum modo audiovisual ou no próprio local a atividade que escolheu e o conhecimento se caracteriza pela busca de informações sobre a atividade escolhida.

Como no capítulo anterior, já foi possível identificar as práticas sociais que os adolescentes em situação de privação de liberdade participam. Agora com a abordagem dos conteúdos culturais do lazer, serão relacionadas com as observações realizadas no Centro de Internação.

Podemos considerar que os adolescentes acessam uma diversidade de conteúdos culturais bem significativa, mesmo ponderando o cunho subjetivo de como significam as atividades, serão citados neste tópico algumas atividades em que predomina uma área sobre a outra.

Na área de interesses artísticos, são ofertadas oficinas de pintura em tela, música, grafite, teatro, dança, atividades que propiciam espaços para o imaginário, aos sentimentos e emoções. Os adolescentes pintam o que tem vontade, se expressam nos movimentos da dança e do teatro, criam e recriam textos, contextos e movimentos das mais diversas formas.

Nos interesses intelectuais, os cursos de educação profissional podem ser uma grande oportunidade de acesso ao conhecimento, mesmo tendo seu caráter obrigatório tendo em vista que, uma vez escolhido o curso que tem a intenção em fazer, deverá concluí-lo. Outro espaço é o da biblioteca que é organizada pelos próprios adolescentes com orientação da equipe profissional. Neste espaço, os adolescentes podem ler, bem como levar os livros para realizar a leitura nos dormitórios antes de dormir.

Os treinamentos e os torneios esportivos internos, regionais e estaduais, assim como a dança, caracterizam-se como atividades de interesse físicos, e todos os adolescentes têm o acesso garantido. Para participar de campeonatos externos, é considerada a conduta no decorrer das atividades realizadas no Centro, ou seja, para sair têm que cumprir as regras da Instituição, que se tratam de normas mínimas para o convívio social, pautados na cidadania.

As atividades de artesanato, mosaico, decoupage, biscuit, entre outras, que os adolescentes participam em formas de Workshop (atividades de curta duração), enquadram-se nos interesses manuais/práticos, exercitando a capacidade de manipulação, criando e transformando objetos e/ou materiais.

Os passeios aos museus, atividades culturais promovidos pela Gerência de Arte e Cultura, idas a piscina ou passeio que quebre a rotina temporal e espacial, é a aspiração mais presente no conteúdo turístico. Este conteúdo cultural também funciona como modo de recompensa aos adolescentes que se dedicam e demonstram maior envolvimento nas atividades ofertadas e que atingem as metas sistematizadas em seu Plano Individual de Atendimento – PIA, mencionado no capítulo anterior.

No período de férias é possível ainda desfrutar dos conteúdos virtuais (SCHWARTZ, 2003). São instalados games nos computadores da oficina de informática, e é feito um rodízio entre os interessados em vivenciar as atividades virtuais de lazer. Segundo Schwartz (2006, p.176), “[...] os tensores ambientais que perpassam a ação no ambiente virtual são de uma magnitude peculiar, ainda carente de estudos nesta vertente, gerando o interesse em se refletir sobre o significado pessoal da participação no espaço virtual [...]”.

Por último, e não menos importante, o conteúdo social, que perpassa todos os interesses culturais do lazer. De acordo com Marcellino (2006, p.18), “ quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face a face, o convívio social, manifestam-se os interesses sociais no lazer”.

Considerando que passam quase todo o tempo junto uns com os outros, dividindo espaços, lidando com as diferenças, com as discussões e brigas, fazendo as refeições juntos, cantando parabéns no último dia do mês, partilhando o bolo, participando das festas realizadas, tais como formaturas, bailes etc., podemos dizer que este é sem dúvida um conteúdo repleto de processos educativos, uma vez que, muitos destes jovens entraram em conflito com a lei por apresentar dificuldades na relação com o outro.

Para Schwartz (2006) as intenções de participação no ambiente virtual, em relação ao lazer, estão permeadas pelos calores e condições individuais. Nesse sentido durante o período de férias escolares os adolescentes podiam usar o computador para jogarem games que foram instalados especialmente nesse momento que não há aulas do ensino formal. Os jogos mais solicitados estavam relacionados aos que recebem pontuação de acordo com os crimes cometidos, bem como os de lutas e corrida. Podemos concluir que independente do jogo, estes os levam a um imaginário, a uma virtualização do corpo, a vivenciar experiências diferentes do cotidiano.

Esses conteúdos culturais compõem uma parte do que Marcelino (2006; 2010) chama de duplo processo educativo da intervenção pedagógica, sob a perspectiva da animação cultural: a educação pelo lazer e a educação para o lazer.

2.2 Duplo processo educativo, transcendendo o utilitarismo.

“O lazer é um modelo cultural de prática social que interfere no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos” (CAMARGO, 1999, p.71)

Como apontado anteriormente, o lazer apresenta três fatores: descanso, divertimento e desenvolvimento, mas ao considerarmos a função destas atividades, não podemos reduzir simplesmente ao repouso, entretenimento, pois seria uma perspectiva “funcionalista”.

O primeiro aspecto mencionado por Marcellino (2010), é o lazer enquanto veículo de educação, que significa aproveitar o potencial das vivências de lazer, podendo trabalhar questões como valores, condutas, atitudes e comportamentos.

Deve considerar as potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social, que perpassam por objetivos consumatórios, de relaxamento e prazerosos propiciados pela prática ou pela contemplação. E também por objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, desenvolvendo o pessoal e o social através do reconhecimento das responsabilidades sociais (MARCELLINO, 2006; 2010).

As vivências culturais se relacionam com outras áreas, como foi possível verificar quando diagnosticada a dificuldade do adolescente escrever “futebol” na oficina de grafite, e o professor estava atento para orientar. Nesse convívio, além do educador ensinar, os próprios adolescentes aprendem uns com os outros a medida que ajudam-se nesse processo educativo. Não podemos desconsiderar a relação de poder existente, pois quem ensina denota saber mais que o outro, e o saber mais está relacionado como o ser mais, não só neste contexto, mas em vários outros da sociedade.

O fato de aprender por meio de vivências que geram prazer tornam-se mais significativas, podemos considerar que muitas atividades de lazer culminam num aprendizado interdisciplinar.

Na educação pelo lazer, devemos estar atentos para transcender o caráter funcionalista, ou seja, como uma possibilidade de educar para a conscientização das responsabilidades. O papel educativo do animador cultural¹⁴ não está restrito a liderança das práticas de lazer, mas em poder mostrar as infinitas possibilidades de participação social e de auto-realização através do lazer (CAMARGO, 1999).

No segundo aspecto podemos identificar algumas implicações quando se pensa em educação para lazer. Como aponta Marcellino (2006), há a necessidade de difundir o significado, incentivar a participação e propiciar espaço de desenvolvimento ou que cooperem para o aperfeiçoamento.

Nesse sentido, Marcellino (2010) defende que a prática positiva das atividades de lazer implica necessidade de aprendizado e estímulo, de modo a possibilitar a evolução de níveis simples para os mais complexos, com enriquecimento crítico, tanto na prática quanto na observação.

¹⁴ Animador Cultural ou Sociocultural – atua no plano cultural e social, sendo responsável pela valorização da cultura popular e realizar um trabalho educativo procurando atender o maior número de pessoas a partir dos interesses individuais.

Nesta prática social, é possível, no decorrer da experiência, aprender a educação para o lazer, que deve servir como um instrumento de defesa contra a homogeneização e internacionalização dos conteúdos veiculados pelos meios da comunicação de massa (MARCELLINO, 2006).

A ação conscientizadora da prática educativa, inculcando a idéia e fornecendo meios para que as pessoas vivenciem um lazer criativo e gratificante, torna possível o desenvolvimento de atividades até com um mínimo de recursos, ou contribui para que os recursos necessários sejam reivindicados, pelos grupos interessados, junto ao poder público (MARCELLINO, 2006, p.51).

Segundo Lombardi (2005), as vivências dos conteúdos culturais do lazer podem contribuir para a formação do homem integral, crítico e criativo, capaz de participar culturalmente, vivenciando e gerando valores questionadores da ordem social vigente e que prepara mudanças na sociedade como um todo.

As vivências podem ser realizadas mesmo diante da falta de equipamentos específicos, mas, com a superação do conformismo e o desenvolvimento do senso crítico, é possível que as pessoas, em um movimento de resistência, venham a reivindicar melhores e mais diversificados espaços dos quais possam usufruir.

Neste sentido, para se alcançar os objetivos expostos por Lombardi (2005), a educação pelo e para o lazer deve necessariamente contar com um animador sociocultural. Não basta pensarmos como a autora menciona, que as pessoas em um movimento de resistência reivindiquem, pois estas necessitam de educação para o lazer, que os ensinem as demandas no que concerne a esta área para que tenham consciência de que uma resistência possa gerar bons resultados.

Além disso, nesse movimento de educação que o animador sociocultural deve apresentar as possibilidades de lazer existentes, não se restringindo apenas a utilização de equipamentos, que por vezes encontram-se na esfera privada, e os públicos deteriorados. Nesse sentido, o agente cultural será orientador dos cidadãos, para que além de reivindicarem a manutenção da qualidade, que tenham uma participação ativa no controle do uso dos equipamentos públicos.

A utilização do termo lazer de modo equivocado, sua apropriação e disseminação pelo senso comum e os valores a ele atribuídos contribuem para difundir a visão funcionalista do lazer, classificadas por Marcellino (2010), como romântica, moralista, compensatória e utilitarista.

Para o autor uma abordagem romântica pode ser considerada como aquela “marcada pela ênfase nos valores da sociedade tradicional e pela nostalgia do passado” (MARCELLINO, 2010, p.32). Nesta perspectiva o lazer bom era aquele praticado antigamente e as opções contemporâneas de lazer não são consideradas boas.

A abordagem moralista, está relacionada a ambiguidade do lazer, tendo em vista que ao mesmo tempo em que o lazer pode engrandecer, ele também pode prejudicar, se realizadas atividades comprometedoras do ponto de vista da ordem social, que pode ser uma atitude patológica, pois não condiz com a preservação da ordem, são ações em contraposição às regras estabelecidas pela sociedade.

Outra concepção é pensar que o lazer serviria para recuperar as forças de trabalho ou como instrumento de desenvolvimento, ou seja, após ou durante o almoço algumas empresas têm os grêmios que dispõem de jogos de mesa, tabuleiro ou até outros recursos, compreendendo o lazer como necessário para que o empregado volte a produzir cada vez mais, com suas forças recuperadas, ressaltando os resultados psicológicos e econômicos.

Já a abordagem compensatória é relativa ao campo das obrigações e a realização individual. No campo das obrigações os estudiosos do lazer consideram a prática do social do trabalho como o mais significativo, talvez porque um dos que tomam maior parte do tempo do cidadão. Trabalho este que pode ser alienado, mecânico, fragmentado e especializado. Nessa ótica o lazer serviria como uma compensação a insatisfação e a alienação causadas pelo trabalho e demais obrigações, e Marcellino (2010), menciona que um grande número de autores se dedicam ao estudo nessa abordagem compensatória.

Para Almeida (2003a, 2005), não é possível considerar apenas a relação trabalho versus lazer. Segundo o autor, é possível apontar teorias que emergem discutindo o prazer, considerando o corpo como um meio de transformação junto a expressão individual, como tendências que devem ser valorizadas no lazer contemporâneo, transcendendo assim, a esfera econômica e de produção, para a elucidação do mundo. Sendo assim, o trabalho deixa de ser ponto de partida para a compreensão do que seria lazer, uma vez que, a prática estaria vinculada ao prazer.

Tendo em vista que o trabalho não é ponto de partida para definir o que seria lazer, buscamos a compreensão de Almeida (2003b) para elucidar o lazer no sistema penitenciário, que é próximo aos adolescentes que se encontram em privação de liberdade.

Almeida (2003a, 2003b) apóia-se em Habermas (1987) para apresentar a superação da compreensão de que o trabalho é o único viés para se pensar o lazer. Inicia pontuando que a emancipação é alcançada mediante a formação de consensos e pautada no diálogo intersubjetivo no qual os envolvidos buscam entender-se. E essa ação comunicativa está no seio das relações, na gama de saber acumulado, no mundo da vida.

A esfera econômica não mais serve como única maneira de esclarecimento do social, ela representa somente uma face da sociedade, neste sentido, novas teorias aparecem com o objetivo de separar trabalho e obrigações, colocando diferentes instituições sociais para a explicação do contemporâneo, juntamente com as inúmeras possibilidades que os indivíduos possuem para se integrar às mesmas (ALMEIDA, 2003a; 2005).

O lazer encontra-se no mundo da vida, no qual o território de troca simbólica e aprendizado, refere-se tanto às relações pessoais, interpessoais como a construção da própria sociedade através da fala (linguagem), e segundo Gutierrez, (2001a) o lazer é formado e construído.

Desse modo, o trabalho ou o não trabalho, não é entendido com um aspecto limitante do lazer, tendo em vista que o lazer é definido pelo mundo da vida e não pelo sistema econômico. De tal modo que o lazer, o lúdico e o prazer, são encarados como características sociais não podendo estar restritos pelo tempo de trabalho.

Para Almeida (2005):

[...] o prazer é característico de qualquer tempo e lugar, encontrando-se no mundo da vida e no sistema, deste modo o lazer é determinado historicamente e possui característica material imutável que é a busca do prazer como elemento fundamental e distintivo (p.3).

De acordo com esta interpretação, o lazer caminha juntamente com a evolução social, a transformação do mundo da vida e a inovação do sistema. Sendo assim, o lazer de consumo encontra-se no sistema, enquanto outras formas de lazer ligadas à cultura popular encontram-se no mundo da vida (ALMEIDA, 2003b).

Nessa perspectiva de compreensão do lazer, Gutierrez (2001b) discute o lazer a partir da busca individual do prazer, sendo o elemento fundamental e distintivo, o prazer como um elemento intrínseco do homem e inserido na construção histórica. Para o

autor, é possível o lazer no sistema de privação, porque a busca do prazer é própria de qualquer tempo e lugar, tendo como base a formação cognitiva humana e por isso é determinado historicamente. De modo que as práticas de lazer dos internos não são restringidas pelo sistema, não possuem somente uma formação imposta pelo governo, e assim como identificado por Almeida (2003b, p.17), “... as práticas superam as imposições institucionais e são desenvolvidas por um conjunto de ritos e símbolos próprios da reclusão”.

Para analisar o lazer dos privados de liberdade, Almeida (2003b) utilizou teorias que valorizassem diferentes esferas: as normativas, sociais, simbólicas, juntamente com a possibilidade de projeção do agente social. Desse modo as dificuldades no campo metodológico existentes nas teorias ligadas ao trabalho e obrigações deixam de existir, visto que estes que estão em privação e que não trabalham também possuem lazer.

O autor aponta para as atividades no pátio e que mesmo em um espaço e tempo limitados e acrescento o termo vigiado, as organizações de festas e comemorações internas, os campeonatos de diferentes modalidades esportivas e coletivas, mostram o todo do espaço de reclusão. Neste sentido Almeida (2005) com base nas leituras de Habermas, Dunning, Elias, “... entende que o sujeito inserido no sistema prisional não perde seu caráter histórico, humano e transformador, e o lazer no presídio é característico pela formação social em qualquer meio social organizado (p.6)”.

Isto significa que mesmo quando a pessoa encontra-se em privação de liberdade, não deixa de ser humano, que possui sua dimensão social e faz uso dela, como podemos ver em Almeida (2005, p.06):

O preso é histórico, transformador e comunicativo, buscando auferir prazer como qualquer outro, por isso existe o lazer no presídio e o lazer na reclusão determina a situação do preso e grupo que o sujeito representa, fazendo, desta maneira, parte da cultura prisional.

Não podemos desconsiderar que existe um código interno dos que estão privados de liberdade que assim como no sistema penitenciário que há “um amplo arsenal cultural que é desenvolvido entre os presos devido a sua situação”, assim também acontece com os adolescentes e tem o mesmo objetivo, serve de ferramenta para o entendimento, a segregação, a construção e/ou proteção das relações entre internos e instituição (ALMEIDA, 2003b).

No decorrer das observações realizadas no cotidiano dos adolescentes em privação de liberdade, podemos identificar os adolescentes possuem uma linguagem de sinais peculiar, que não é igual a Linguagem Brasileira de Sinais. Os sinais são ensinados de uns para os outros quando chegam à internação, como uma forma de comunicação que dificulta a compreensão por parte dos funcionários. Outro aspecto relevante é que alguns apostam quantidades de drogas, dinheiro como benefício da vitória nos mais diversos jogos, prática esta que é supervisionada pela equipe multiprofissional, que faz constantes orientações aos adolescentes.

Desse modo, o lazer do preso é prisionizado e as características discutidas do prazer, do lúdico e do indivíduo, deverão ser intermediadas com o intuito de decodificar os códigos presentes no espaço de reclusão. Aproximando o lazer encarcerado ao lazer do encarcerado. Isto é, todas as atividades desenvolvidas passam por um filtro simbólico dos detentos que necessariamente reproduzem a sua linguagem, os seus ritos e as formas de poder e submissão, tanto entre os detentos e instituição como entre eles (ALMEIDA, 2005, p.8).

As atividades como dominó, futebol, atividades físicas, jogos ilícitos, jogos de mesa, assistir televisão (canais não autorizados), são lazeres e tem um grande papel na cultura dos internos.

Almeida (2003b) identificou que a atividade de lazer serve como controle da massa encarcerada por parte dos profissionais, porque as primeiras sanções coletivas atuam diretamente nas atividades de lazer (GOIFMAN, 1998). Como herança cultural ou como falta de reflexão sobre o tema, a Fundação CASA adota o mesmo procedimento quando do cometimento de falta disciplinar. A primeira atividade a ser suspensa são as atividades de recreação e lazer e educação física, na verdade como punição, tendo em vista que muitos adolescentes têm prazer ao realizar tais atividades.

Portanto, considerar a inexistência do lazer na privação é concordar que o adolescente está fora das relações sociais, intersubjetivas devido a situação de privação, e neste sentido estando estanque à sociedade. Sendo assim, deve-se compreender que o adolescente vem da sociedade “livre”, com suas regras de convivência incorporadas e o lazer faz parte do seu cotidiano. Afirmar que não existe o lazer na privação de liberdade é dizer que o interno ao entrar no Centro de Internação retira toda a sua vivência no mundo social e incorpora as novas regras intramuros, o que de fato não condiz com a realidade, até mesmo porque um dos objetivos é que as regras sociais sejam revistas e os adolescentes constantemente orientados.

CAPÍTULO 3

PERCURSO METODOLÓGICO

Perante os outros

Nunca desestime a importância dos outros.

Frequentemente só pensamos na crítica com que os outros nos possam alvejar, esquecendo-nos de que é igualmente dos outros que recebemos a força para viver.

O auxílio ao próximo é o seu melhor investimento.

Valorize os outros, a fim de que os outros valorizem você.

Pense nos outros, não em termos de angelitude ou perversidade, mas na condição de seres humanos com necessidade e sonhos, problemas e lutas semelhantes aos seus.

Se a solidão valesse, as Leis de Deus não fariam o seu nascimento na Terra entre duas criaturas, convertendo você em terceira pessoa para construir um grupo maior.

Chico Xavier

Figura 20 – Exposição Mascaras Africanas **Fonte:** Lazaretti, 2011.

3.1 Caracterização do ambiente de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida junto a adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade em um Centro de Atendimento Socioeducativo da região metropolitana do estado de São Paulo, que atende até cinquenta e seis adolescentes do sexo masculino.

A escolha desse Centro se deu tendo em vista ser o local de trabalho do pesquisador e as dificuldades que geralmente são encontradas para se obter parecer favorável para o desenvolvimento de pesquisas em espaços de privação de liberdade.

O espaço da pesquisa é composto por dois prédios sendo um para utilização Técnico/Administrativa e outro para acomodação dos adolescentes e desenvolvimento da proposta pedagógica, atendimento psicossocial e de saúde.

O prédio administrativo funciona em um único piso e contém:

- 01 Sala para Diretor;
- 01 Sala para Encarregada de Área Técnica;
- 01 Sala para Coordenador Pedagógico;
- 01 Sala de Reuniões
- 01 Sala setor Psicossocial;
- 01 Sala setor Pedagógico e Administrativo;
- 01 Copa;
- 01 Almoxarifado;
- 01 Sala de Pertences;
- 02 Salas para Revistas;
- 02 Banheiros Externos;
- 03 Banheiros internos, sendo 1 (um) para pessoa com deficiência;
- 01 Guarita de Segurança com 02 banheiros;
- 01 Cozinha Industrial;
- 01 Lavanderia com 02 Banheiros.



Figura 21 – Planta do prédio administrativo **Fonte:** Plano Político Pedagógico do CASA, 2011.



Figura 22 - Sala setor pedagógico e administrativo **Fonte:** Lazaretti, 2011.

No prédio que acomoda os adolescentes há 03 pisos (Ambiente Socioeducativo):

Térreo

- 01 Sala de Atendimento Psicossocial;
- 01 Sala de Atendimento Médico;
- 01 Sala de Observação;
- 01 Sala para atendimento de enfermagem;
- 01 Sala de Atendimento Odontológico.
- 01 Banheiro – com 03 vasos sanitários, sendo um para deficientes – Para uso exclusivo dos adolescentes;
- 01 Refeitório com antessala - Utilizados para servir as refeições aos adolescentes;
- 01 Sala de Pertences;
- 05 Salas de aula;
- 01 Sala para Curso de Educação Profissional Básica na área de Informática e Telemática;
- 01 Sala para Curso de Educação Profissional Básica na área de Alimentação

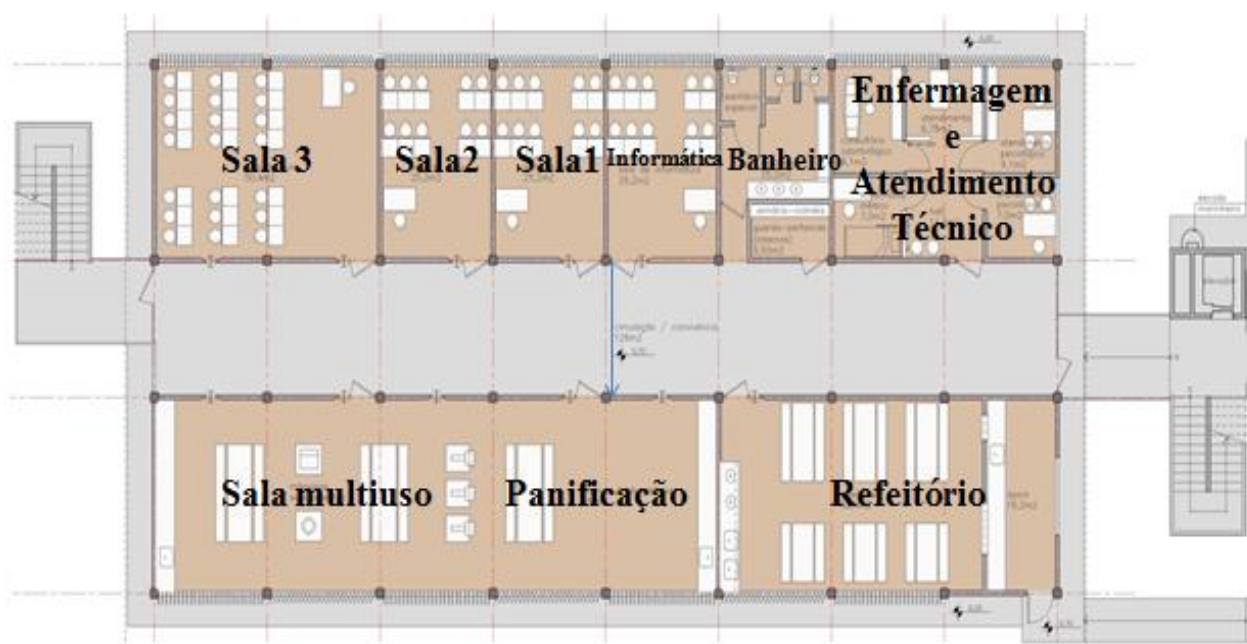


Figura 23 – Planta do piso térreo do módulo **Fonte:** Plano Político Pedagógico do CASA, 2011.

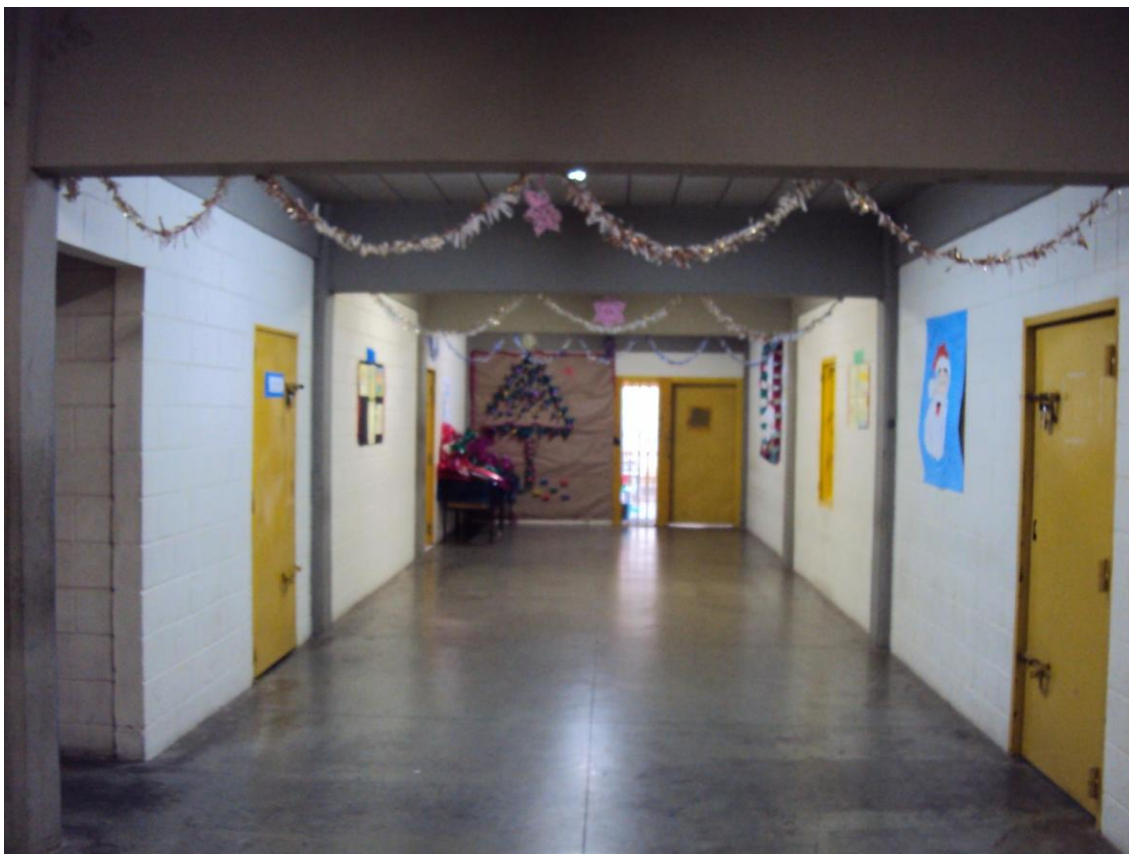


Figura 24 - Corredor piso terréo **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 25 - Refeitório com antessala **Fonte:** Lazaretti, 2011.

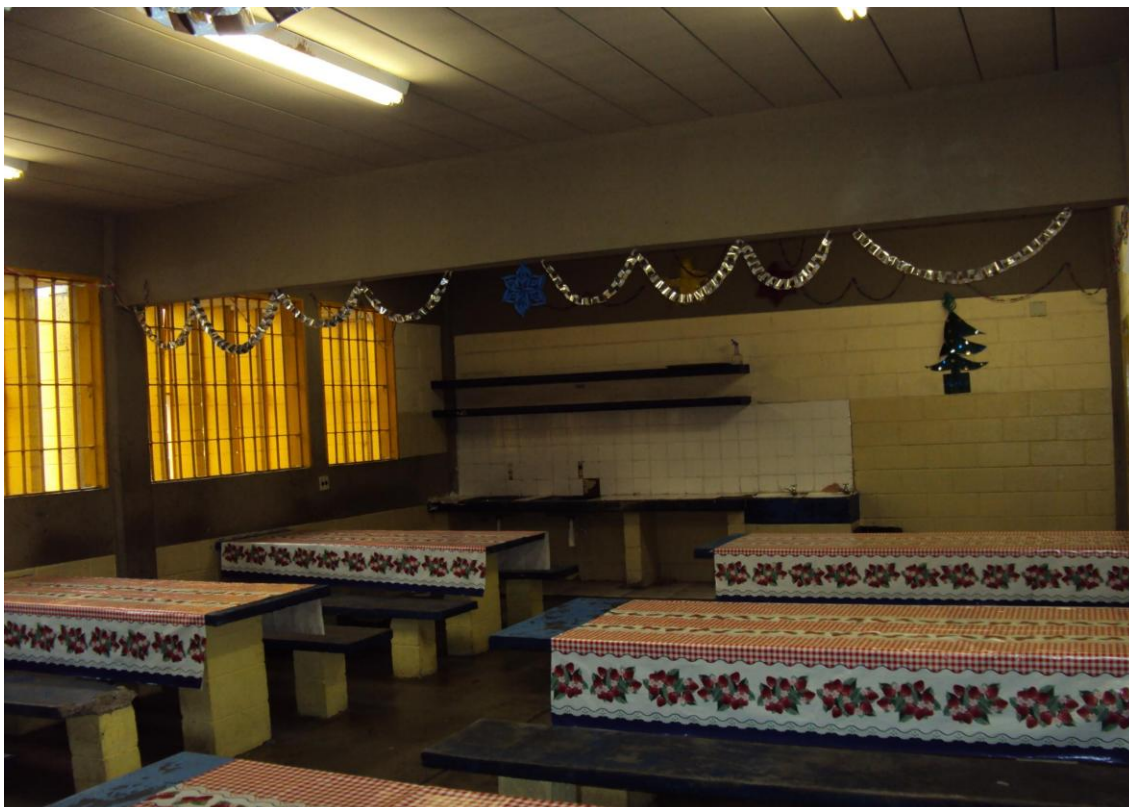


Figura 26 - Refeitório com pia com Azulejo colocado pelos adolescentes

Fonte:Lazaretti, 2011.



Figura 27 - Sala para atendimento médico **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 28 - Antessala do refeitório **Fonte:** Lazaretti, 2011.

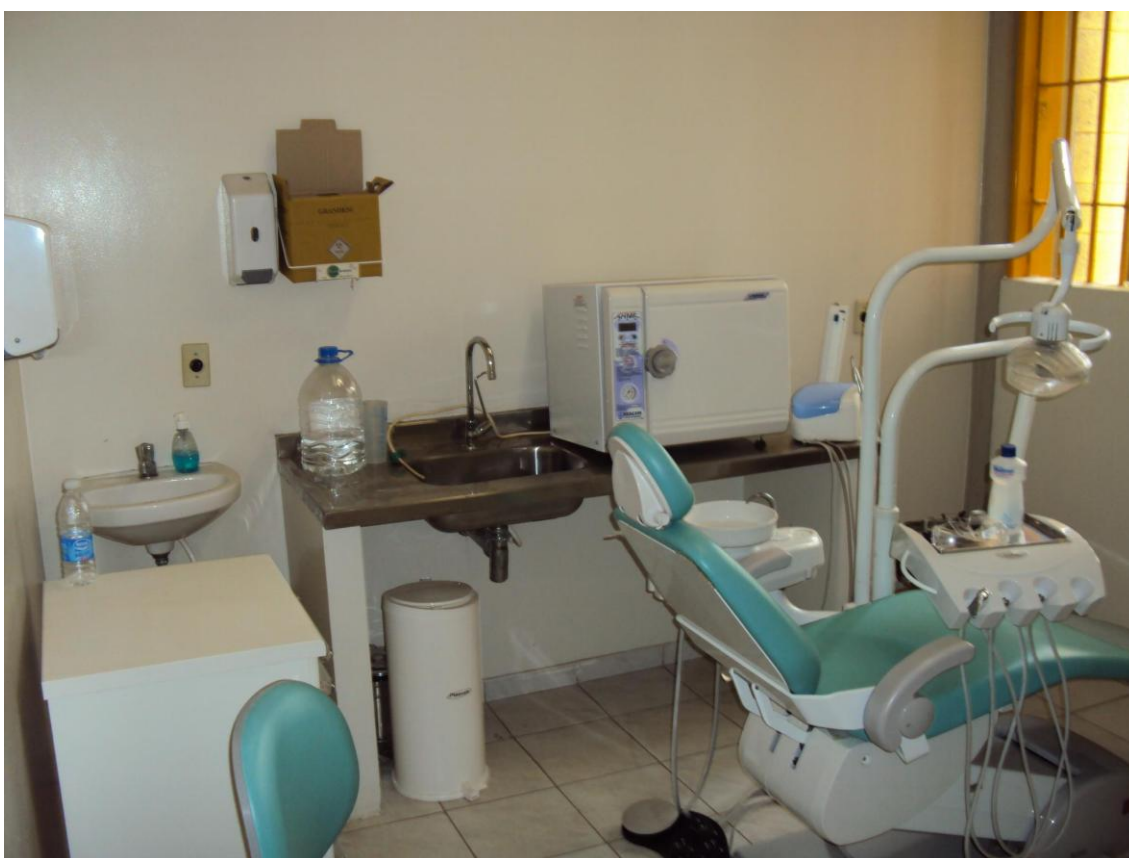


Figura 29 - Sala para atendimento odontológico **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 30 - Sala para atendimento técnico – Psicossocial ou pedagógico **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 31- Sala Multiuso **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 32 - Ambulatório de Enfermagem

Fonte: Lazareti, 2011.

1º Piso

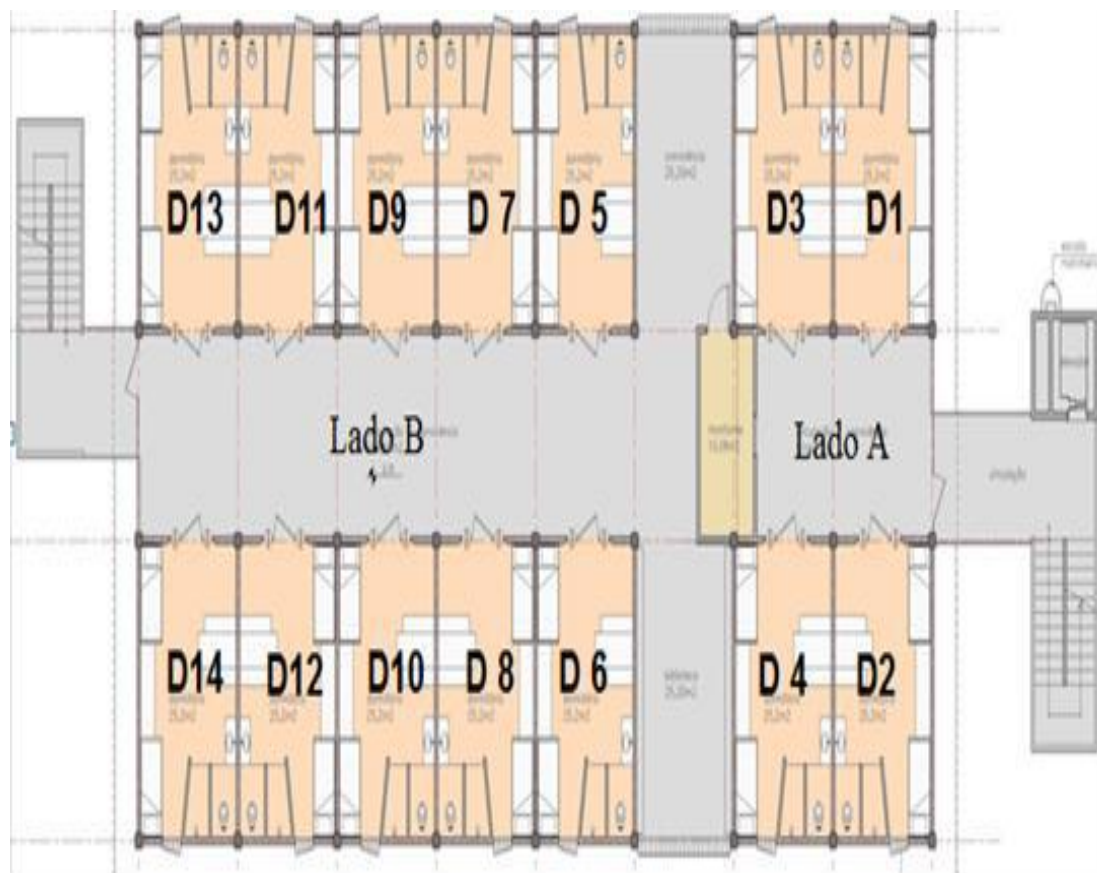


Figura 33 – Planta do primeiro piso **Fonte:** Plano Político Pedagógico do CASA, 2011.

- 14 Dormitórios com capacidade para 04 adolescentes cada, contendo cada um deles: 4 (quatro) camas, 2 (duas) estantes, 1 (uma) mesa, 2 (dois) bancos, sendo todos construídos em alvenaria. Cada dormitório contém 1 (um) banheiro, dividido em espaço para vaso sanitário e outro de uso exclusivo para banho;
 - 01 Sala para Coordenação de Equipe;
- 02 Áreas de convivência: sendo 1 (uma) utilizada para sala de televisão/recreação e outra para Biblioteca.

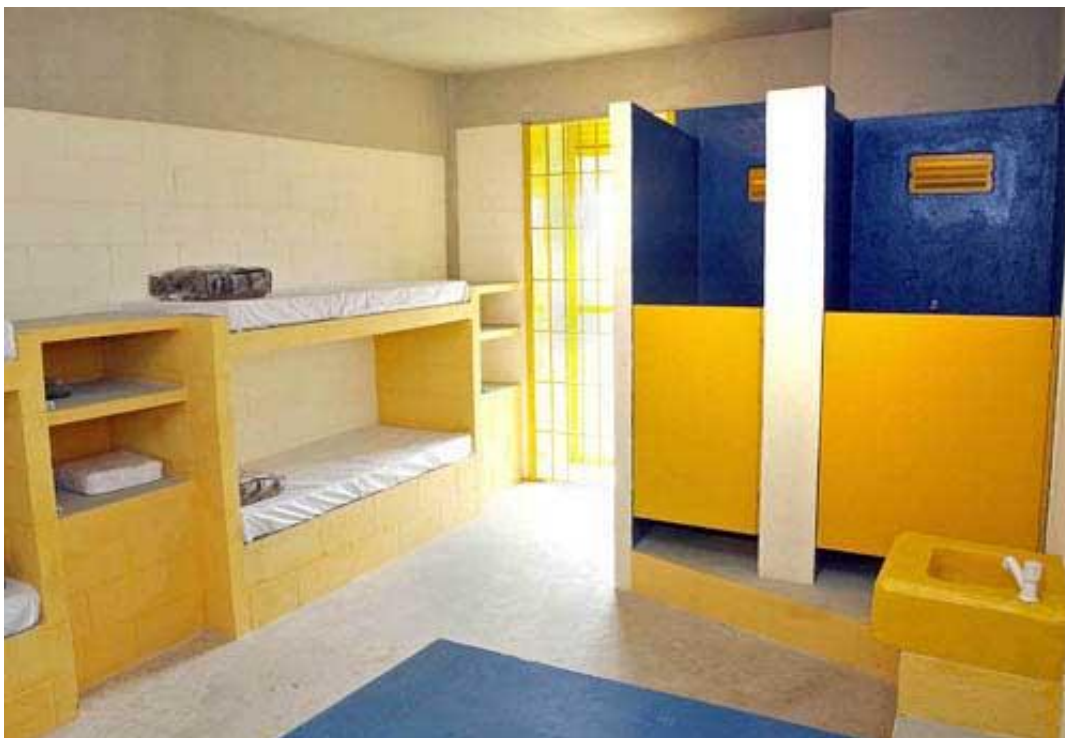


Figura 34 – Dormitório Fonte: Plano Político Pedagógico do CASA, 2011.



Figura 35 - Sala de Leitura Fonte: Lazaretti, 2011.



Figura 36 – Acervo da biblioteca **Fonte:** Lazaretti, 2011.

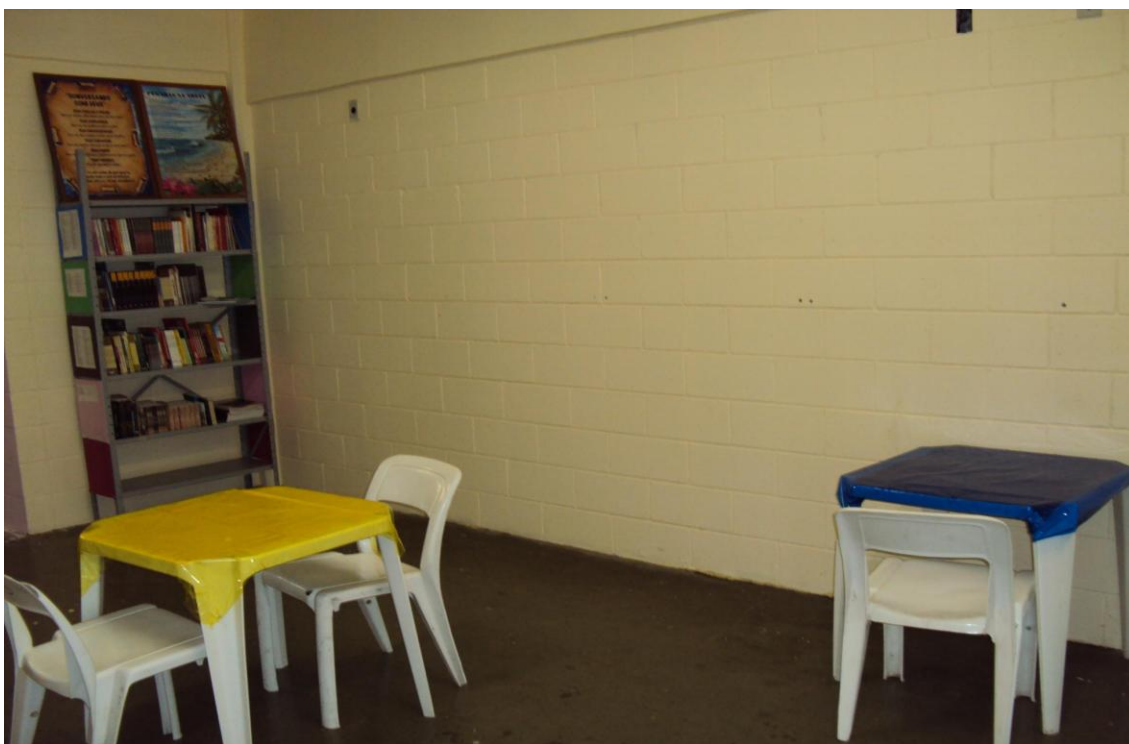


Figura 37 - Sala de leitura da biblioteca **Fonte:** Lazaretti, 2011.

▪ 2º Piso: 01 Quadra Poliesportiva: que contém dois banheiros e um banheiro para eficiente físico, além de um solarium. Palco para apresentações.

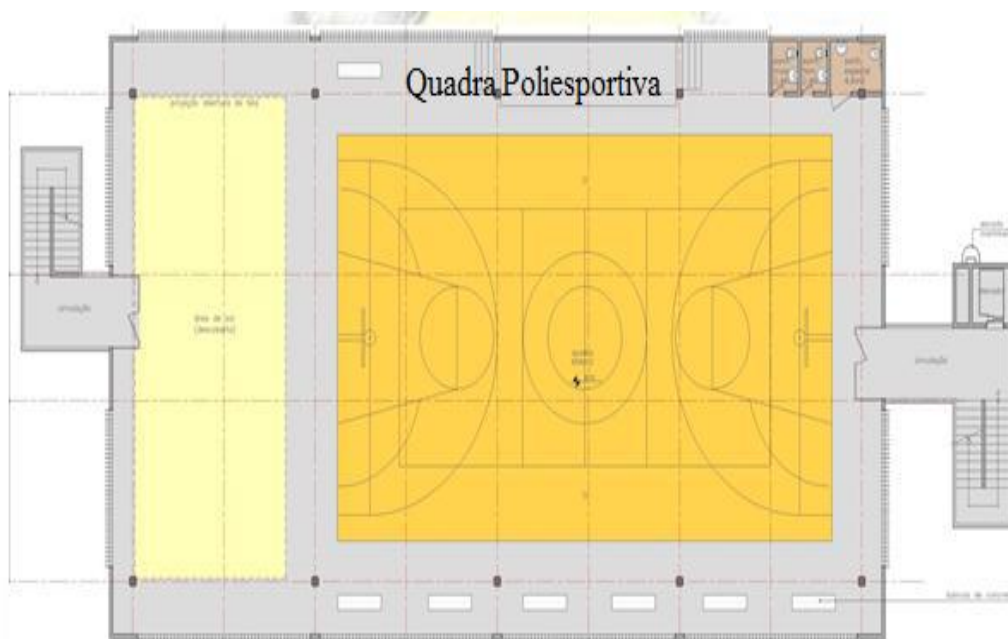


Figura 38 – Planta da quadra poliesportiva **Fonte:** Plano Político Pedagógico do CASA, 2011.



Figura 39 - Quadra poliesportiva **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 40 - Quadra poliesportiva com três banheiros **Fonte:** Lazaretti, 2011.



Figura 41 - Quadra poliesportiva com grafite nas paredes **Fonte:** Lazaretti, 2011.

As investigações que são realizadas no âmbito da Fundação CASA devem obrigatoriamente seguir a **Portaria Normativa 155/2008** (SÃO PAULO, 2008), que, em seu primeiro artigo, estabelece que “as pesquisas somente poderão ser realizadas nos órgãos e nas unidades de atendimento da Fundação mediante autorização do Gabinete da Presidência”. Desta forma, as atividades científicas, monografia de conclusão de curso (graduação e especialização), dissertação ou tese devem ser submetidas à apreciação do Centro de Pesquisa e Documentação – CPDOC, setor da Escola de Formação e Capacitação Profissional – EFCP, encarregado da análise e viabilidade da execução do projeto.

Os projetos são analisados quando submetidos por pesquisadores vinculados a uma instituição que desenvolva atividades de ensino e/ou pesquisa, seja ela pública ou privada, governamental ou não governamental, nacional ou internacional.

O CPDOC solicita o projeto de pesquisa, informação clara e objetiva sobre os procedimentos de coleta de dados, declaração que comprove o vínculo do pesquisador responsável pela pesquisa com a instituição proponente e currículo do pesquisador responsável.

Depois de cumpridos tais procedimentos, o projeto é encaminhado à Superintendência pertinente ao tema. São três Superintendências responsáveis – *de Segurança, Saúde ou Pedagógica* –, e elas podem requerer documentos complementares para melhor avaliação e entendimento do assunto. No caso específico desta investigação, foi encaminhada à Superintendência Pedagógica. A realização de pesquisa com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em Centros da Fundação, bem como com adolescentes em idade inferior a 18 anos, implica que o pesquisador responsável obtenha autorização judicial, devendo contar, ainda, com a autorização dos pais ou responsável dos mesmos.

Além dos procedimentos junto à Fundação CASA, o projeto de pesquisa também foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, e também à Vara da Infância e da Juventude do município, com vistas a obter a devida autorização. A Juíza responsável encaminhou-o, por sua vez, a representantes do Ministério Público, para que também tivessem ciência da pesquisa realizada e verificassem junto às famílias se não haveria problemas relativos à participação dos adolescentes.

3.2 Referencial Teórico Metodológico

Para Minayo (2004, p.22), o termo *metodologia* inclui “[...] as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador”. Para a autora, a metodologia pressupõe a ação criativa do pesquisador, e não apenas a junção e utilização de técnicas.

Optamos pela perspectiva de investigação qualitativa e descritiva, a partir dos estudos de Ludke e André (1986), tendo em vista que o caráter qualitativo da pesquisa implica contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação estudados. Além disso, nesse tipo de investigação, os dados coletados são predominantemente descritivos, o interesse fixa-se no processo e na perspectiva dos participantes e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, no qual o conhecimento é fundamentado especialmente na experiência.

De acordo com Minayo (2004),

as ciências sociais(...) trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21-22).

Neste sentido, a interpretação dos dados coletados transcende a uma tabulação que quantifica as informações, de modo que consideramos os motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos colaboradores e as observações realizadas valorizam as palavras, as imagens e os processos que se dão no decorrer da processo investigativo. É necessário buscar compreender a visão dos participantes sobre o fenômeno em estudo de forma a considerar as experiências e aprendizados do ponto de vista deles.

A forma de interação e relação entre os/as investigadores com seus sujeitos deve ser natural, não invasiva e nem ameaçadora porque, pode-se dizer, um dos principais objetivos da pesquisa qualitativa é o de melhor compreender os comportamentos e experiências humanas (BOGDAN e BILKEN, 1994).

De acordo com os autores e autoras anteriormente citadas(os), o estudo de caso do tipo etnográfico foi considerado como a forma adequada de se estudar e compreender o fenômeno investigado nessa pesquisa, buscando-se a apreensão das suas especificidades. O estudo de caso possibilita uma visão profunda, ampla e integrada de uma unidade social singular e complexa e tem como objetivo revelar os significados atribuídos pelos participantes a uma dada situação, permitindo ao pesquisador retratar e compreender o dinamismo de um determinado fenômeno, levando em conta o seu contexto (ANDRÉ, 2005).

O estudo de caso focaliza, portanto, um fenômeno particular, realizando uma densa e completa descrição da situação investigada. Ele evidencia a complexidade do objeto de investigação, retratando suas inúmeras dimensões. Como afirma André (2005), “espera-se que relações e variáveis desconhecidas emergjam dos estudos de caso, levando a repensar o fenômeno investigado” (p. 18).

Sendo assim, o estudo de caso do tipo etnográfico constitui o conhecimento do singular, de uma unidade em profundidade, levando também em conta os princípios e métodos da etnografia. Os requisitos advindos da etnografia referem-se à relativização e estranhamento da realidade, bem como a observação participante, buscando um distanciamento da realidade investigada para tentar apreender a forma de pensar, hábitos, valores, normas das pessoas envolvidas (ANDRÉ, 2005).

Nesse sentido, optou-se pelo estudo de caso do tipo etnográfico, havendo uma preocupação em estudar em profundidade uma unidade particular, levando em conta o contexto e a complexidade, ou seja, o foco de estudo incide no significado que um grupo específico (os jovens em conflito com a lei que estão cumprindo a medida de Internação) atribui à prática social do lazer. A sua singularidade reside no fato de se

tratar de uma população com algumas especificidades, no tocante ao seu modo de vida, às práticas sociais as quais vivenciam e as implicações do sistema de privação de liberdade.

Vale ressaltar que o estudo de caso do tipo etnográfico apresentou-se apropriado aos objetivos desse estudo, pois as informações advindas dos colaboradores da pesquisa não foram julgadas pela sua veracidade ou falsidade, mas considerando a credibilidade junto ao grupo pesquisado, uma vez que o estudo busca a compreensão do significado do lazer relacionado às práticas sociais dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa de Internação.

Considerando os objetivos da pesquisa, a definição da amostragem foi estabelecida levando-se em conta a afirmação de Minayo (2004):

A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Uma pergunta importante neste item é 'quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?' A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado, em suas múltiplas dimensões (p. 43).

Além disto, torna-se relevante no processo de pesquisa os apontamentos de André (2005):

É preciso que o pesquisador revele muito claramente os critérios em que se baseou para fazer suas escolhas, seja dos sujeitos, seja da unidade de análise e principalmente como selecionou os dados apresentados e descartados(...) Relacionadas a essa existem outras questões éticas que dizem respeito á revelação de dados que podem afetar negativamente a vida ou comprometer o futuro da instituição, pessoa ou programa estudado (p.36).

Diante do exposto por André (2005), optamos por não descrever os colaboradores, bem como apresentar o nome da cidade em que está instalado o centro de Internação, visando preservar os adolescentes, evitando possíveis comprometimentos em relação à imagem desses jovens e do Centro.

Esta pesquisa utilizou como técnicas para coleta de dados a análise documental, entrevista e observação participante das práticas sociais relacionadas ao lazer com registros de imagem capturados por meio de câmera digital.

Na pesquisa documental tivemos como objetivo realizar a leitura de documentos capazes de nos proporcionar dados com qualidade e evitando um possível

constrangimento ao sujeito pesquisado, uma vez que, muitas vezes, existe a dificuldade de obtenção de dados relacionados à vida íntima das pessoas (GIL, 2010).

Segundo Severino (2007), na pesquisa documental é possível fazer uso de diversos tipos de registros, tais como jornais, fotos, filmes, gravações e documentos legais. Entretanto, são documentos que nunca foram utilizados como objeto de análise, cabendo ao pesquisador desenvolver uma primeira investigação à partir deles.

Neste estudo, a leitura das pastas e relatórios de acompanhamento suprem a necessidade de se repetir perguntas relativas ao ato infracional e a características familiares, uma vez que, estes dados já foram coletados nos registros de atendimentos iniciais, e nos relatórios de acompanhamento pode-se identificar a trajetória de vida dos adolescentes entrevistados. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 48), “[...] é a fase da pesquisa realizada com o intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse [...]”. Com essa análise, foi possível identificar os adolescentes que já haviam cometido faltas disciplinares e, por conseguinte, cumprido sanção disciplinar, sofrendo prejuízo nas atividades de lazer.

Outro documento analisado foi o Plano Político Pedagógico (PPP) elaborado pela equipe multiprofissional do Centro. Neste, constam dados relevantes do município relacionados à educação, trabalho, habitação, saúde que pautam as ações do Centro, pois todas estas áreas devem ser consideradas para a sistematização das ações que serão executadas no e pelo Centro, junto as famílias e adolescentes, pois no decorrer do cumprimento da medida socioeducativa, a equipe psicossocial faz um acompanhamento da situação que a família se encontra, bem como orientando a busca em programas assistenciais e de geração de renda.

Na análise do Plano Político Pedagógico foi possível identificar que em relação à família dos adolescentes, a maioria são oriundos de famílias monoparentais femininas, cujos lares são aqueles providos por um único progenitor com vários filhos menores e solteiros. De acordo com a equipe psicossocial do Centro, em muitas famílias, a responsabilidade pelos cuidados dos membros do núcleo familiar, fica a cargo da genitora, onde normalmente esta acumula uma dupla responsabilidade, a de assumir o cuidado da casa e das crianças, juntamente com o sustento material de seus dependentes.

Destarte, devido a pouca instrução formal permanecem à margem da esfera pública, ou, se dela participam o fazem, majoritariamente, na condição de trabalhadoras sem qualificação profissional e sem vínculo empregatício. Desta maneira, com a

remuneração que recebem, não conseguem garantir a subsistência integral da família e são inseridas em projetos de renda do governo.

No que confere às habitações destes adolescentes, normalmente ficam localizadas em região periférica, são construídas geralmente com materiais reaproveitados, madeira, papelão, alvenaria sem reboque, desprovido de todo e qualquer planejamento. Situam-se, em muitos casos, próximas de córregos, Rodovias Dutra, Ayrton Senna e Fernão Dias, sem a posse legal do terreno, assim como total precariedade de serviços públicos, como rede de esgoto, abastecimento de água, iluminação, rede transporte, saúde, educação, etc.

As comunidades carecem de equipamentos que ofereçam lazer, esporte, saúde e cultura, que atendam a todos os moradores da região, por vezes os adolescentes não estão matriculados em escola por falta de vagas na região, somado à falta de espaços públicos destinados ao lazer - só resta o brincar na rua e estar submetido ao aliciamento no mundo do crime.

Quanto aos adolescentes, a idade é de 13 a 20 anos, a escolarização é predominante do Nível II (Ensino Fundamental de 5ª a 8ª Séries) e o tipo de delito que predomina é roubo. Conforme foi possível identificar ao realizar a leitura do Plano Político Pedagógico do Centro e ao ler as pastas e dialogar com a equipe multiprofissional, ficou evidenciado que a maioria dos adolescentes não denota estruturação delitiva, porém o que favorece o seu envolvimento é a falta de oportunidade no mercado de trabalho, ressaltando que para se conseguir uma colocação, é necessária uma formação qualificada, fator que coloca os jovens em condições desfavoráveis.

Depois de analisadas as características do Centro, o perfil dos colaboradores e de suas famílias, foi dado início as demais técnicas para coleta dos dados, as observações da participação dos adolescentes nas práticas sociais e as entrevistas com os mesmos.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a observação é o relato escrito daquilo que o investigador, em um estudo qualitativo, observa atentamente no ambiente da pesquisa, inclusive refletindo sobre os dados coletados. André (2005) compartilha de tal premissa entendendo que no decorrer das observações ou após as mesmas é necessário realizar um registro muito cuidadoso de modo a fornecer uma descrição incontestável que subsidie futuras análises.

As técnicas de observação variam por seu grau de estruturação e pelo grau de proximidade entre o observador e o objeto de sua observação. A observação é uma

técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade e que além de ver e ouvir também examina os fatos e fenômenos que se deseja estudar.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p.180):

As breves indicações registradas ao vivo (...) os relatórios mais exaustivos redigidos em seguida constituem as notas descritivas do observador: devem ser tanto quanto possível neutros e factuais para melhor corresponder à situação.

As autoras ainda afirmam serem possíveis outras notas, chamadas *analíticas*, estas se juntam às *descritivas*. Nesta segunda opção, o pesquisador fala de suas reflexões pessoais compreendendo idéias ou intuições, frequentemente surgidas no decorrer das práticas sociais e registradas sob forma de breves lembretes, o que nem sempre foi possível realizar, dada dinâmica do Centro de Atendimento.

Matta (1978), citado por André e Ludke (1986), afirma que

vestir a capa de etnólogo significa realizar uma dupla tarefa: transformar o exótico no familiar e/ou transformar o familiar em exótico. É uma via de duas mãos, porque exige por um lado que o pesquisador dê inteligibilidade àquilo que não é visível ao olhar superficial e por outro lado, que se despoje de sua posição de classe e de membro de um grupo social para “estranhar” o familiar. (p. 26)

Haja vista o vínculo profissional do pesquisador com o ambiente de pesquisa, esse distanciamento se faz necessário para poder compreender as falas dos adolescentes, buscando uma “neutralidade”, e assim chegar à essência dos discursos dos colaboradores sem julgá-los em certos ou errados, uma vez que o pesquisador está inserido no cotidiano das práticas sociais vivenciadas pelos adolescentes.

Neste sentido, Da Matta (1978, citado por ANDRÉ e LUDKE, 1986), menciona que esse duplo movimento de olhar o familiar como se fosse estranho e de tornar o estranho familiar, tem relação com a metodologia de observação participante que possibilita: aproximação aos sistemas de significados culturais dos sujeitos pesquisados e afastamento tático do pesquisador para refletir e analisar a situação.

Segundo André e Ludke (1986), essa observação é chamada de participante tendo em vista que o pesquisador tem interação com a situação estudada, afetando-a ou

sendo afetado por ela, o que implica uma atenção por parte do pesquisador, para não impor seus pontos de vista, crenças e preconceitos.

Além das observações, foram realizadas entrevistas com os adolescentes. Entendendo a entrevista como uma técnica que permite a interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2010).

De acordo com André e Ludke (1986), quando as entrevistas não são totalmente estruturadas, não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista, permitindo a captação imediata e corrente da informação desejada. Além disso, ressaltam a importância da gravação, deixando o entrevistador livre para prestar toda a atenção ao entrevistado.

Diante dos objetivos da pesquisa, consideramos que a mais adequada para o estudo era a entrevista semi-estruturada, pois pode combinar perguntas abertas e fechadas, onde o colaborador tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O entrevistador tem de estar atento para manter o foco no assunto que é objeto de pesquisa, e se necessário, poderá realizar perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou que recomponham o contexto da entrevista. Considerando o ambiente desta pesquisa, uma vantagem dessa técnica foi a elasticidade quanto à duração, tendo em vista que a sala que era utilizada para a entrevista era a mesma utilizada por profissionais do Centro.

Yin (2005) aponta que a entrevista é um dos instrumentos de coleta de dados mais relevantes para os estudos de caso, considerando que permite ao pesquisador a elaboração e sua condução como se fosse um diálogo, contribuindo para a espontaneidade nas respostas do colaborador.

A escolha desta modalidade se deu porque, como Lakatos e Marconi (2010) apontam, é uma entrevista que permite conhecer o que as pessoas pensam ou o que acreditam ser os fatos, compreender a conduta de alguém por meio de seus sentimentos e anseios e descobrir por que e quais possíveis fatores podem influenciar suas opiniões, sentimentos e conduta.

Depois de realizar os procedimentos para autorização de pesquisa, foi realizado um diálogo individual com cinco adolescentes convidados a participarem deste primeiro momento. A escolha dos colaboradores levou em conta o tempo de internação na instituição e o fato de já terem cumprido alguma sanção por falta disciplinar, pois assim

seria possível ouvir sobre as vivências que tiveram em decorrência do cumprimento da conduta inadequada, ou seja, a restrição de atividades recreativas e de lazer, e a consequente restrição de participação de várias práticas sociais.

Neste diálogo foi explicitado o objetivo da pesquisa, o que era ser pesquisador e o vínculo com um Programa de Pós-Graduação. Foi também explicado o porquê do uso do gravador, deixando claro que a participação do interlocutor não interferiria em sua medida socioeducativa, que não havia obrigatoriedade ou punição, diante de uma possível recusa. Enfatizou-se que sua participação seria voluntária e poderia trazer contribuições. Tais explicações antecederam o ato de convidá-los efetivamente a participar da pesquisa e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Cada um dos adolescentes leu o termo de consentimento livre e esclarecido, sem manifestar qualquer tipo de dúvida.

Considerando que estão em cumprimento de medida socioeducativa e respeitando o requisito ético, não são divulgados os nomes dos participantes. Desta forma, os adolescentes puderam escolher apelidos ou outros nomes, com a condição de que não fossem facilmente identificados pelos demais. Alguns destes jovens escolheram rapidamente, outros disseram que não tinham apelidos. Foi perguntado então, que nome dariam a um filho, se um dia viessem a tê-lo. E assim foram se expressando, sob a observação do pesquisador no sentido de garantir o sigilo e privacidade destes adolescentes.

Depois de dialogar com os adolescentes, o segundo passo foi conversar com os seus respectivos responsáveis. Este procedimento foi realizado em dia de visita e junto aos adolescentes. Quando dialogado com cada familiar, os jovens entrevistados já haviam contado que participariam da pesquisa. Ainda assim, foi explicado quais seriam os procedimentos a serem adotados com eles, explicando que não haveria riscos. Então solicitamos aos responsáveis que lessem o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I) e que, se estivessem de acordo, o assinassem. Foi possível perceber que alguns familiares apresentaram dificuldades com a leitura, mas seus filhos prontamente os ajudaram a ler e compreender o texto. Além disso, o pesquisador estava ali disponível diante deles, pronto para esclarecer as possíveis dúvidas.

Por envolver adolescentes, os termos foram assinados também por seus responsáveis, autorizando que os jovens concedessem entrevistas gravadas, registros de observações em diários de campo, além de imagens para uso exclusivamente acadêmico-científico.

Cada responsável pelos adolescentes envolvidos recebeu uma cópia do termo, onde constavam os dados documentais e o telefone do pesquisador, com quem seria possível dirimir todas as dúvidas a respeito da pesquisa, bem como desistir a qualquer momento.

Os dados coletados através da entrevista foram analisados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo. Esta forma de análise das informações obtidas utiliza procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens. O objetivo da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos presentes na comunicação do interlocutor. Segundo Franco (2007), toda mensagem, falada ou escrita, contém uma grande quantidade de informações sobre a pessoa que a produziu, podendo evidenciar crenças, representações e significados atribuídos pelo sujeito a um determinado fato ou situação. O autor da mensagem é, antes de tudo, um selecionador do que ele fala e/ou produz, e essa relação não é arbitrária. Ao contrário, possui uma lógica que exprime o modo como o interlocutor significa alguns fenômenos.

Após a realização das entrevistas e suas transcrições, os dados foram organizados, lidos e relidos, a fim de que primeiras impressões, conhecimentos e comentários pudessem emergir. No decorrer deste processo, trechos e frases significativas dos adolescentes, diante dos objetivos do estudo, foram selecionados. Posteriormente, a partir das falas expressivas dos participantes, procedeu-se a uma busca pela delimitação dos temas aos quais elas se referiam, definindo as unidades de análise.

Dessa agregação e classificação das falas dos jovens a partir de temas comuns e recorrentes, foram definidos sete focos de análise, os quais, no entanto, reuniam um grupo de temas que guardavam uma analogia entre si, constituindo um marco interpretativo mais amplo. Assim, foram agrupados em três focos de análise: a) concepção de lazer; b) atividades de lazer; c) processos educativos.

O foco *atividades de lazer* desdobra-se em três perspectivas. Serão aí consideradas as atividades de lazer antes da privação, durante o cumprimento da medida e também as realizadas, ou não, durante o cumprimento da sanção disciplinar.

Na análise das unidades relacionadas ao foco de processos educativos, foi possível perceber que tais processos ora se dão nas atividades de lazer em privação, ora são decorrentes da institucionalização.

A seguir é apresentado um quadro síntese com as unidades de significado, temas e focos de análise. Os quadros na íntegra constam no apêndice.

Quadro 07 - Síntese dos Focos de Análise

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<p><i>Para você o que é lazer?</i> Lazer...lazer (pensando) é o momento que você se sente a vontade pra fazer o que você gosta de fazer(...)</p>	Prazer	Concepção de lazer
<p>Você gosta de fazer aquilo sem ficar naquela rotina de deveres, tipo se você precisar sair(...)</p>	Prazer	Concepção de lazer
<p>Quais atividades podem ser de lazer? Esporte, tem outras coisas também, que nem os cursos porque é um alívio é uma distração também, nesse de técnica de pintura que to fazendo, to gostando pra caramba, porque tava no mundão não queria saber dessas coisas, e agora aprendi diversas coisas, até no grafite também.</p>	Lazer	Atividades de lazer
<p>Você aprende alguma coisa com os demais adolescentes? Ah o que eu aprendi foram coisas básicas para se viver no sistema carcerário vamos dizer assim, querendo ou não estou em cárcere, cárcere privado. Então aprendi o básico de convivência entre nós, e com funcionários essas coisas(...)</p>	Aprendizado	Processos educativos
<p>Para você o que é lazer? Lazer pode ser até uma forma de se expressar, tipo um curso pode ser até um lazer também, lazer não é jogar bola, faz parte do lazer também</p>	Lazer	Concepção de lazer
<p>(...) mas diversos cursos que eu tenho aí eu posso tirar como lazer como o hip hop que o que até distrai minha mente até me divirto um pouco</p>	Lazer	Concepção de lazer
<p>Tirar de lógica é o que eu observar e ta aprendendo através daquele negócio, não é só jogar bola é praticar também, é através da observação tirar um aprendizado.</p>	Aprendizado	Processos educativos
<p>(..) por isso que tem que ter uns curso a, uma capoeira, um lazer, jogar um basquete, uma bola, um dominó um ping pong tudo isso faz parte do lazer no meu ponto de vista, a pintura também isso daí tudo pra mim é uma forma de lazer (...) <i>(relatando sobre a ocupação do tempo disponível durante a internação)</i></p>	Lazer	Atividades de lazer
<p>Hip hop, tens uns ainda que não tão desempenhado, não ta bom ainda, vou lá dou uma força pra ele, pra ele aprender comigo, como que eu vo aprender com ele também, se eu não souber ele vai me ensinar se eu também não sabe ele vai me ensinar(...)relatando sobre como um pode ensinar o outro no decorrer das atividades de hip hop).</p>	Aprendizado	Processos educativos

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Aproximar-se do assistido, encontrando nele uma criatura humana, tão humano e tão digna de estima quanto os nossos entes mais caros.

Em tempo algum, agir sobrepondo instruções profissionais aos princípios da caridade genuína.

Amparar sem alardear superioridade.

Compreender que todos somos necessitados dessa ou daquela espécie, perante Deus e diante uns dos outros.

Colocar-nos na situação difícil de quem recebe socorro.

Dar atenção à fala dos companheiros em privação, ouvindo-os com afetuosa paciência, sem fazer simultaneamente outra coisa sem interrompê-los com indagações descabidas.

Calar toda observação desapiedada ou deprimente diante dos que sofrem, tanto quanto sabemos silenciar sarcasmo e azedume junto das criaturas amadas.

Nunca subordinar a prestação de serviço ou benefício à aceitação dos pontos de vista que nos sejam pessoais.

Chico Xavier

Com os dados que emergiram do levantamento documental, observações, entrevistas e registros de imagens, procurou-se responder à questão de pesquisa: Como os adolescentes se educam nas vivências de lazer dentro do contexto da privação de liberdade de um Centro de Internação?

A partir dos objetivos específicos estabelecidos - descrever as práticas sociais relacionadas ao lazer existentes no contexto da privação de liberdade; identificar e descrever como os adolescentes se educam por meio das vivências de lazer; identificar a compreensão dos adolescentes sobre o lazer e sobre o cumprimento de sanção e propor encaminhamentos que possam proporcionar processos educativos no cumprimento das sanções, foram delineados três focos de análise: 1) Concepção de lazer; 2) atividades de lazer; 3) processos educativos.

4.1. Concepção de Lazer

Nas entrevistas com os adolescentes os termos prazer, diversão, distração e entretenimento, estiveram presentes e foram agrupadas no foco de análise denominado *concepção de lazer* que inclui relatos relacionados à compreensão de lazer em ambiente externo e interno do Centro de Atendimento Socioeducativo.

No discurso dos adolescentes, a partir das entrevistas, o tema do lazer esteve constantemente relacionado ao prazer e autonomia para realizar atividades que lhe são interessantes e que geram prazer. Essa análise contribui na compreensão das concepções dos participantes acerca do lazer, considerando a influência do contexto de privação.

Quando questionados sobre o que seria lazer os adolescentes entrevistados não respondiam com prontidão, mas pensavam e tentavam organizar mentalmente as falas, demonstrando que queriam responder algo elaborado, que fosse diferente do que os outros poderiam responder.

Como apresentando no Capítulo 2, o lazer é um tema que apresenta diversidade de concepções entre os estudiosos do tema. Nesse sentido, buscaremos atrelar as falas dos adolescentes a uma das tendências do lazer confrontando os aspectos que se assemelham.

Assim como Almeida (2005), consideramos que é possível que exista lazer mesmo em privação de liberdade, superando a visão dualista trabalho-lazer, pois nesta posição, o privado de liberdade e do trabalho também não teria lazer. O lazer não é

somente aquele realizado quando você está livre das suas obrigações, conforme aponta Dumazedier:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou, ainda, para desenvolver sua informação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (1973, p.34).

Não podemos considerar esta fundamentação como pressuposto, pois os adolescentes encontram-se privados do direito de ir e vir. Além deste direito restrito, existem inúmeras obrigações, que vão desde o arrumar o quarto ao cumprimento de sua agenda multiprofissional¹⁵, que por vezes, deixam de cumprir parte dela.

Ainda problematizando o contexto da privação com o lazer e suas características, também não poderíamos considerar na íntegra o que Marcelino (2010) compreende como lazer:

como a cultura – *compreendida no seu sentido mais amplo* – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente”, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “*disponibilidade de tempo*” significa possibilidade e opção pela atividade prática ou contemplativa (2010, p.29).

O tempo disponível mencionado pelo autor, em parte existe mesmo na privação, o adolescente possui o momento que pode não fazer nada, sendo possível o ócio como vivência para ocupação do tempo. De acordo com Marcellino (2010), seria o não uso do tempo em atividades a possibilidade de contemplação. Mas, no decorrer das observações poucos adolescentes optam por não fazer nada, talvez por esta opção estar mais relacionada ainda que no senso comum ao descanso do trabalho (capital), prática social inexistente para esse público, e ainda sugere a categoria recreativa para ser um meio termo entre o lazer e o trabalho, sendo as atividades de lazer em privação como atividades recreativas.

O lazer e a privação de liberdade se analisado de modo superficial expõem-se em contrapostos, pois o lazer para o senso comum está atrelado ao divertimento, e assim suscitando-o como oposto as imagens veiculadas pelas mídias, no qual aparecem os motins, tumultos e rebeliões, e segundo Almeida e Gutierrez (2002), onde assistimos a prostituição, o lixo humano e a degradação social.

¹⁵ Agenda que contem todas as atividades que o adolescente participa, sendo composta por todas as áreas, saúde, pedagógica, psicossocial e segurança.

Para os adolescentes entrevistados, o lazer é realizado no momento em que você tem vontade, e não tem obrigação e se quiser parar você tem essa liberdade.

é o momento que você se sente a vontade pra fazer o que você gosta de fazer, não tem aquela atividade que você tem que caracterizar ali, sem ter que fazer aquilo, ao mesmo tempo, você gosta de fazer aquilo sem ficar naquela rotina de deveres, tipo se você precisar sair você pode. Lazer é uma distração, como o futebol, algo que você se sinte bem (NOEL).

Esta resposta passa por diversas concepções, pois remete a não obrigatoriedade, tendo em vista a distração e o prazer quando se realiza uma atividade e se sente bem.

As observações realizadas durante as vivências dos adolescentes nas diversas práticas sociais, nos possibilitam outros olhares e entendimentos diferentes dos encontrados por Almeida (2005), que associa e reduz o lazer às regras intramuros, aos códigos internos, à concentração de poder provocando um afastamento da idéia de lazer voltado à transformação social e à reabilitação.

O lazer é entendido pela busca do prazer, que pode ou não ser consumado, pensando o agente como histórico e dotado de razão, que segue suas vontades, seus símbolos e padrões culturais, ou suas ações restritas às sanções e normas sociais (GUTIERREZ, 2001a).

Pra mim lazer é estar bem de vida. O lazer pra mim também é estar bem com sua vida, poder fazer as coisas que vocês quiser, e de vida e de saúde primeiramente, e diversas coisas né, esporte principalmente... (pensando e sorrindo) lazer pra mim também é estar bem com minha família, bem com meus pessoal né, minha namorada também, e diversas coisas (Emanuel).

Neste trecho identificamos a atitude quando o adolescente menciona poder fazer as coisas que quiser, aliadas à busca da qualidade de vida relacionando ao interesse físico, pois diz que futebol é uma das opções de lazer.

Já para Joãozinho, o lazer está relacionado a forma de se expressar e não está restrita as atividades esportivas, mas é possível identificar a restrição ao interesse físico.

Lazer pode ser até uma forma de se expressar, tipo um curso pode ser até um lazer também, lazer não é jogar bola, faz parte do lazer também mas diversos cursos que eu tenho ai eu posso tirar como lazer (Joãozinho).

Para este adolescente as vivências do lazer têm como objetivo distraí-lo, para que não fique apenas pensando sobre a situação em que se encontra, a privação de liberdade.

como o hip hop o que até distrai minha mente até me divirto um pouco além de eu estar preso, eu tiro minha mente daqui um pouco, porque é o seguinte, quando ta sem fazer nada assim a mente pesa até a cadeia pesa, por isso que tem que ter uns curso, uma capoeira, um lazer, jogar um basquete, uma bola, um dominó um ping pong tudo isso faz parte do lazer no meu ponto de vista, a pintura também isso daí tudo pra mim é uma forma de lazer, que é o que, até é da hora memo distrai a mente tira um pouco a mente daqui e você tipo viaja naquele negócio que você tá fazendo e se, se apega você gosta de fazer aquilo e igual eu gosto de fazer graffit eu gosto de pintar, to aprendendo a colocar piso também, pra mim já é uma grande coisa porque eu não sabia fazer nada meu negocio era droga pá, o momento que eu to passando aqui não é um lazer (sorriso singelo), mas ai tem certas horas também que pra tirar a mente desse lugar tem que se entreter em diversas atividades é isso pra mim o que é lazer (Joãozinho).

Considerando o discurso do Joãozinho, podemos identificar que não encara a situação de privação de liberdade como um momento de lazer, isto é positivo, pois reflete que tem consciência do ato infracional e de que a privação não é o melhor lugar para passar parte da adolescência.

A concepção de lazer que o adolescente nos remete, a funcionalista, mas talvez surja uma nova categoria diferente das que já foram apresentadas como a moralista, a romântica, a utilitarista e a compensatória que apesar de aproximar-se tem sua relação

com a compensação do trabalho sua insatisfação e a alienação decorrente o que não nos permite associá-la neste contexto, além do que não faz parte da missão da instituição mascarar a verdadeira intenção e alienar o adolescente, mas propiciar momentos de reflexão sobre seus atos e não organiza isto por meio de atividades de lazer.

Marcellino (2010) faz uma consideração que nos possibilita a análise ao contexto da instituição pesquisada, reforçando que não podemos pensar somente no caráter funcionalista do lazer em privação.

Não consigo entender o lazer como simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais. Talvez, por esse motivo, a visão funcionalista do lazer o opõe ao ócio. Tira-se com isso a possibilidade de parar para pensar, que significa a oportunidade do encontro consigo próprio, com a realidade social, com o conflito (MARCELLINO, p.36).

O lazer de acordo com os entrevistados e observações realizadas em privação não é para superar as injustiças sociais, mas um momento de não entrar em conflito consigo mesmo por tudo que fez de errado. Mas, verificamos que a intenção da instituição é oposta a esta compreensão dos adolescentes, visto que direciona as ações dos adolescentes para a reflexão de suas condutas antes, durante e após o cumprimento da medida socioeducativa de internação. Vale-se de atendimentos psicossociais, grupos temáticos, atendimentos pedagógicos e discussões de caso para orientar o adolescente sobre seu andamento, estimulando-o a ser protagonista de sua trajetória de vida.

No discurso de Otávio verificamos parte de sua compreensão de lazer pode ser relacionada como a questão do tempo e atitude.

Lazer, lazer é poder viver solto, jogar uma bola, distrair a mente, no sábado ou domingo sair com a família, ah tem vários tipos de coisa também que eu posso fazer também através do lazer é distrair é poder pular ficar feliz, porque hoje em dia o lazer que eu tenho é pensar e pensar, mas também se for por na balança até pra se raciocinar e ver o que eu fiz também (relacionando ao seu ato infracional). Mas lazer. lazer na que to tendo mais não porque é difícil eu jogar uma bola distrair a mente mais de vez em quando eu tento ter um lazer sim (Otávio).

Ah aonde que eu posso passar a melhor parte do tempo, e conseguir tirar um pouco a mente desse lugar (Flamengo)

O “distrair a mente” ou “tirar um pouco a mente desse lugar” é fugir do ato infracional, mas isso não o deixa livre de pensar e refletir sobre seu ato infracional. O que podemos compreender é que momentos como estes se fazem necessários, tendo em vista que o adolescente não poderia pensar e refletir sobre seu ato em tempo integral, pois estaria suscetível a desencadear doenças de ordem psicológica e até mesmo a ideação suicida, fruto de reflexões dos gestores do Centro de Internação considerando ser uma das possíveis ações destes jovens.

Para distrair, divertir e ter prazer existem diversas práticas sociais que os adolescentes significam como atividades de lazer, conforme apresentado no foco de análise que segue.

4.2. Atividades de lazer

Com base nos diferentes tipos de dados coletados, esse foco de análise desdobra-se em três perspectivas: as atividades de lazer anteriores à privação de liberdade, durante o cumprimento da medida de internação, e também as realizadas, ou não, durante o cumprimento da sanção disciplinar.

As expressões mais recorrentes neste foco de análise foram as práticas de esportes, jogos e brincadeiras, passeios que vivenciaram antes e durante a privação, tais como: futebol, ping pong (tênis de mesa), elementos da cultura hip-hop (break, grafite, Dj e o Mc), passeios com amigos a bares, praças e shows que variam de rock a funk, considerando os estilos apreciados pelos adolescentes.

Eu gosto exercícios, de jogar bola, essas coisas, dá pra distrair a mente né, coisas que são cortadas também que poderiam ajudar também igual que eu pedi também pro senhor o livro, e ajuda também a distrair a mente (Noel).

Dentre os sujeitos, este foi o único que mencionou o livro como uma atividade de lazer, variando então, para o interesse intelectual. Mas mesmo assim, o objetivo retoma ao distrair a mente esquecer por alguns minutos a privação de liberdade.

Um dos aspectos que contribui efetivamente para o distanciamento entre adolescentes e o hábito de ler é a dificuldade decorrente do abandono escolar. Segundo Dias (2011), as experiências escolares dos jovens em conflito com a lei são marcadas por constantes mudanças de escolas, expulsões, conflitos com professores e colegas, discriminação, rotulação e violação dos direitos individuais. Esse fator contribui para a pouca diversidade dos interesses culturais do lazer desses adolescentes. Os interesses práticos vinculados ao esporte também foram constantemente citados e quando questionados sobre as atividades de lazer antes e em privação os adolescentes enfatizaram o conteúdo esportivo.

Aqui dentro, futebol, basquete, e quando eu tava lá no mundão mesmo eu já fiz natação também, o esporte que eu mais gosto é futebol é natação... Tem outras coisas também, que nem os cursos porque é um alívio é uma distração também, nesse de técnica de pintura que to fazendo, to gostando pra caramba, porque tava no mundão não queria saber dessas coisas, e agora aprendi diversas coisas, até no grafite também (Emanuel).

Ler um livro, deixa eu ver, depende muito da hora, tem vez que futebol aqui mesmo tem ping pong (Noel).

Ah o hih hop, é capoeira, e mais outros curso ai também, Pintura em madeira é colocação de piso... a educação física também... Ah tem vôlei, futsal, basquete e handebol....ping pong também (Flamengo).

Quando perguntado ao adolescente como ele identificava uma atividade de lazer a resposta foi:

Porque você num vai tá, tipo no lazer você não vai ta com a mente voltada só pro negócio é a cadeia certo? Ai da pra diferenciar que é o seguinte, na pintura é lógico que é o lazer porque se tando parado pintando sua mente vai fugir daqui rápido, jogando bola também nós é o que você vai ta fazendo exercício, correndo se mexendo (Joãozinho).

Os interesses manuais e físicos estão presentes nos discursos anteriores. Vale ressaltar que a limitação no acesso aos interesses também está relacionada às limitações que a instituição tem quanto aos materiais disponibilizados para atividades.

As práticas esportivas são desenvolvidas com o analista técnico/ professor de educação física e todos os adolescentes têm direito a no mínimo três horas semanais, mesmo alguns não gostando de praticar atividades físicas.

Um dos adolescentes antes da internação praticava natação em um equipamento do município, mas em situação de privação perdeu esta possibilidade uma vez que a Instituição não possui espaço para a prática da natação, ainda que a modalidade conste nas olimpíadas da fundação CASA.

Os elementos da cultura hip hop, bem como a capoeira são ministrados por parceiros vinculados ao Centro de Educação e Assessoria Popular – CEDAP de modo a assegurar o acesso às atividades culturais a todos os adolescentes. No Centro, no momento da pesquisa havia as linguagens de Break, Grafite e Capoeira, além de todos Workshops de fotografia, decoupage, máscaras africanas, entre outros.

Outra prática diferenciada e impossível de realizar em privação é a que Otávio vivenciava com sua família.

Tudo, jogava uma bola, vídeo game, final de semana ia pro campo pesca, tudo isso era meu lazer (Otavio).

A pesca é uma prática que entra nas limitações da instituição, as demais apresentadas pelo adolescente já foram contempladas. No decorrer das observações foi possível identificar que estes jogavam games no período de férias escolares nos computadores disponibilizados para o curso de educação profissional de informática, assemelhando aos games que jogava antes da privação.

Ah! Não igual era antes né, mas algum momento tem o lazer sim, que é distrair jogando uma bola, conversando com o próximo, porque tem dia memo que pra ta com a mente boa é difícil memo, mas o lazer que eu queria mesmo era ta com a minha família (Otávio).

O adolescente aponta para a dificuldade que é cumprir medida de internação, sendo possível identificarmos que a distância da família é um agravante. Além disto,

outro interesse cultural aparece neste trecho, o “conversando com o próximo” enquadra-se principalmente no social, de acordo com Marcellino (2010) essas definições se dão em nível e predominância, pois todos os interesses estão interligados, ou seja, uma atividade de física-esportiva enquadra-se também numa atividade social.

Ao analisar as vivências de lazer anterior a privação, constatamos que não tinham como prática a realização de atividades opostas às permitidas pelas regras sociais, tendo em vista as identificadas nos discursos, a pesca, a natação, os bailes funk entre outros, como podemos ver a seguir.

Ah, geralmente o eu saía pra algum barzinho, um som tipo, aqui eles falam baile eu ia pra outro role, então pá ia pra um show, barzinho, alguma praça (Noel).

Quando o adolescente diz “tipo, aqui eles falam baile”, não se enquadra no mesmo patamar dos demais, pelo menos não no nível cultural, sendo este também o adolescente que tem como opção de lazer a leitura de livro mesmo quando em cumprimento de sanção disciplinar.

Todos os adolescentes entrevistados, já haviam cumprido sanção disciplinar por terem cometido faltas disciplinares. Como sanção ficavam privados das atividades de lazer, que de acordo com a visão da instituição é toda atividade realizada sem orientação profissional.

Quando em cumprimento de sanção disciplinar os adolescentes deveriam realizar atividades que remetessem a uma reflexão sobre a conduta indevida, mas nem sempre é o que acontecia, como podemos verificar nos discursos a seguir.

Praticamente nada. A gente se distraía entre nós mesmo, tipo normal, entre nós, conversando (Noel).

A restrição na participação de atividades como punição decorrente da análise feita pela Comissão de Avaliação Disciplinar (CAD), de acordo com o Regimento Interno implicaria somente em atividades de lazer e mesmo nos dormitórios os adolescentes, considerando o mesmo Regimento Interno deveriam desenvolver atividades que visassem a reflexão sobre suas ações, entretanto, esta prática não foi observada e quando questionados sobre o que faziam responderam.

Ah! Na primeira vez eu fiquei eu acho que nem pensei muito, porque se tivesse aprendido não tinha feito a segunda certo, mas deixa eu falar pro senhor também. Dessa última vez que fiquei de sanção que foi a dez dias, que vim a desrespeitar funcionário, até mesmo a técnica, também acho que fiquei pensando muito assim, se eu tivesse no lugar dela, se fosse a minha família que tivesse aqui trabalhando pra sustentar a minha família também, acho que fiquei arrasado também lá no quarto no barraco lá, dessa última agora que nós fico por causa do tumulto na Casa que teve ai com os funcionários, ai eu parei pra pensar mais um pouco e to até mais bem agora porque eu penso cada vez que faz bagunça pode ficar mais tempo preso ai, ai eu penso agora em primeiro lugar em mim, mas depois não tem como eu penso na minha família também penso em tudo que eu já fiz (Emanuel).

Ah eu memo vou falar pro senhor, tinha uns menino que ficava falando das histórias do mundão, mas eu durmo na cama de cima pro lado da rua, ai fiquei deitado refletindo no que eu fiz pra ta aqui ,fico refletindo mais na minha vida sabe o que q eu fiz de errado lá, o que me dói mais ainda é quando eu lembro como eu tava bem lá fora, e agora que sei o que fiz pra ta aqui é que não tem como, quando eu fico no barraco até conversei com minha técnica que eu choro mesmo pra desabafar (Emanuel).

Tendo em vista que no trecho do discurso do Emanuel, mais de um adolescente estava envolvido na falta disciplinar, permaneceram no mesmo dormitório e tinham o diálogo e a reflexão como passa tempo. Em parte pode-se dizer que Emanuel refletiu sobre a sua conduta quando menciona o colocar-se no lugar da técnica que fazia seu atendimento.

Na primeira uns cinco dias, na segunda uns um mês e na terceira uns dois dia, na última uns dois meses (Flamengo).

Na verdade trancado a maior parte do tempo né, só descia pro formal e depois subia de novo, porque teve um tumulto na unidade e acabou alguns lugares sendo danificado ai num deu pra nós ficar la e utilizar as salas (Flamengo).

Algumas vezes levavam atividade pra nós, uns caça palavra, algumas atividade pra nós pintar, tem vez que bate a rebeldia né, mas as vezes era bom pra distrair a mente (Flamengo).

O adolescente Flamengo foi um dos que mais cumpriu sanção, considerando que tem múltiplas internações, ou seja, esteve mais de uma vez internado e também cometera falta disciplinar nas passagens anteriores.

Quando menciona que descia para o “formal” refere-se às atividades escolares, por serem obrigatórias, e só não realizava as demais, pois o prédio estava sem estrutura física devido a destruição causada por rebelião. Nesse sentido, além das tarefas que fazia na escola, os agentes educacionais levavam atividades com um único objetivo de passar o tempo no dormitório.

Em outro momento Joãozinho relata como foi o cumprimento de sanção.

Ah eu vim pros curso que é colocação de piso e azulejo, ah técnica de pintura de caixinha lá, no hip hop também, ah também eu comecei o que a da um pouco de valor, porque é ruim ficar na tranca só tranca ai deram oportunidade pra eu ta descendo estudando (Joãozinho).

Ah eu ficava pensando, levava os pensamento nas altura, falando com Deus também porque, mas na primeira tranca eu falei, vou sair mol revoltado não queria saber de mais nada com nada, ai depois que eu parei pra pensar memo, pra perceber ta ligado, falei não, vou ficar firmão, comecei a pedir a Deus ai pra me ajudar a melhorar me da um incentivo de melhora, entendeu, eu vou ficar firmão, se acha que agora eu vou fazer por onde pra ficar trancado, eu não vou fazer por onde é o que ficar no convívio ae trocando umas idéia da hora assistindo uma televisão ou me entretendo com outros negócio (Joãozinho).

Na verdade, a equipe não deu um incentivo ao adolescente quando o deixou descer para as atividades, mas apenas cumpriu com o Regimento Interno, que assegura que mesmo em cumprimento de sanção as atividades pedagógicas devem ser asseguradas.

4.3. Processos Educativos

Neste foco de análise foi possível perceber que os processos educativos podem decorrer das atividades de lazer em privação, como da própria institucionalização. Sendo assim, serão apresentados os aprendizados relativos destas duas perspectivas, relacionando aos dados da entrevista.

Os adolescentes participavam de várias práticas sociais, como já mencionadas, mas ao analisar os discursos, as que mais se evidenciam são as promovidas pelas Gerências: de Arte e Cultura, de Educação Física e Esporte; e de Educação Profissional.

Ah, o hip hop mesmo que é tudo junto, Dj, é ensino, é dança é tudo junto grafite num só, é tipo muitos movimentos dentro da dança se aprende que tem um que ele roda de cabeça que significa o helicóptero numa guerra que o helicóptero passava e matava jogava bombas levava uma par de gente, então você aprende com uma coisa que muitos acha que é besta porque é uma dança, você aprende coisas que são vindo passadas de muito tempo pra cá e ninguém nem imaginava o conteúdo que tem no meio daquilo (Noel).

Muitas destas vivências, este adolescente não tinha antes de estar nesta situação, e este aspecto até pode ter contribuído para o cometimento de prática delitiva, tendo em vista a falta de vivências de lazer em seu tempo livre da escola e demais obrigações. Vale ressaltar que não se trata de uma visão romântica e de que o lazer seria a prática social mais significativa nesta ou noutras fases da vida, mas não podemos desconsiderar que a carência de equipamentos e de educação para o lazer podem contribuir.

Nessas práticas, os adolescentes desenvolvem o relacionamento interpessoal, aprendem-uns-com-os-outros e esquecem ainda que momentaneamente, as relações de poder tão presentes no contexto. O adolescente Noel quando questionado como é a relação entre os adolescente durante a aula respondeu:

Normal, professor ensina, todo mundo para pra prestar atenção, normal tranquilo. Tipo o professor tem paciência pra ensinar, e nós que estamos lá

quer aprender, então nós para e presta atenção nos movimentos em tudo isso ai. tipo quando um tem dificuldade ai vai lá e pára o outro que está do lado ajuda que pegou mais fácil ajuda (Noel).

Podemos pensar em alguns conceitos que podem ser relacionados à passagem acima, por exemplo, humildade, respeito, paciência, tolerância, alteridade, talvez estes conceitos não faziam parte do cotidiano destes adolescentes, mas a vivência e a situação de privação e liberdade despertou por necessidade de convivência.

Ainda sobre os aprendizados relativos às manifestações culturais, podemos perceber que eles aprendem para além da prática, mas também os conceitos que dizem respeito aos movimentos, ao contexto em que foram criados.

Tem, cultura, tem de muito tempo atrás, alguma coisa que tipo ali naquele momento de dança ele se assimila como um helicóptero, então tipo se você for parar pra ver, os outros tem diversos ele (o arte-educador) fala que todos tem um significado, o que eu lembro de mente agora é essa, né mais todo tem um significado, capoeira também que era usado pelos negros como dança, mas na verdade é uma arte de luta escondido na dança, então tem diversos contextos escondido num negócio básico (Noel).

Nessas práticas se misturam a dança, a luta, a arte, a estética tudo está entrelaçado e o adolescente consegue captar e aprender contextos históricos por meio das manifestações culturais. Talvez este seja um dos caminhos para a superação das dificuldades encontradas na área escolar, que em momento algum foi mencionada nem como prática prazerosa nem como possível de se aprender algo.

Nas atividades de Educação profissional, apesar de todo adolescente ter o direito e também o dever de participar de educação profissional, muitos destes não encaram como possibilidades de emprego, mas como atividades de lazer.

Consegui aprender, até naquele curso de tear eu aprendi, até pedi pra minha mãe comprar a madeirinha e a agulha, porque eu aprendi a fazer a touca e cachecol e tapete também e quero fazer no mundão (Emanuel).

O adolescente demonstrou interesse em realizar a atividade mesmo quando da mudança de medida, e posteriormente, disse que seria para presentear e para uso próprio, não demonstrando possibilidade desta gerar renda, valendo-se da atividade artesanal.

Ah, estar bem comigo mesmo? Primeiramente no dia a dia, ai né mano, é algumas coisas que eu tenho que enxergando no meu dia a dia, que tenho que tá me colocando no meu lugar (Emanuel).

Nesse foco pudemos verificar os processos educativos latentes das atividades de lazer, bem como os decorrentes da convivência entre adolescentes, adolescentes e servidores, e adolescentes e família, e família e funcionários havendo predominância dos processos educativos oriundos das atividades consideradas como de lazer pelos adolescentes entrevistados.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os motivos para festas dignas são respeitáveis; entretanto, a caridade é a mais elevada de todas as razões para qualquer festa digna.

Mesmo que não possa comparecer numa festa de caridade não deixe de prestar a sua contribuição.

Festejar dignamente, em torno da fraternidade humana, para ajudar o próximo, é uma das mais belas formas de auxílio.

Conduza o empreendimento festivo, sob a sua responsabilidade, para o melhor proveito, em matéria de educação e solidariedade, que sempre se pode extrair do convívio social.

Aprendamos a não criticar a alegria dos outros.

Chico Xavier

Figura 42: Compartilhando o alimento na formatura da Educação Profissional Fonte: Lazaretti, 2011.

A questão norteadora desta investigação está assim definida: como as práticas sociais relacionadas as vivências de lazer dentro do contexto da privação de liberdade de um Centro de Internação podem contribuir com a educação dos adolescentes? Com base na questão norteadora foi traçado o objetivo geral: compreender os processos educativos decorrentes da prática social do lazer para a educação de adolescentes em situação de privação de liberdade e identificar os processos educativos que estes adolescentes são submetidos quando privados da participação nas atividades. Este objetivo geral desdobrou-se em outros três específicos.

1. Descrever as práticas sociais relacionadas ao lazer, existentes no contexto da privação de liberdade.

Antes da descrição das práticas sociais relacionadas ao lazer, foram identificadas as práticas que o Centro de Atendimento possui, para posteriormente diante dos relatos dos adolescentes, estabelecermos relação com o tema do lazer.

Para tanto, iniciamos verificando os direitos dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação, realizando uma análise do artigo 124 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2008):

- I. Entrevistar-se pessoalmente com o representante do Ministério Público;
- II. Peticionar diretamente a qualquer autoridade;
- III. Avistar-se reservadamente com seu defensor;
- IV. Ser informado de sua situação processual, sempre que solicitada;
- V. Ser tratado com respeito e dignidade;
- VI. Permanecer internado na mesma localidade ou naquela mais próxima ao domicílio de seus pais ou responsável;
- VII. Receber visitas, ao menos, semanalmente;
- VIII. Corresponder-se com seus familiares e amigos;
- IX. Ter acesso aos objetos necessários à higiene e asseio pessoal;
- X. Habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade;
- XI. Receber escolarização e profissionalização;**
- XII. Realizar atividades culturais, esportivas e de lazer;**
- XIII. Ter acesso aos meios de comunicação social;**

- XIV. Receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje;**
- XV. Manter posse de seus objetos pessoais e dispor de local seguro para guardá-los, recebendo comprovante daqueles porventura depositados em poder da entidade;
- XVI. Receber, quando de sua desinternação, os documentos pessoais indispensáveis à vida em sociedade;

Dentre os direitos, destacamos o de receber escolarização e profissionalização; realizar atividades culturais, esportivas e de lazer; ter acesso aos meios de comunicação social e receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje.

Para tanto, consideramos que as práticas sociais em privação se dão num contexto complexo, pois envolvem interação entre os envolvidos (adolescentes x adolescentes, adolescentes x funcionários, funcionário x família, adolescentes x família) e deles com o ambiente que por longo período de tempo foi hostil e repressivo. Além disso os adolescentes estão restritos do direito de ir e vir, o que é um fator agravante nestas relações, que transmitem valores, significados e que ensinam a viver e a controlar o viver.

A interação pode iniciar quando o adolescente chega ao Centro, o poder não significa que efetivamente aconteça um processo interativo, pois consideramos que deva haver a intenção de ambas as partes, haja vista que o simples contato físico não é suficiente para fazer delas interações sociais, devendo ser analisado como se dá a relação e o ambiente em que os sujeitos estão inseridos, ou seja, como será o acolhimento feito pelos profissionais.

Esta primeira interação, chamada pela instituição de recepção, se bem realizada, em muito poderá contribuir para as demais relações entre servidores e adolescente, tendo em vista que tanto o adolescente quanto os profissionais que o acolheu estarão em sintonia e juntos poderão contribuir e colaborar nas implicações que surgem no cotidiano da trajetória do adolescente. O adolescente cria um vínculo com um ou mais profissionais e essa ação permite que resolva seus problemas e suas angústias através do diálogo, pois o vínculo estabelece uma relação de confiança e o adolescente, bem como o profissional sente-se seguro para expor os seus pensamentos e reflexões, com o objetivo de contribuir na vida do jovem.

As atividades que os adolescentes podem e/ou devem participar, bem como a compreensão destes sobre o conceito de lazer já foram descritas anteriormente. Sendo

assim, podemos identificar que os adolescentes significam o lazer como momento de interação com os demais adolescentes, educadores e profissionais parceiros, tendo como objetivo vivenciar algumas manifestações da cultura corporal, o aprendizado de novas habilidades que poderão subsidiar seu engajamento no mercado de trabalho, além de não pensar apenas na própria condição de privado de liberdade.

Pensando nestas possibilidades de lazer, podemos compreender que esta prática social apresenta inúmeros processos educativos que se relacionam, pois as atividades de Educação Profissional, de Arte e Cultura, de Educação Física e Escolares se dão no mesmo contexto, mas o modo como cada um dos adolescentes significa estas atividades é peculiar, tendo os que apresentam afinidades com elementos da cultura local de onde vieram, e outros que demonstram maior interesse em aprender outras manifestações da cultura.

Identificamos que os adolescentes compreendem como atividades de lazer o break e o grafite que fazem parte da cultura Hip-Hop, e conforme Castells (2000), esta vivência pode ser encarada como movimento de resistência, que tem origem com pessoas que se encontram em condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas, formando espaços de resistência baseados em valores diferentes ou opostos aos da sociedade.

As práticas sociais como o break e o grafite estão fortemente atrelados com a definição utilizada, visto que as "falas", apresentadas pelos participantes do movimento de *hip-hop*, e as roupas, discursos, linguagem corporal, podem ser entendidas como um "estilo de vida", indicador de uma individualidade e, ao mesmo tempo, de pertencimento a um grupo (STOPPA, 2005).

As falas que representam o pertencimento a um grupo se fazem presentes nesse contexto, mesmo os adolescentes que chegam ao Centro que não tem por hábito se expressar utilizando gírias, acabam aprendendo diante da necessidade da comunicação com os demais, mas como também são orientados a não falar com os profissionais utilizando gírias, conseguem estabelecer uma linguagem paralela, no caso a norma padrão é paralela a linguagem que faz parte de sua cultura.

No tocante as falas, no decorrer das entrevistas, expressões como "senhor", "mano" e outras gírias e falas foram comuns. Podemos refletir que os adolescentes que ao remeterem o discurso a mim chamando de "senhor", assumiam uma postura de distanciamento do entrevistador ou de real institucionalização, pois estavam cumprindo as normas que foram passadas a ele ainda durante a internação provisória, local onde as regras são mais rígidas. Já os adolescentes que se expressaram chamando o

entrevistador de “mano” ou algo do gênero, pode ser que tenham apresentado uma relação de proximidade, como se um vínculo tivesse sido criado, facilitando os modos de expressão, pois estavam mais a vontade para discursar, e não apresentavam receio de errar durante as falas.

Ainda na seara de manifestações corporais e culturais, a capoeira também foi identificada nos discursos como uma das práticas de lazer, como sendo um momento em que conseguem pensar em outras coisas, que não somente a privação, ou seja, tem seu caráter utilitarista do ponto de vista da maioria dos autores, embora não se possa ignorar o “lazer prisionizado” desses jovens, tendo em vista que estão em situação de privação de liberdade, e as características peculiares do contexto.

Pensar o lazer prisionizado, é transcender seu caráter utilitarista, mas é significar as atividades considerando a especificidade do local aonde estão inseridos, sendo necessário refletir sobre as condições de lazer que é ofertada a este público.

Além das atividades culturais, as de educação profissional foram caracterizadas como atividades de lazer, por gerarem interação entre adolescentes e educadores, por poderem experienciar situações distintas das que estavam habituados antes da privação, e também em alguns casos pela aproximação da atividade laboral desenvolvida pelos familiares.

Alguns destes adolescente mencionaram que já haviam desenvolvido atividades profissionais com seus parentes, caracterizando-as como momento de lazer antes da privação, não nos cabe interpretar e definir como certo ou errado, mas podemos refletir que grande parte das atividades que realizaram antes da internação, os jovens consideram como momentos bons, afinal estavam gozando de sua liberdade.

As atividades físicas e esportivas foram mencionadas, sendo enfatizadas o futsal, tênis de mesa, voleibol e basquete. Ao analisar os possíveis motivos desta restrição, deparamos com a restrição do próprio planejamento do profissional de educação física e a limitação dos materiais disponíveis para utilizar nos momentos de aula, aspectos que restringem a diversidade de conteúdos esportivos.

Sendo assim as atividades de lazer, podem ser todas as que possibilitam formas de expressão dos jovens, sejam artísticas, corporais ou sociais, e que não encarem com certa obrigatoriedade, como por exemplo a escola, o ensino formal que é visto pela maioria dos adolescentes como uma atividade obrigatória e desprazerosa.

2. *Identificar e descrever como os adolescentes aprendem por meio das vivências de lazer.*

Os momentos de aprendizdos são subjetivos, visto que nem todos os dias os adolescentes demonstram estar interessados em realizar atividade, e nestes dias há pouca participação e o envolvimento, o que prejudica o desenvolvimento dos processos educativos destes e dos demais adolescentes, pois tiram a atenção e a concentração da aula.

As situações de aprendizagem transcendem os conteúdos, e ensinam valores, crenças e atitudes. Os educadores, parceiros e demais profissionais que estão engajados nas práticas sociais, preocupam-se em ensinar os conteúdos propostos, mas também dialogam sobre as condutas inadequadas, respeito, dignidade e os que perpassam pelas relações interpessoais, para que os adolescentes possam ser inseridos na sociedade, com algumas garantias de construir um outro projeto de vida.

Um dos elementos da cultura hip-hop é o Rap. Neste elemento, as reivindicações sociais, os movimentos de resistências são presentes retratando as dificuldades do cotidiano. Segundo Stoppa (2005, p.47), “o movimento hip-hop procurar questionar os signos consumidos desordenadamente no cotidiano e, ao mesmo tempo, aproveitar-se desses elementos para construir seu estilo e suas ações”. Na vivência dessa prática, os têm a possibilidade de tomar conhecimento dos seus direitos e reivindicá-los de um modo não hostil, não violento.

As atividades de educação profissional também foram significadas como de lazer, valorizando novos aprendizdos, e possibilidades de inserção no mercado de trabalho. As oportunidades relacionadas a profissionalização em situação de privação de liberdade podem contribuir para uma mudança na trajetória de vida dos adolescentes, entretanto, necessitam estar aliadas a políticas públicas que realmente propiciem condições para que estes jovens continuem estudando e sendo formados para o mercado de trabalho formal.

As pessoas aprendem umas com as outras e a cada dia vivem novas experiências, mas para que isso ocorra é necessário que elas estejam abertas para aprender no convívio com o outro. O convívio com adolescentes e funcionários possibilita outros aprendizdos decorrentes dessa interação, como podemos verificar no trecho a seguir.

De acordo com Almeida (2005, p. 08)

[...] entenderemos o lazer dos presos através do fenômeno da prisionização, pois o lazer é incorporado na prisionização e integra-se a partir das normas do grupo. As atividades desenvolvidas pelos presos refletem uma ótica a partir do ilícito pela lei e sociedade, onde ocorre a reprodução de um certo tipo de linguagem e modos de relacionamento interno.

Além dos aprendizados oriundos das práticas sociais asseguradas em seus direitos, como as culturais, profissionais, escolares e esportivas, as relações com os adolescentes ensinam novas regras de convivência, novos significados às expressões e assim novas formas de se expressar.

A televisão e o rádio constituem recursos que visam assegurar o direito de acesso aos meios de comunicação social, sendo também, um dos momentos de lazer dos adolescentes, que gostam de assistir novelas, desenhos e programas esportivos.

A televisão tem um papel importante na dinâmica do presídio, não relacionado a grupos de controle ou mesmo a formas expressas de poder. Todas as atividades anteriores possuem algum viés de ação estratégica. A televisão, por sua vez, paira no presídio como um ente, uma forma de relação com o mundo externo. A televisão aparece como um grande filme, pelas pessoas estarem distantes da realidade apresentada. Das propagandas aos objetos de consumo. A televisão é como um quadro eletrônico que apresenta o precipício do mundo externo e interno (ALMEIDA, 2005, p. 05).

A própria organização dos adolescentes quanto a escolha dos canais ou programas que são permitidos, é uma atividade significativa que possibilita o diálogo para chegarem a um consenso do que assistirão. Segundo os funcionários que acompanham os momentos em que o uso da televisão está disponível, alguns programas denominados sensacionalistas e que apresentam muitas notícias de criminosos que foram presos ou estão foragidos, não são autorizados, pois podem provocar desestabilização da ordem.

- 3. Identificar a compreensão dos adolescentes sobre o cumprimento de sanção e propor encaminhamentos que possam proporcionar processos educativos no cumprimento das sanções.*

Toda falta disciplinar gera uma sanção, que segundo o Regimento Interno pode ser a suspensão de atividades esportivas não obrigatórias, recreativas e de lazer, internas ou externas.

Como atividades esportivas não obrigatórias, compreende-se as promovidas por profissionais do próprio Centro de Atendimento, e obrigatórias as que fazem parte da grade curricular da rede Estadual de Educação, chamado de Ensino Formal.

Tendo em vista, que os colaboradores já haviam cumprido sanções por faltas disciplinares, identificamos que alguns deles concordam com as ações tomadas pela equipe e outros sugerem alterações. Os adolescentes relatam que compreendem que as faltas disciplinares acarretam a suspensão de algumas atividades, em dado momento colocam-se no lugar do outro, pensando que poderiam ser as vítimas de suas ofensas e/ou agressões, bem como a ampliação no tempo de cumprimento de medida socioeducativa caso o poder judiciário julgue como uma falta grave.

A restrição de participar em atividades recreativas e de lazer, implica em ficar isolado no dormitório. Quando questionados sobre estes aspectos identificamos diferentes interpretações acerca do isolamento. Para alguns adolescentes o isolamento é uma punição que gera tensão e não faz com que haja uma reflexão sobre a conduta inadequada que teve, de modo que faz aumentar a ira e conseqüentemente a ocorrência de outras faltas disciplinares ainda no dormitório ou logo após o cumprimento da sanção.

Quantos aos encaminhamentos quando o adolescente não cumprir as regras do Regimento Interno, um dos adolescentes propõe que seja bem analisada a ocorrência por meio do diálogo, que os profissionais que estarão envolvidos na análise da situação devem ouvir os servidores e também os adolescentes e suas testemunhas, para que seja um processo mais neutro, de modo que os servidores nem sempre tenham razão independente das circunstâncias.

Nesse sentido, relacionamos Freire (2005) que menciona que a revolução pode ser vista de duas maneiras, como forma de dominação ou como um caminho de libertação, e para que esta seja de libertação o diálogo com as massas é uma exigência radical de toda revolução autêntica. O pensar com elas, deixar que elas pensem seria o caminho necessário para a superação da contradição imposta pelos dominadores. A dominação é não permitir que as massas pensem.

Para um dos adolescentes colaboradores, quando estiverem em cumprimento de sanção devem ter acesso a televisão, ou seja, para este adolescente ficar no dormitório

seria mais agradável se tivesse a oportunidade assistir televisão, pois assim sequer pensaria nos atos que cometera.

Pode-se afirmar portanto, que para alguns adolescentes a falta disciplinar deve ser avaliada e a sanção aplicada, pois somente assim haverá um processo educativo, fazendo com que o adolescente reflita sobre seus atos. E para outros a sanção em nada contribui, pois os pensamentos negativos predominam quando estão longe da participação das atividades de lazer.

Neste sentido, os adolescentes que discordam a aplicação da sanção, apontam para um diálogo e um processo de reflexão no qual se o autor da falta disciplinar reconhece e se desculpa, poderia não ser sancionado, tendo em vista o diálogo estabelecido com a equipe e a consecutiva remissão.

Ponderamos que este encaminhamento é pertinente ao analisarmos que a submissão a Comissão de Avaliação Disciplinar e a aplicação de sanção pode prejudicar o andamento do processo judicial do adolescente. Sendo assim, poderia ficar por mais tempo em situação de privação, e muitas vezes não foram faltas graves, o que implica no que dispõe o ECA, quando trata da brevidade da medida.

Outra reflexão que nos cabe, refere-se à compreensão do conceito de lazer da instituição, uma vez que, entende que as atividades sem orientação, enquadram-se em atividades recreativas e de lazer. Considerando que a ação pedagógica complementada pelo desenvolvimento de conteúdos obrigatórios assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente, são desenvolvidos na perspectiva de preparar os adolescentes em privação de liberdade para a vida, incluindo o lazer neste processo formativo, sendo educados tanto pelo o lazer, quanto para o lazer.

Consideramos que este estudo não é conclusivo, e verificamos que adotando um olhar atento e uma escuta sensível as falas dos adolescentes que estão em cumprimento de medida socioeducativa de internação, pode favorecer a compreensão dos atos cometidos antes e durante a privação. Sendo uma tarefa complexa, pois o convívio com estes dificulta um distanciamento do olhar julgador que compromete a reflexão sobre os processos educativos nas distintas práticas sociais.

Os resultados desta pesquisa contribuem com à área da educação, tendo em vista que apresentou a dinâmica institucional, após as mudanças de FEBEM para Fundação CASA, e identificou alguns dos processos educativos decorrentes de práticas sociais em privação de liberdade, considerando as peculiaridades do contexto. Além de, promover momentos de formação profissional e pessoal enquanto sujeito desse processo de

promoção de novas oportunidades aos adolescentes que em muitas instâncias são excluídos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco A. B.; GUTIERREZ, Gustavo L. . **Lazer e Presídio: uma relação que não se busca**. In: I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2002, João Pessoa. I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2002.

ALMEIDA, Marco A. B. **Lazer e reclusão: contribuições da teoria da ação comunicativa**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003a.

_____. Lazer e presídio: a relação que não se busca. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 6, p. 71-81, 2003b.

_____. O lazer na reclusão: construção de novos modelos. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 10, n. 83, p. 1-1, 2005.

ALMEIDA, Suzana M. **A medida socioeducativa de internação: um discurso produzido a partir da fala de profissionais e adolescentes**. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva). Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2004.

ANDRÉ, Marli . E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa educacional**. Brasília: Liber Livro, 2005.

BETTI, Mauro; KUNZ, Elenor; ARAUJO, Lísia. C. G.; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Por uma didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.28, n.2, p. 39-53, jan. 2007.

BODGAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de jovens e adultos: 2º segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série**. Brasília, DF. MEC, 2002a.

BRASIL. Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Secretaria de Educação Fundamental. **Livro introdutório: documento básico: ensino fundamental e médio**. Brasília, DF. MEC/INEP, 2002b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE/ Secretaria Especial de Direitos Humanos**. Brasília: CONANDA, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)**. 6ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: 2011.

CAMARGO, Luiz O. de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 2).
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo, Ed. Ática, 2000.
- CONCEIÇÃO, Willian L. da; GONÇALVES JUNIOR, Luiz Aulas de Educação Física com adolescentes em conflito com a lei.. In: **III Congresso Internacional de Pedagogia Social**, 2010a, São Paulo. Proceedings online... Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES):
- CONCEIÇÃO, Willian Lazaretti da; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Educação física escolar: uma experiência com adolescentes em privação de liberdade**. In: III Seminário de Estudos em Educação Física Escolar, 2010, São Carlos. Anais... São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2010b, p.9-43.
- CONCEIÇÃO, Willian L. da; ONOFRE, Elenice M. C. Educação Física na Fundação CASA: a conquista de um direito. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1 (Supl.1), S1-S523, jan./mar. 2011.
- DELGADO, Mônica. **Conteúdos culturais do lazer: presença e aplicabilidade na hotelaria**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- DIAS, Aline F. **O jovem autor de ato infracional e a educação escolar: significados, desafios e caminhos para a permanência na escola**. Dissertação (mestrado em educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- _____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1), 1986, p.3-10.
- FIORI, Ernani M. Textos escolhidos: Volume II. **Educação e Política**. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- FORTUNATO, Marisa. **Medidas Socioeducativas e Educação: uma relação difícil, mas possível**, 2011. Disponível em <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/artigos/388-medidas-socioeducativas-e-educacao-uma-relacao-dificil-mas-possivel>
Acesso em 23.07.2011
- FRANCO, Maria L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GALLO, Alex E.; WILLIAMS, Lúcia C. A. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v.8, n.133, p. 41-59, jan./abr. 2008.
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOIFMAN, kiko. **Valetes em Slow Motion – a morte do tempo na prisão: imagens e textos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

GOMES, Christianne L. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). Tese (Doutorado em Educação). Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Dialogando sobre a capoeira**: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. In: IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física: "Das Escolas de Ofício à Profissão Educação Física". 4, 2008, Bauru. (Palestra).

GUTIERREZ, Gustavo L. **Lazer e prazer questões metodológicas e alternativas políticas**. São Paulo; Edusp, 2001a.

GUTIERREZ, Gustavo L. Lazer exclusão social e militância política. In: BRUHNS, H. (Org.) **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2001b.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acion Comunicativa**. Versión Castellana de Manoel Jemenez Redondo. Madri: Taurus Tomo I e Tomo II, 1987.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

LAVILLE, Chistian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**. Paris, L'Arche, 1958.

LOMBARDI, Maíra I. **Lazer como Prática Educativa**: As Possibilidades para o Desenvolvimento Humano. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo:EPU, 1986.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

_____. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 2010.

MATTA, Roberto da. O ofício do Etnólogo ou como ter Anthropological Blues. In Edson de oliveira Nunes (Org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MELO, Victor A.; ALVES JUNIOR, Edmundo D. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria C. (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, Ivanise L. Processo educativo: a práxis intencional e o resgate da cidadania. **Revista Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 1, Jan. 1998

NEIRA, Marcos G.; NUNES, Mário L. F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo, Forte, 2009.

NOGUCHI, Natália F. C. **Seguro na FEBEM-SP: universo moral e relações de poder entre adolescentes internos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Maria V. de; GONÇALVES E SILVA, Petronilha B.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza Z. Processos Educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: **Reunião Anual da Anped**, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2009.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução a sociologia**. São Paulo: Ática, 2010.

PASSETI, Edson. **O que é menor?** 2ª Ed. Brasília: Brasiliense, 1986.

PAULA, Liana de. **Liberdade assistida: punição e cidadania na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

SANCHES NETO, Luiz; CONCEIÇÃO, Willian L. da; VENÂNCIO, Luciana e col. **Demandas ambientais na educação física escolar: Perspectivas de adaptação e de transformação**, 2012. (no prelo)

SANCHES NETO, Luiz; LORENZETTO, Luiz A. Conhecimento do corpo. In: DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2005.

SÃO PAULO. **Resolução/SEE 109**. Dispõe sobre o atendimento escolar dos adolescentes privados de liberdade nas Unidades de Internação - UI e Internação Provisória - UIP da Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor - Febem-SP Resolução/SEE 109/2003.

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA, **Portaria Normativa n.º 136/2007**. Institui, no âmbito da Fundação o Regimento Interno das Unidades de Atendimento de Internação e de Semiliberdade. Disponível em <http://fundacaocasa.sp.gov.br/>

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA, **Portaria Normativa n.º 155/2008**. . Institui, no âmbito da Fundação procedimentos para a realização de pesquisas. Disponível em <http://fundacaocasa.sp.gov.br/>

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA. Caderno de gestão compartilhada de internação. In: _____. **A gestão compartilhada no atendimento aos adolescente em medida socioeducativa de internação/internação provisória. Superintendência Pedagógica**. São Paulo: 2009a.

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA, **Portaria Normativa n.º 166/2009**. Institui as normas para a solicitação do credenciamento da entidade religiosa, 2009b. Disponível em <http://fundacaocasa.sp.gov.br/>

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA. **Educação e Medida Socioeducativa: Conceito, Diretrizes e Procedimentos**. Superintendencia Pedagógica. São Paulo: 2010. Disponível em <http://fundacaocasa.sp.gov.br/>

SÃO PAULO/FUNDAÇÃO CASA, **Portaria Normativa n.º 217/2011**. Institui, no âmbito da Fundação o novo Regimento Interno das Unidades de Atendimento de

Internação e de Semiliberdade da Fundação CASA-SP. Disponível em <http://fundacaocasa.sp.gov.br/>

SCHWARTZ, Gisele M. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-32, 2003.

SCHWARTZ, Gisele M.; CAMPAGNA, Jossett. Lazer e interação humana no ambiente virtual. **Motriz**, Rio Claro, v.12 n.2 p.175-178, mai./ago. 2006

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Benjamim C.; SAÚDE, Márcia A. R. **Eixo étnio-racial nas medidas socioeducativas**. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, São Paulo, 2008.

SILVA, Tomaz T. Depois das teorias críticas do currículo. In NÓVOA, Antônio e SCHRIEWER, J. **A difusão mundial da escola**. Lisboa, Educação, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo, conhecimento. **Educação e Realidade**, v.26, nº1, p.13-32, 2001.

STOPPA, Edmur A. **“Tá ligado mano”**: o *hip-hop* como lazer e busca da cidadania. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

TEIXEIRA, Joana D. **O Sistema Socio-Educativo de internação para jovens autores de ato infracional do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2009.

VOLPI, Mário. **Adolescentes privados de liberdade**: a normativa nacional e Internacional e reflexões acerca da responsabilidade penal. São Paulo: Cortez, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad: Daniel Grassi. 3ª ePorto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – Quadros de Focos de Análise

Quadro - Discurso Noel

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<i>Para você o que é lazer?</i> Lazer...lazer (pensando) é o momento que você se sente a vontade pra fazer o você gosta de fazer(...)	Prazer	Concepção de lazer
Você gosta de fazer aquilo sem ficar naquela rotina de deveres, tipo se você precisar sair(...)	Prazer	Concepção de lazer
Lazer é uma distração , como o futebol, algo que você se sintam bem(...)	Distração	Concepção de lazer
<i>Quais atividades podem ser de lazer?</i> Ler um livro, deixa eu ver, depende muito da hora, tem vez que futebol aqui mesmo tem ping pong. (<i>relacionou as atividades em privação</i>)	Lazer	Atividades de lazer
Na hora que tá pintando, break, grafite, isso aí tudo tá ligado ao, as coisas que puxa mais pra cultura(...)	Lazer	Atividades de lazer
(...) por conta do aprendizado também que você está aprendendo , e ao mesmo tempo que você se diverte , você se distrai , você aprende ao mesmo tempo com capoeira também(...)(<i>relacionou a resposta as atividades em privação</i>)	Distração, prazer e aprendizado	Concepção de lazer
Ah, o hip hop mesmo que é tudo junto, Dj, é ensino, é dança é tudo junto grafite num só, é tipo muitos movimentos dentro da dança se aprende que tem um que ele roda de cabeça que significa o helicóptero numa guerra que o helicóptero passava e matava jogava bombas levava uma par de gente, então você aprende com uma coisa que muitos acha que é besta porque é uma dança, você aprende coisas que são vindo passadas de muito tempo pra cá e ninguém nem imaginava o conteúdo que tem no meio daquilo(...)(<i>relacionou a resposta as atividades em privação</i>)	Aprendizado	Processos educativos
Tem, cultura, tem de muito tempo atrás, alguma coisa que tipo ali naquele momento de dança ele se assimila como um helicóptero, então tipo se você for parar pra ver, os outros tem diversos ele (o arte-educador) fala que todos tem um significado (<i>relatando sobre o que aprendeu no Hip-hop-Break, que só teve</i>	Aprendizado	Processos educativos

<i>contato durante a internação)</i>		
o que eu lembro de mente agora é essa, né mais todo tem um significado, capoeira também que era usado pelos negros como dança, mas na verdade é uma arte de luta escondido na dança, então tem diversos contextos escondido num negócio básico. <i>(relatando sobre o que aprendeu na capoeira, que só teve contato durante a internação)</i>	Aprendizado	Processos educativos
(...) professor ensina, todo mundo para pra prestar atenção, normal tranquilo. Tipo o professor tem paciência pra ensinar, e nós que estamos lá quer aprender, então nós para e presta atenção nos movimentos em tudo isso aí. <i>(relatando sobre as aulas de capoeira e hip-hop realizadas no Centro)</i>	Aprendizado	Processos educativos
tipos quando um tem dificuldade aí vai lá e pára o outro que está do lado ajuda que pegou mais fácil ajuda. <i>(relatando sobre as aulas de capoeira e hip-hop realizadas no Centro)</i>	Aprendizado	Processos educativos
<i>Quais atividades, o que você fazia no período em que estava sancionado?</i> Praticamente nada. A gente se distraía entre nós mesmo, tipo normal, entre nós, conversando(...)	Falta disciplinar	Atividades de lazer
Ah sei lá tem, por mim mesmo, eu falo eu com um livro estaria ótimo mais, tem várias coisas, logo quando eu cheguei tinha dobradura pra fazer porta retrato pra mandar pra família, cestaria com jornal, tambor de lixo grandão, diversas coisas. <i>(quando questionado sobre quais atividades gostaria de fazer no período de sanção)</i>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<i>Quais atividades de lazer você tinha antes da privação?</i> (...) geralmente o eu saía, pra algum barzinho, um som tipo, aqui eles falam baile eu ia pra outro role, então pá ia pra um show, barzinho, alguma praça	Lazer	Atividades de lazer
Aqui eles falam que é baile, que aqui é funk... <i>(lazer dos outros adolescentes, considerando os interesses diferentes)</i>	Lazer	Atividades de lazer
Não, por que funk denigre totalmente a mulher, pois coloca ela como um objeto de sexo, não tem nada a ver, as músicas que escuto aqui sei lá, não sei nem o que dizer, não tenho palavras, fala que vai se declarar pra mulher daqui a pouco tá falando que vai picotar tipo, músicas que não tem um nexo, não tem um sentido	Aprendizado	Processos educativos

interessante, totalmente oposto na verdade das músicas que eu escuto, transmite o que eu penso, tudo isso agora ali não tem nada disso(...) <i>(relatando que não gosta do funk que outros adolescentes gostam)</i>		
Tipo não generalizando, os outros(<i>adolescentes</i>) gostam de eletrônico, rock, mas também gostam de funk, tipo o rock é coisa que tipo mostra um som que transmite a realidade, sem denegrir ninguém que fale tipo que é mais, querendo ou não normalmente fala contra política coisas que normalmente eu to de acordo, se você for pegar no reggae, no rap (...) <i>(relatando sobre as diferenças entre as músicas que ouve)</i>	Aprendizado	Processos educativos
Exatamente pelas mulheres não se tocarem que aquilo é totalmente falta de ética pra elas, e colocaram as saias que não tem um palmo, e ficam lá dançando mostrando e achando que eles, a própria mulher se sente, só querem saber de dinheiro, então se tem dinheiro ela vai.	Aprendizado	Processos educativos
<i>Você aprende alguma coisa com os demais adolescentes?</i> Ah o que eu aprendi foram coisas básicas para se viver no sistema carcerário vamos dizer assim, querendo ou não estou em cárcere, cárcere privado. Então aprendi o básico de convivência entre nós, e com funcionários essas coisas(...)	Aprendizado	Processos educativos
Regras de convivência, aqui também não preciso de mais nada, a única parcela disso, eu só vou usar aqui, não creio que seja necessário lá fora, não vim do crime, não estava no crime, e não vou sair daqui pra entrar(...)	Aprendizado	Processos educativos

Quadro – Discurso Emanuel

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<p><i>Para você o que é lazer?</i> Ah! o que é lazer? Pra mim lazer é o que... é estar bem de vida. O lazer pra mim também é estar bem com sua vida, poder fazer as coisas que vocês quiser, e de vida e de saúde primeiramente</p>	Lazer	Concepção de lazer
<p><i>Quais atividades podem ser de lazer?</i> Esporte, tem outras coisas também, que nem os cursos porque é um alívio é uma distração também, nesse de técnica de pintura que to fazendo, to gostando pra caramba, porque tava no mundão não queria saber dessas coisas, e agora aprendi diversas coisas, até no grafite também.</p>	Lazer	Atividades de lazer
<p>(...)é diversas coisas né, esporte principalmente... (pensando e com sorriso) lazer pra mim também é estar bem com minha família, bem com meus pessoal né, minha namorada também.</p>	Lazer	Atividades de lazer
<p><i>Quais atividades podem ser de lazer aqui em privação?</i> Aqui dentro, futebol basquete, e quando eu tava lá no mundão mesmo eu já fiz natação também, o esporte que eu mais gosto é futebol é natação</p>	Lazer	Atividades de lazer
<p>Consegui, até naquele curso de tear eu aprendi, até pedi pra minha mãe comprar a madeirinha e a agulha, porque eu aprendi a fazer a touca e cachecol e tapete também e quero fazer no mundão. <i>(relatando sobre as atividades que faz em privação)</i></p>	Aprendizado	Processos educativos
<p>Ah, estar bem comigo mesmo? Primeiramente no dia a dia, ai né mano, é algumas coisas que eu tenho que enxergar no meu dia a dia, que tenho que tá me colocando no meu lugar tendeu?</p>	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
<p>assim eu acordo nervoso já vamos supor eu acordo nervoso aqui para evitar várias coisas eu fico ali no meu canto, ficar refletindo, ou então chegar no meu companheiro conversando umas palavras de conforto, pra não tá sabe, pra não tá se agravando com coisas mais sérias ai eu fico bem comigo mesmo(...) <i>(relatando sobre a influência de seu comportamento no desenvolvimento das atividades)</i></p>	Relacionamento interpessoal	Processos educativos

É porque eu penso no dia a dia também as vezes eu fico mais só assim sabe na sala de aula, no barraco troco umas idéias assim sabe, pra mim não ficar chapando ai troco umas idéias do mundão de consolo mesmo fico suave(...) <i>(relatando sobre o diálogo com os outros adolescentes)</i>	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
Nóis fala de onde que nós ia, as festas que nós ia, claro que nós fala de algumas mulheres e nós fala também quando sair daqui o que nós vamo fazer tal(...) <i>(relatando sobre o diálogo com os outros adolescentes no período de sanção)</i>	Relacionamento interpessoal	Atividades de lazer
(...) se nós vamo abrindo a fama, ou se vai ficar firmão, vai arrumar um trampo ai fazer um curso sabe, porque quando eu entrei aqui, desde quando eu tava lá no Brás só as mesmas idéia, vamo rouba, vamo traficar de novo (...) <i>(relatando sobre o diálogo com os outros adolescente no período de sanção s)</i>	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
(...) aqui queira ou não acho que você vai pelos quatro canto da cadeia estão falando sobre isso, poucos falam que vão ficar suave lá fora eu não sei se tem medo ou se tem vergonha entendeu? Eu falo por mim mesmo, eu penso bastante em ficar bem é meu objetivo(...)	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
(...) sei lá, não to falando de mim, eu falo das pessoas entre nós fala vou roubar, traficar, vou fazer isso ou aquilo no mundão, eu não sei se é medo de nós zoar tal tendeu?	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
Assim não demonstrar para eles assim que eu mudei tal, que eu não vou fazer só para eles, primeiramente é pra mim, mas é mostrar para eles que no dia a dia que eu sou uma outra pessoa, pra que eles ficam feliz também(...) <i>(relatando o que precisa para estar bem com seus familiares)</i>	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
<i>Quais atividades de lazer você tinha antes da privação?</i> Ah por que sabe futebol tem uma quadra atrás da minha casa, tem escola ai eu ia direto de dia tarde ia nessa quadra, ai eu comecei a usar entorpecente tal(...)	Lazer	Atividades de lazer
<i>Quais atividades de lazer você tinha antes da privação?</i> (...) natação eu fui no Complexo Esportivo fiz teste tal e meu pai tem um sitio ali no bairro que ele mora ai ficava nadando direto todo final de semana ai eu que mais gosto de nadar(...)	Lazer	Atividades de lazer

Quadro 9 - Discurso Joãozinho

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<i>Para você o que é lazer?</i> Lazer pode ser até uma forma de se expressar, tipo um curso pode ser até um lazer também, lazer não é jogar bola, faz parte do lazer também	Lazer	Concepção de lazer
(...) mas diversos cursos que eu tenho ai eu posso tirar como lazer como o hip hop que o que até distrai minha mente até me divirto um pouco	Lazer	Concepção de lazer
(...) eu tiro minha mente daqui um pouco, porque é o seguinte, quando ta sem fazer nada assim a mente pesa até a cadeia pesa(...) <i>(relatando sobre o quão negativo é o tempo de ociosidade em privação de liberdade)</i>	Distração	Concepção de lazer
(..) por isso que tem que ter uns curso a, uma capoeira, um lazer, jogar um basquete, uma bola, um dominó um ping pong tudo isso faz parte do lazer no meu ponto de vista, a pintura também isso daí tudo pra mim é uma forma de lazer (...) <i>(relatando sobre a ocupação do tempo disponível durante a internação)</i>	Lazer	Atividades de lazer
(...) que é o que, até é da hora memo distrai a mente tira um pouco a mente daqui e você tipo viaja naquele negócio que você tá fazendo e se apega você gosta de fazer aquilo(...)	Distração	Concepção de lazer
(...) igual eu gosto de fazer grafite eu gosto de pintar(...)	Distração	Atividades de lazer
(...) o momento que eu to passando aqui não é um lazer(sorriso), mas ai tem certas horas também que pra tirar a mente desse lugar tem que se entreter em diversas atividades é isso pra mim o que é lazer(...)	Entretenimento	Concepção de lazer
(...) to aprendendo a colocar piso também, pra mim já é uma grande coisa porque eu não sabia fazer nada meu negocio era droga pá(...) <i>(relatando sobre as atividades que realizada em privação)</i>	Aprendizado	Processos educativos
(...) no lazer você não vai ta com a mente voltada só pro negócio é a cadeia certo? Ai da pra diferenciar que é o seguinte, na pintura é lógico que é o lazer porque se estando parado pintando sua mente vai fugir daqui rápido, jogando bola também nós é o que você vai ta fazendo exercício, correndo se mexendo(...)	Distração	Atividades de lazer
<i>Como é a relação entre vocês durante essas atividades de lazer?</i>	Relacionamento	Atividades de lazer

<p>Ah tranquilidade Senhor, porque nós se envolve muito assim no lazer entendeu? Ai a mente praticamente de todos fica entretida nesse momento nessa distração isso que é bom também, porque não é só chapando, chapando, todo mundo vai ter o momento que é de tirar a mente desse lugar um pouco, é aí que nós aproveita as horas de lazer.</p>	Interpessoal	
<p><i>Quais atividades, o que você fazia no período em que estava sancionado?</i> Ah eu vim pros curso que é colocação de piso e azulejo, ah técnica de pintura de caixinha lá, no hip hop também, ah também eu comecei o que a da um pouco de valor, porque é ruim ficar na tranca só tranca ai deram oportunidade pra eu ta descendo estudando.</p>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<p>Ah eu ficava pensando, levava os pensamento nas altura, falando com Deus também(...) <i>(relatando sobre os pensamentos que teve em período de sanção)</i></p>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<p>(...) mas na primeira tranca eu falei, vou sair mol revoltado não queria saber de mais nada com nada, ai depois que eu parei pra pensar memo, pra perceber ta ligado, falei não, vou ficar firmão, comecei a pedir a Deus ai pra me ajudar a melhorar me da um incentivo de melhora (...) <i>(relatando sobre os pensamentos que teve em período de sanção)</i></p>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<p>(...) porque é embaçado ficar aprontando e aprontando ai eu me atraso, ai nesse tempo ai foi bom pra mim parar pra perceber que o que eu tava fazendo eu tava era me atrasando, por isso que hoje em dia ae mano, eu mudei completamente minha forma de pensar, amadureci foi até consequência disso ae mesmo (...)</p>	Falta disciplinar	Processos educativos
<p>(...) eu vou ficar firmão, se acha que agora eu vou fazer por onde pra ficar trancado, eu não vou fazer por onde é o que ficar no convívio ae trocando umas idéia da hora assistindo uma televisão ou me entretendo com outros negócio. <i>(relatando sobre as ações após período de sanção)</i></p>	Falta disciplinar	Processos educativos
<p><i>Qual é a sensação de ficar trancado sozinho?</i> Ah, sei lá não isso daí parece que é pra deixar o menor mais nervoso, que ae sem colchão trancado e ainda sozinho mano o bagueio a pessoa fica mais nervosa, e se for tipo cabeça fraca vai terminar de se arrastar ta ligado, mas não se você tiver uma mente e você vai saber levar, vai saber conquistar o colchão de novo, o</p>	Falta disciplinar	Processos educativos

cobertor e ai vai.		
Ah então esse tempo que eu fiquei de tranca, eu to até evitando de dar essas idéia com meu pessoal com minha mãe e minha tia, eu prometi pra mim mesmo e pra elas que eu ia mudar não ia dar mais trabalho porque é embaçado(...)	Falta disciplinar	Processos educativos
(...) ai eu to o que até evitando até falar palavrão, falar em gíria que é pro meu bem memo, não é pros outros não é pro próximo é pra mim mesmo, se eu quiser o bem pro próximo pelo menos eu tenho que querer o meu bem(...)	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
Igual pá, eu fico pensando vou mudar de vida não vou mais ficar no crime não que eu to de maior ta ligado senhor. Ai eu vou acaba tirando cinco ano seis ano fica fechado(...)	Relacionamento interpessoal	Processos educativos
(...) essa aqui é a primeira e a última vez que to preso pá, vou fica é firmão, igual meu pessoal falo que vai me ajudar já vai quando eu sair daqui vai me ajuda a arrumar um emprego, igual falou que tinha um emprego pra mim, mas só que se eu tivesse na rua já ia trabalhar, eu sem ta na rua minha tia já ta arrumando emprego pra mim, já vou sair praticamente empregado(...)	Aprendizado	Processos educativos

Quadro – Discurso Otávio

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<i>Para você o que é lazer?</i> Lazer, lazer é poder viver solto, jogar uma bola(...)	Lazer	Concepção de lazer
(...) distrair a mente , no sábado ou domingo sair com a família(...)	Distração	Concepção de lazer
(...) ah tem vários tipos de coisa também que eu posso fazer também através do lazer é distrair é poder pular ficar feliz, porque hoje em dia o lazer que eu tenho o lazer que eu tenho é pensar e pensar, mas também se for por na balança até pra se raciocinar e ver o que eu fiz também (...) (<i>relatando sobre as mudanças decorrentes da privação de liberdade</i>)	Lazer	Atividade de lazer
(...) mas lazer, lazer não to tendo mais não porque é difícil eu jogar uma bola distrair a mente mais de vez em quando eu tento ter um lazer sim.	Distração	Concepção de lazer
<i>É possível ter momentos de lazer aqui dentro?</i> Ah! Não igual era antes né, mas algum momento tem o lazer sim, que é distrair jogando uma bola conversando com o próximo, porque tem dia memo que pra ta com a mente boa é difícil memo, mas o lazer que eu queria mesmo era ta com a minha família.	Lazer	Atividade de lazer
<i>Quais atividades de lazer você tinha antes da privação?</i> Tudo, jogava uma bola, vídeo game, final de semana ia pro campo pesca, tudo isso era meu lazer(...)	Lazer	Atividade de lazer
A atividade mais que eu faço de vez em quando é jogar uma bola e os cursos também e o esporte também que você se movimenta, observa tira de lógica(...) (<i>relatando sobre as atividades que faz em privação</i>)	Lazer	Atividade de lazer
Tirar de lógica é o que eu observar e ta aprendendo através daquele negócio, não é só jogar bola é praticar também, é através da observação tirar um aprendizado.	Aprendizado	Processos educativos
<i>Como você consegue aprender nessas atividades?</i> Quando eu to concentrado né senhor, quando eu chego falo hoje eu vou aprender, se eu quere eu aprendo se eu não quere também não aprendo, então	Aprendizado	Processos educativos

sempre ta com a mente aberta no que se ta fazendo pensa o que se vai fazer, porque até então pode adianta como atrasa também e eu procuro adianta através do aprendizado.		
Ah quando eu faço colocação de piso eu lembro do meu pai, dos momentos de serviços e lazer que eu tive com ele através do serviço.	Lazer	Atividades de lazer
<i>Quais atividades, o que você fazia no período em que estava sancionado?</i> Pensando né senhor nas minhas atitudes... A única atividade que eu tive foi pelo raciocínio, pensando(...)	Falta disciplinar	Atividades de lazer
Pra ver até aonde nós chega, fico pensando raciocinando também deitado na cama e fico pensando na família direto,mas o que importa é que eu to firme e forte ai senhor. <i>(relatando sobre os pensamentos que teve em período de sanção)</i>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<i>Qual é a sensação de ficar trancado sozinho?</i> Vo falar pro senhor ficar trancado sozinho não é bom não, sem convivência(...)	Falta disciplinar	Processos educativos
(...) mas também o que eu fiz eu fico lá pra mim pensa, raciocina, não vo bate de frente se eu tiver errado, mas se eu tiver certo também eu vo bate de frente(...)	Falta disciplinar	Processos educativos
(...) mas o que eu aprendi, a observar mais e fala menos, e também fica lá dentro de tranca não é bom não, pensando na família, pensando em varias coisa ai, o que eu fiz o que eu não fiz ai eu to firme e forte de ficar trancado sozinho(...)	Falta disciplinar	Processos educativos
(...) quero ficar no convívio fazer minhas atividades e distrair minha mente .	Distração	Atividades de lazer
Nóis tira sim um aprendizado sim através de tudo que nós faz (...) <i>(contando sobre os aprendizados no decorrer das atividades)</i>	Aprendizado	Processos educativos
<i>Você consegue aprender alguma coisa com os demais adolescentes?</i> Consgo também senhor. Como que eu consigo com eles, eles também pode conseguir comigo(...) <i>(falando sobre o aprender uns com os outros)</i>	Aprendizado	Processos educativos
Hip hop, tens uns ainda que não tão desempenhado, não ta bom ainda, vou lá dou uma força pra ele, pra ele aprender comigo, como que eu vo aprender com ele também, se eu não souber ele vai me ensinar se eu também não sabe ele vai me ensinar(...) <i>relatando sobre como um pode ensinar o outro no decorrer das atividades de hip hop</i> .	Aprendizado	Processos educativos

<p>Acho que pode ser na base do dialogo, mas até então podia ver o menino no dia a dia pra ver se o erro dele foi agravante mesmo, ver os dois lados da moeda memo aí senhor(...) <i>(relatando sobre como deveria ser o processo de avaliação das faltas disciplinares)</i></p>	<p>Falta disciplinar</p>	<p>Processos educativos</p>
<p>(...) até então tem que ter o conhecimento que o que você fez pode acarretar também, tem que esta sempre atento porque até então se você fez você vai te que pagar né, é o modo é a lei, mas se fosse pra mudar igual eu falei memo é avaliar os dois lados e se ele(o que cometeu ato infracional) não mudasse ai sim levava pra essa outra base, que é a da tranca(...)</p>	<p>Relacionamento Interpessoal</p>	<p>Processos educativos</p>
<p>(...) eu encaro de uma forma sadia, corro atrás, ah tem vários tipos de distração, jogo uma bola, troco umas idéia, mas esse negócio de ficar na privação é bem ruim memo (...) <i>(relatando como encara o lazer dentro da privação de liberdade)</i></p>	<p>Distração</p>	<p>Atividade de lazer</p>
<p>(...)o negócio, não é como lá fora, você se expressa de outro modo aqui dentro, de um modo diferente de você ser a mesma pessoa, você não é a mesma pessoa que você era lá fora, porque aqui dentro você aprende muitas coisas, você esquece do mundo(...)</p>	<p>Relacionamento Interpessoal</p>	<p>Processos educativos</p>
<p>(...) você fica meio com o pensamento nas coisas mais que venha agora de jogo que nem igual o futebol aqui dentro, no mundo tem vários tipos de brincadeira, pra você jogar brincar se divertir, aqui dentro é a mesma coisa direto uma dama um vôlei, um basquete, futebol (...) <i>(relatando a falta de diversidade em atividades de lazer)</i></p>	<p>Lazer</p>	<p>Atividade de lazer</p>
<p>(...) as idéia já me fortalece, me deixa mais elevado, já da uma distração nas idéia, nós tira uma distração nas idéia, que é o que, até uma brincadeira também (...) <i>(relatando sobre o diálogo com os outros adolescentes)</i></p>	<p>Relacionamento Interpessoal</p>	<p>Atividade de lazer</p>
<p><i>Quais atividades de lazer você tinha antes da privação?</i> Ah lá fora nós jogava pega lata, policia e ladrão, pique esconde, pipa, outros tipos de brincadeira, de distrações(...)</p>	<p>Lazer</p>	<p>Atividade de lazer</p>
<p>(...) o que pode acontecer e o que pode não acontecer, quando você menos espera, acontece, tem vários tipo de brincadeiras como por exemplo, no polícia e</p>	<p>Lazer</p>	<p>Atividade de lazer</p>

ladrão você já tira uma realidade, você vê o que pode e o que não pode, todo dia senhor (...)		
<i>Você consegue aprender alguma coisa nessas atividades?</i> Deixa eu ver, ah no futebol também, no futebol quando você joga seu objetivo é ganhar e não perder, então o futebol também é um objetivo sempre que for jogar nós tenta ganhar mais se perder também faz parte(...)	Aprendizado	Processos educativos
Conversamos sobre o que nós ia fazer quando saísse dali da trancas(...) <i>(relatando sobre os pensamentos que teve em período de sanção)</i>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
Tava planejando jogar um futebol... Porque é a minha cara né jogar um futebol distrair a mente jogar uma bola, fala pra mim qual é o homem que não gosta de jogar uma bola, é difícil né?! <i>(relatando sobre os pensamentos que teve em período de sanção)</i>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
(...) jogava mais lá fora né, aqui dentro nós joga de vez em quando, quando dá a loca também (...) <i>(relatando que diminui sua participação devido a privação)</i>	Lazer	Atividades de lazer
Basquete, handebol nós joga... Atletismo também, atividade boa, caixa de área, corrida (...) <i>(relatando as atividades de lazer que realiza em privação)</i>	Lazer	Atividades de lazer
Ah porque nesse momento que eu tiro um entendimento , me expresso de outra forma, de uma forma mais sadia, de uma forma mais boa, não fico aqui sem fazer nada(...) lá eu fico se expressando de outro jeito, to fazendo alguma coisa, tomando outro tipo de atitude. No jogo, to com o pensamento no jogo, com aquele foco(...) <i>(relacionando as atividades realizadas no espaço da quadra)</i>	Aprendizado	Processos educativos
Ah tem que ver mesmo o que se ocorre né senhor. Porque sempre em alguns caso eles não vê o que se ocorre e acaba complicando quem não fez o negócio certo, aí nós tem que ver certo avaliar pra ver se é o correto, eles já pensam que é o correto, quer de imediato resolver o negócio, não é dessa forma eles tem que ver e pra ter certeza pra afirmar uma coisa, eles afirma sem ver o negócio, eles vai por eles, tem que ir por eles ta certo, mas eles tem que ir pelo certo, porque do jeito que tava indo não ta certo não(...) <i>(relatando sobre o julgamento que é feito quando ocorre falta disciplinar).</i>	Falta disciplinar	Processos educativos
O diálogo é conversar com nós né senhor, não deixar nós trancado naquele	Falta disciplinar	Processos educativos

<p>quarto pagando veneno, olhando pras paredes, sem falar com ninguém, muitas vezes sem fazer nada, certo, agora se eles viesse conversar com nós, nós podia ta aprendendo de um outro jeito, de uma forma até mais agradável, não do jeito que eles faz que é trancar a gente no quarto e deixar nós lá(...) <i>(sugerindo como deve ser feito o processo de avaliação da falta disciplinar)</i>.</p>		
<p>A rotina, (suspiro) todo dia você acorda com o mesmo funcionário te chamando, quando não é o funcionário é o mesmo menor te chamando, é um negócio doido o lugar aqui é a mesma forma, você desce é o mesmo café o mesmo pão, não muda o pão pra você comer, não muda o sabor do leite ta difícil o negócio(...)</p>	<p>Relacionamento Interpessoal</p>	<p>Processos educativos</p>

Quadro – Discurso Flamengo

Unidades de significado	Tema	Focos de análise
<p><i>Para você o que é lazer?</i> aonde que eu posso passar a melhor parte do tempo, e conseguir tirar um pouco a mente desse lugar...</p>	Lazer	Concepção de lazer
<p><i>Em relação as atividades de lazer em privação</i> alguns curso da pra nós conseguir tirar o pensamento desse lugar(...)hih hop, é capoeira, pintura em madeira, colocação de piso(...) ah educação física também, tem vôlei, futsal, basquete e handebol, ping pong também</p>	Lazer	Atividade de lazer
<p>Ah, o momento de lazer é quando eu consigo tirar uma distração, joga um jogo, conversar um pouco é uma distração que nós tem aqui, conseguir conversar um pouco sobre o mundão, tal, falando sobre umas minas pá, família né quando a pessoa tá sei lá, tá castelando o pessoal dele, nós chega e conversa ai consegue fala um pouco, uma distração leva um pouco na esportiva né (<i>Em relação as atividades de lazer em privação</i>).</p>	Lazer	Atividade de lazer
<p><i>O que é tirar uma distração?</i> Sei lá uma brincadeira, você conseguir, a pessoa tá triste você conseguir fazer a pessoa dar risada, distração pra ver se a pessoa tira um pouco a mente só daquilo e consegue focar em outra coisa.</p>	Relacionamento Interpessoal	Processos educativos
<p><i>E você consegue aprender alguma coisa nessas atividades?</i> Ah bastante né, tem pessoa que vendo esse assim esse lazer consegue até amanhã quem sabe ser um professor né, quem sabe a pessoa quer um futuro desse pra ele.</p>	Aprendizado	Processos educativos
<p><i>Quanto ao período e as atividades em sanção</i> Na primeira uns cinco dias, na segunda uns um mês e na terceira uns dois dia, na ultima uns dois meses(...) não teve mês que não tinha como usar as salas e nós ficou no barraco mesmo(...)porque teve um tumulto na unidade e acabou alguns lugares sendo danificado ai num deu pra nós ficar lar e utilizar as salas(...)</p>	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<p>Sempre que eu tava lá também, os educacional levava uns caça palavra pra nós, mas num distraia muito a mente, tinha vez que o pastor subi lá pra ler um pouco a palavra de Deus pra nós e a pessoa lá também começa a pensar um pouco na vida nos erros, por uma parte é ruim, e por outro é bom, porque a pessoa também começa a ver que aquilo só dá</p>	Falta disciplinar	Atividades de lazer

sofrimento só, com aquele erro, a pessoa vai sofrer e não errar de novo naquele erro, não vai persistir no erro já não vai errar mais (<i>relatando as vivências em período de sanção</i>).		
<i>E o que você sugere no período de sanção?</i> Ver televisão. Ah ver o que esta acontecendo lá fora, terremoto, as pessoas passando fome lá na África.	Falta disciplinar	Atividades de lazer
<i>Você acha que com a televisão seria uma forma de aprender algo sobre a falta que cometeu na unidade?</i> Ah da um pouco pra pessoa ver que aquilo não vai ajudar em nada, só vai atrasar.	Falta disciplinar	Atividades de lazer
(...) a respeitar o espaço do outro né, querendo ou não nós tem que um aprender a conviver com o outro, querendo ou não nós ta todos na mesma situação (...) independente de cor e raça, querendo ou não nós somos todos iguais, perante a Deus. (<i>contando sobre a relação entre adolescentes</i>).	Relacionamento Interpessoal	Processos educativos
(...)pra mim aqui é uma faculdade tipo uma escola pra pessoa aprender a conviver com as pessoas, independente de B.O. a pessoa tem que aprender a controlar seus impulsos, aqui é um lugar que tá reeducando nós, algumas coisa que nós deixa de fazer e tão mostrando pra nós que tem coisa que é direito nosso e tem coisa que é dever nosso, de respeitar os outros adolescentes, funcionários, que é um dever nosso de respeitar as pessoas como cidadão. (<i>Contando sobre o conviver com o outro</i>).	Relacionamento Interpessoal	Processos educativos
Controlar mais as suas palavras, que quando se tá la fora você não pensa antes de falar, a palavra é o chicote do corpo, quando a pessoa fala não dá pra voltar atrás depois né, pode contornar, mas não tem como voltar atrás, e aqui a gente vê que esse negocio de falar palavrão de não respeitar pai e mãe. (<i>relatando sobre o que o ambiente de controle pode ensinar</i>).	Relacionamento Interpessoal	Processos educativos
(...)aqui a gente vê que nós ta preso, e se a pessoa não da valor pro pai e a mãe no mundão a pessoa falava vou roubar e a mãe dizia que roubar filho, a pessoa não ouve pai e mãe e vem parar aqui dentro, mãe e pai não é quando você precisa, mãe e pai tem que ser respeitado a todo momento. (<i>relatando sobre a valorização da família</i>).	Relacionamento Interpessoal	Processos educativos

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, _____, está sendo convidado para participar da pesquisa sob o título “Lazer e adolescentes em privação de liberdade: um diálogo possível”, a qualquer momento antes da conclusão deste você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(a) estudante/pesquisador/professor ou com a instituição. O objetivo geral deste estudo é compreender os processos educativos decorrentes da prática social do lazer para a educação de adolescentes em situação de privação de liberdade e identificar os processos educativos que estes adolescentes sofrem quando privados da participação nas atividades. e os objetivos específicos são: a) Descrever as práticas sociais relacionadas ao lazer existentes no contexto da privação de liberdade; b) Identificar e descrever como os adolescentes aprendem por meio das vivências de lazer; c) Identificar a compreensão dos adolescentes sobre o cumprimento de sanção e propor encaminhamentos que possam proporcionar processos educativos no cumprimento das sanções. Sua participação neste estudo consistirá em permitir o registro de observações e registros em diários de campo, conceder entrevista gravada e respostas a questionário (se necessário), para uso exclusivamente acadêmico. Os riscos com sua participação estão relacionados à: 1) os que poderiam acontecer ao decorrer de uma vivência de lazer e 2) sentir em algum momento constrangimento durante os procedimentos metodológicos. Poderá haver benefícios com a sua participação no sentido de identificar os benefícios desta prática social para a vida dos adolescentes que dela participam, identificando a relevância dos momentos de lazer mesmo em privação de liberdade e diminuir as sanções que restringem o convívio social. Salientamos que seu nome e o Centro de Internação da instituição a que está vinculado não serão citados no trabalho objetivando preservar a identidade de cada um dos participantes. Considerando a restrição à liberdade a justificação clara da escolha dos sujeitos desta pesquisa, se deu devido a serem sujeitos que já cumpriram sanção disciplinar e tiveram seus direitos ainda mais restringidos. Vale ressaltar que somente participarão se o Poder Judiciário junto aos familiares e sujeitos demonstrarem interesse, e não haverá suspensão do direito de informação do indivíduo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais e o telefone do(a) estudante/pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Willian Lazaretti da Conceição

(RG: 42.372.979-2 - Tel.: 2303-3377/ aluno(a) regular do PPGE/UFSCar, orientado(a) pelo(a) Prof.(a) Elenice M. C. Onofre)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Guarulhos, ____ / ____ / ____.

Nome do Sujeito da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Nome do Responsável pelo Sujeito da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Juíza da Vara da Infância e da Juventude